



FORMAÇÃO da CIDADE

EDUCAÇÃO INFANTIL



Prefeitura da Cidade de São Paulo

Ricardo Nunes

Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Bruno Lopes Correia

Secretário Adjunto de Educação

Ronaldo Tenório

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação

das Diretorias Regionais de Educação – Dres

Coordenadoria Pedagógica - COPED

Simone Aparecida Machado - Coordenadora

Divisão de Educação Infantil - DIEI

Mariana Silva Lima - Diretora



FORMAÇÃO
da CIDADE
EDUCAÇÃO INFANTIL



Prezadas/os educadoras/es,

É com alegria que apresentamos esse documento que subsidiará sua participação no curso optativo intitulado **Formação da Cidade**. Em interface com o Currículo da Cidade: Educação Infantil, a formação tem como premissa promover diálogos e reflexões voltados à garantia de boas experiências de aprendizagens no cotidiano vivido por bebês, crianças, familiares/responsáveis e educadoras/es que atuam nas Unidades Educacionais (UEs) da cidade de São Paulo.

A **Formação da Cidade**, edição 2023, que institui-se em continuidade à de 2022, tem como centralidade a pesquisa do cotidiano na perspectiva da reflexão e análise crítica, possibilitando compreender o vivido a partir dos documentos curriculares da Rede Municipal de Ensino de São Paulo (RME-SP). Seus objetivos são fortalecer as propostas de formação continuada e contribuir com os processos autorais sobre o pensar e fazer pedagógicos para/com bebês e crianças nos espaços coletivos de Educação Infantil da cidade de São Paulo.

O percurso deste ano decorre das ações formativas, das visitas às UEs e acompanhamentos vivenciados pela equipe da Divisão de Educação Infantil (DIEI) ao longo de 2022. A partir da observação, registro e reflexão sobre tais processos, foi possível elencar prioridades e demandas na Educação Infantil da RME-SP.

Considerando o princípio de equidade, compreendemos que o planejamento nas UEs precisa partir de práticas antirracistas, não xenofóbicas, inclusivas e que considerem as relações de gênero. Nesse sentido, a **Formação da Cidade** compromete-se a tratar relações raciais, de gênero e educação inclusiva, não de modo transversal, mas estruturante nos diversos planejamentos e propostas ofertadas.

Esse curso acontecerá entre março e novembro de 2023 e será composto por: encontros síncronos, leituras, pesquisa e realização de atividades em ambiente virtual de aprendizagem. Durante os momentos coletivos, na UE em que atua, troque reflexões com seus pares, lembrando que é fundamental estabelecer relações entre seus estudos com as vivências cotidianas.

A **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e trocas de saberes.

Bons estudos!

ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO:

A Formação da Cidade, edição 2023, terá a carga horária de **48** horas anuais:

- Para profissionais de **unidades diretas**, as horas serão divididas mensalmente em 4 horas assíncronas e 1h20 de *live*. Lembrando que tanto a proposta síncrona quanto a assíncrona computarão presença;
- Para profissionais de **unidades parceiras**, as horas serão distribuídas 5h20 mensais assíncronas. A gravação das *lives* será disponibilizada para as/os cursistas;

A **frequência** se dará por meio de acompanhamento das atividades realizadas durante o curso:

- Para profissionais de **unidades diretas**, a DIEI fará o acompanhamento;
- Para profissionais de **unidades parceiras**, as DIPEDs farão o acompanhamento;

O recebimento de **certificação** (incluindo pontuação para fins de evolução funcional - *para profissionais das unidades diretas*) fica condicionado à frequência individual de *participação igual ou superior a 85% e aproveitamento igual ou superior a satisfatório*.

O percurso formativo mensal estará disponível todo dia 1º de cada mês na plataforma do *Sistema de Gestão de Aprendizagem - SGA*. No SGA é possível comunicar-se com a/o tutora/or, postar as atividades e acessar os materiais do curso:



- **Mural:** Comunicação exclusiva do/a tutor/a para o grupo, o/a cursista apenas responde em forma de comentários;



- **Atividade:** Espaço exclusivo para postagem de atividades do percurso formativo de cada mês;



- **E-mail:** Comunicação exclusiva da/o cursista com o/a tutor/a;



- **Lives:** O link para as *lives* serão disponibilizados no material do percurso formativo de cada mês.

A formação será realizada a partir da subdivisão em dois grupos:

“A Educação Infantil de 0 a 3 anos nos espaços coletivos de Educação na Cidade de São Paulo”



OBJETIVOS:

- Caracterizar as especificidades da docência com bebês e crianças pequenas;
- Conceituar as ações articuladas à Educação e ao Cuidado;
- Provocar ações intencionais na organização dos espaços do CEI;
- Reconhecer a pesquisa e autoria docente na produção de registros;
- Compreender as dimensões de qualidade que compõem o atendimento de bebês e crianças bem pequenas.

“A organização de contextos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças de 4 e 5 anos na Cidade de São Paulo”



OBJETIVOS:

- Conceituar a prática pedagógica articulada aos princípios do Currículo da Cidade: Educação Infantil;
- Dialogar sobre a organização do ambiente educativo enquanto estrutura de oportunidades para a aprendizagem e desenvolvimento;
- Provocar ações intencionais no âmbito das linguagens expressivas;
- Reconhecer a pesquisa e autoria docente na produção de registros;
- Compreender as dimensões de qualidade que compõem o atendimento de crianças de 4 e 5 anos.



Cronograma de encontros síncronos 0 a 3 - Unidades Diretas

- Março **28**
- Abril **25**
- Maio **30**
- junho **27**
- julho **25**
- Agosto **29**
- Setembro **26**
- Outubro **31**
- Novembro **28**

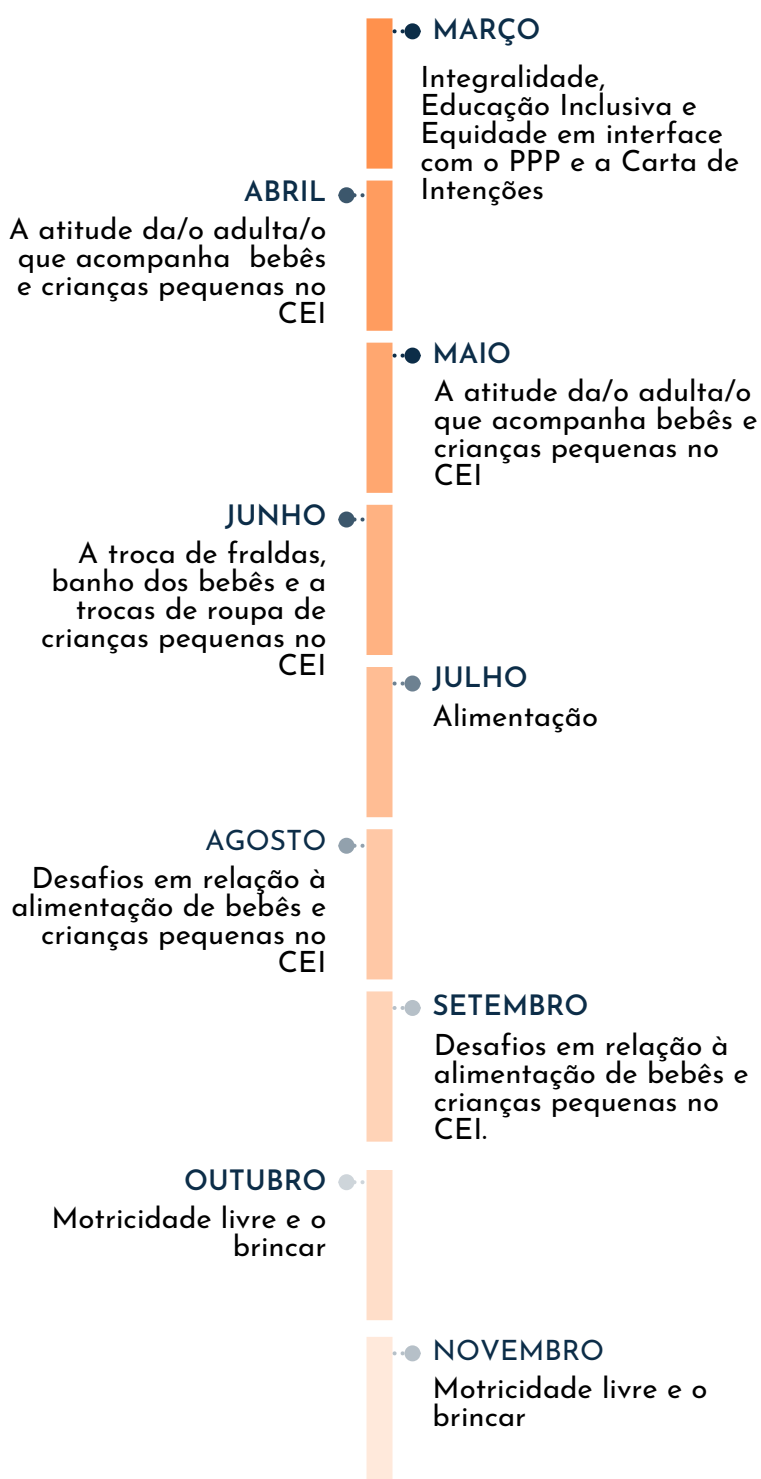


Cronograma de encontros síncronos 4 e 5 - Unidades Diretas

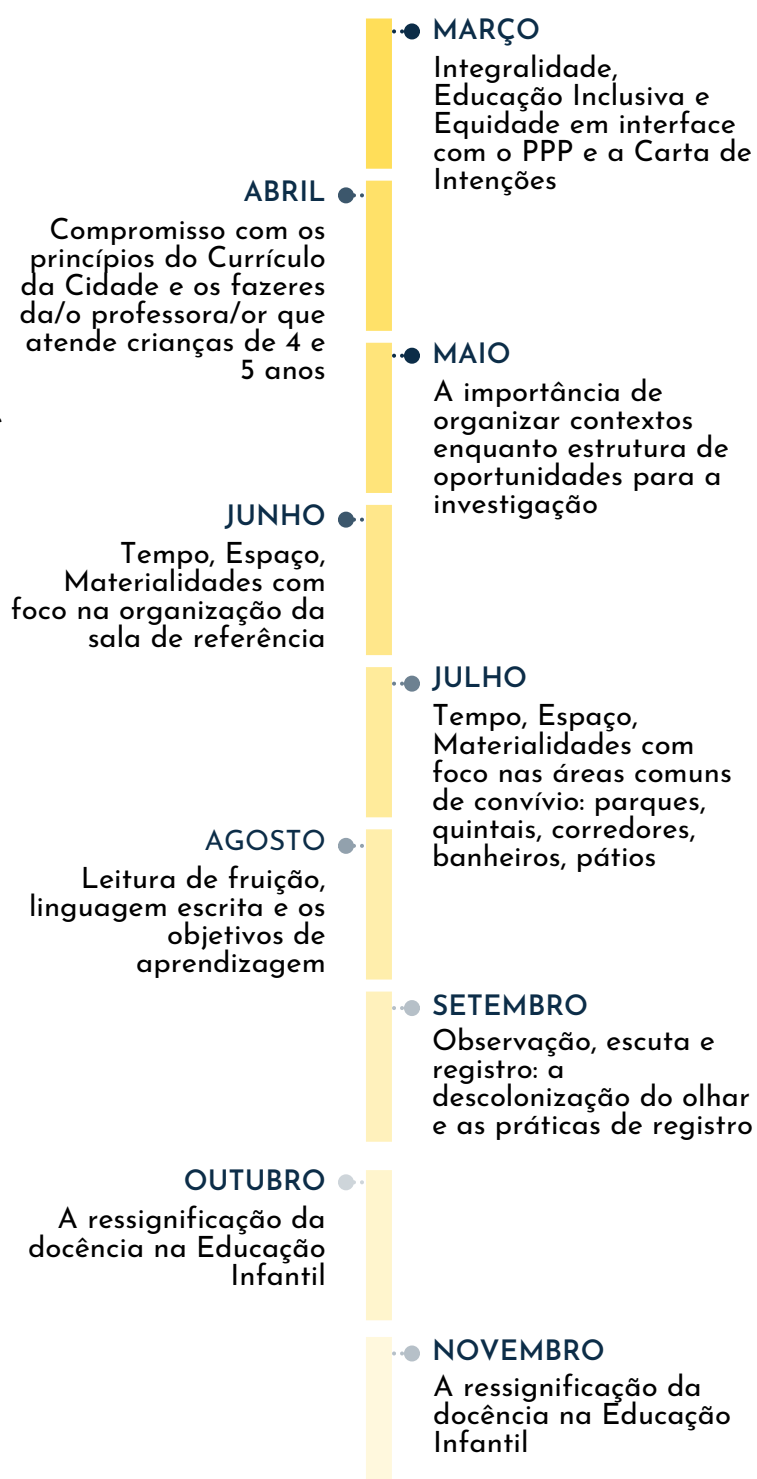
- Março **30**
- Abril **27**
- Maio **25**
- junho **29**
- julho **27**
- Agosto **31**
- Setembro **28**
- Outubro **26**
- Novembro **30**

PERCURSOS FORMATIVOS FORMAÇÃO DA CIDADE 2023:

0 a 3 anos:



4 e 5 anos:



É importante reiterar o que já apresentamos anteriormente, que o fomento de práticas antirracistas, não xenofóbicas, inclusivas e que considere a equidade de gênero estarão presentes durante todos os percursos de estudos ao longo do ano.

Para esta formação utilizaremos algumas estratégias a fim de facilitar a compreensão do percurso formativo por meio de ícones que anunciam a proposta a ser realizada:



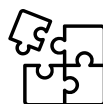
TEXTO INTRODUTÓRIO



REGISTRO



QUESTÕES REFLEXIVAS



APROXIMAÇÕES TEÓRICAS



MÃO NA MASSA



REFERÊNCIAS

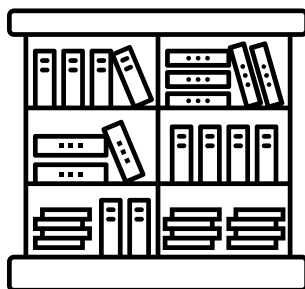


ATIVIDADE SÍNTESE DO PERCURSO FORMATIVO



LIVE

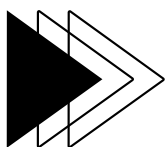
Para a **Formação da Cidade** traremos como aporte teórico os documentos oficiais da SME-SP e publicações de autoras/es que dialogam com as concepções de Infância, Criança e Educação Infantil da cidade de São Paulo.



ACESSE AQUI TODAS AS
PUBLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

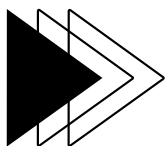


Feita a apresentação da estrutura do curso, segue uma breve introdução aos compromissos do Currículo da Cidade em interface com as temáticas Projeto Político Pedagógico (PPP) e Carta de Intenções. Uma vez que educação antirracista, não xenofóbica, para equidade de gênero e inclusiva estruturam a concepção de currículo, entendemos a importância de explicitá-las aqui, de forma sucinta, para que seja visível como se manifestam, ou não, nas práticas cotidianas:



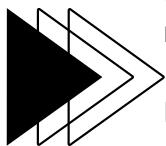
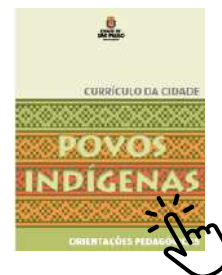
Educação Antirracista: A Educação Infantil na cidade de São Paulo é comprometida com práticas antirracistas, onde a história e cultura da população negra e indígena são valorizadas.

Leia o trecho do documento "Currículo da Cidade: Educação Antirracista - Orientações Pedagógicas Povos Afro-brasileiros", páginas 24 à 29.



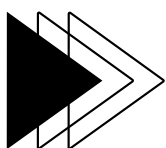
Educação Não Xenofóbica: Migrar é um direito de todas/os, nenhum bebê, criança ou suas famílias são ilegais. A falta de documento apenas faz com que sejam pessoas indocumentadas, sujeitos de direito à matrícula, permanência e respeito nas unidades.

Leia o trecho do documento "Currículo da Cidade: Povos Migrantes - Orientações Pedagógicas", páginas 24 à 27.



Equidade de Gênero: Compreender que meninas e meninos devem ser respeitados em suas singularidades tendo acesso aos mesmos direitos e oportunidades.

Leia a introdução da Dimensão 5 dos "Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana", páginas 45 e 46.



Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: Todos/as bebês e crianças devem ser respeitados em suas individualidades. Observar o que cada bebê e criança sabe, pode, aprendeu, evidenciando potências e não ausências, possibilitará vivências mais ricas.

Leia o box "Considerações sobre Educação Especial" no documento "Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana", página 5.



SEJAM BEM-VINDAS/OS
AO PERCURSO FORMATIVO
DO MÊS DE MARÇO



PERCURSO FORMATIVO DO MÊS DE MARÇO

Neste mês, refletiremos sobre os princípios do Currículo da Cidade em interface com o PPP e a Carta de Intenções na Educação Infantil. Estudar o PPP da sua unidade, analisando como estão expressas ações que viabilizem educação equitativa, integral e inclusiva, contribuirá para sua participação qualificada neste percurso formativo. Escrever e reescrever sua Carta de Intenções, considerando as provocações aqui apresentadas, dará sentido ao percurso de estudo, materializando reflexões propostas para o seu fazer docente.



Princípios do Currículo: O que são e quais são?



Perguntas disparadoras: questões reflexivas sobre os princípios do currículo



Aporte teórico: o que é um PPP e uma Carta de Intenções?



Olhar para o cotidiano: como os princípios se revelam no cotidiano da Unidade Educacional?



Articulando teoria e prática: registro sobre as reflexões



Algumas referências para dar sentido às reflexões



Live: Data 28/03 das 20h às 21h20 / Data 30/03 das 20h até 21h20



PRINCÍPIOS DO CURRÍCULO: O QUE SÃO E QUAIS SÃO?

Você já parou para pensar no significado da palavra "princípio"? Originária do latim, *principium*, significa origem ou início. Princípios indicam as bases das quais partimos e que norteiam o trabalho ou estudo.

No *Currículo da Cidade: Educação Infantil* são expressos fundamentos os quais servem de ponto de partida para a organização de todo trabalho com bebês e crianças. Estes princípios revelam o compromisso da Secretaria Municipal de Educação com a garantia dos direitos de bebês e crianças pequenas a uma educação promotora do seu desenvolvimento integral em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

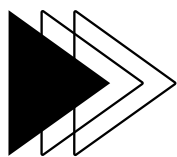
Vejamos a seguir quais são estes princípios e de que forma se articulam com a prática:



Professora Elisângela Nunes - CEI Olga Benário Prestes



Para aprofundar a discussão, leia o *Currículo da Cidade: Educação Infantil*, p. 29-36



Educação para a Equidade: o princípio da equidade tem a promoção da justiça como foco. Considerar as individualidades de cada bebê e criança, e oferecer experiências de acordo com as necessidades de cada um possibilita a prática desse princípio. É importante lembrar que igualdade não é sinônimo de justiça, a depender da situação, tratar todas as pessoas de modo igualitário é promover desigualdades e injustiças.

A seguir, vemos duas situações para refletirmos sobre como se manifesta o conceito de equidade no cotidiano da Unidade Educacional:

SITUAÇÃO 1:

Dimensão 9: Rede de proteção sociocultural: Unidade Educacional, família, comunidade e cidade

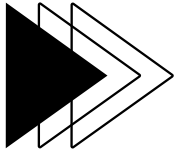
9.2.1 A Unidade Educacional acompanha a frequência de todos os bebês e de todas as crianças, identifica as razões das faltas e busca construir alternativas em parceria com as famílias/responsáveis para corrigir a situação? (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, 2016, p. 62)

SITUAÇÃO 2:

Como a imagem abaixo revela indícios do princípio da equidade na cena retratada?



CEI Parque Fernanda - Acervo Mais Diferenças



Educação Integral: o princípio da educação integral compreende bebês e crianças como sujeitos integrais que devem ser considerados em suas dimensões física, intelectual, social e emocional. Possibilitar vivências significativas e integradas, que valorizem linguagens distintas e o ritmo de cada bebê e criança, contribui para realização desse princípio.

A seguir, vemos duas situações para refletirmos sobre como se manifesta o conceito de integralidade no cotidiano da Unidade Educacional:

SITUAÇÃO 1:

Dimensão 3: Multiplicidade de experiências e linguagens em contextos lúdicos para as infâncias

3.2.1 As educadoras e os educadores ensinam as crianças a cuidarem de si mesmas e do próprio corpo, valorizando as diferenças e motivando cada conquista neste processo? (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, 2016, p. 38)

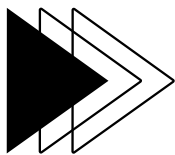
3.3.4 As professoras e os professores incentivam os bebês e as crianças a criarem pinturas, desenhos, construções, esculturas com materiais e suportes diversos (papel, chão, areia, plástico), adequados à faixa etária e necessidades específicas, favorecendo a livre exploração e escolha no seu processo criativo? (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, 2016, p. 39)

SITUAÇÃO 2:

Como as imagens a seguir revelam indícios do princípio da educação integral nas cenas retratadas?



Professora Ana Barbara Santos - CEI Wilson José Abdalla



Educação Inclusiva: como aponta o Currículo da Cidade: Educação Infantil, o princípio da educação inclusiva desempenha importante papel no combate à exclusão social e racial. Práticas inclusivas consideram o direito de todas e todos à educação de qualidade, a salvo de racismo, xenofobia, exclusão por pobreza, machismo, sexismo, dentre outras discriminações.

A seguir, vemos duas situações para refletirmos sobre como se manifesta o conceito de inclusão no cotidiano da Unidade Educacional:

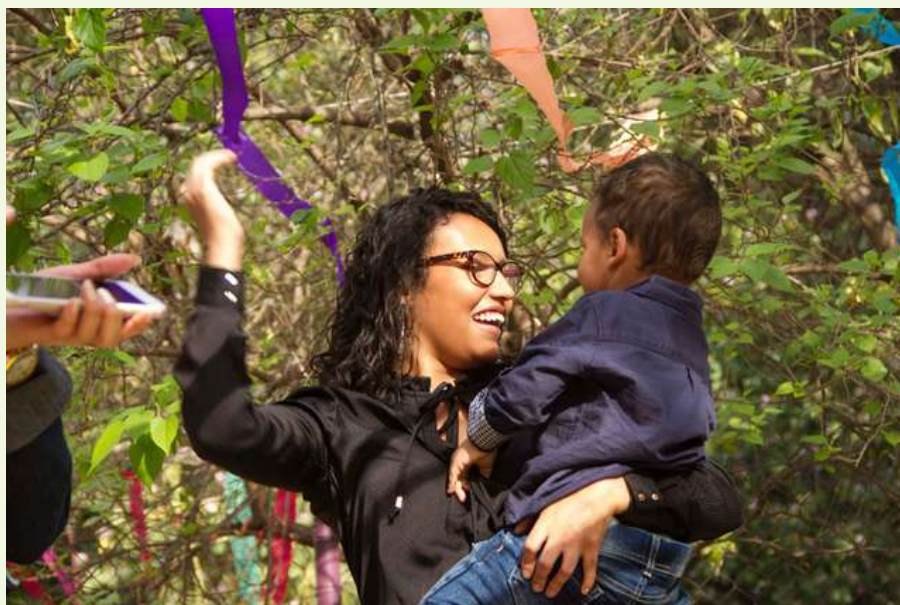
SITUAÇÃO 1:

Dimensão 9: Rede de proteção sociocultural: unidade educacional, família, comunidade e cidade

9.1.1 Os familiares/responsáveis sentem-se bem recebidos, acolhidos e tratados com respeito na Unidade Educacional levando em consideração a diversidade de configurações familiares em todos os momentos? (Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, 2016, p.62)

SITUAÇÃO 2:

Como a imagem a seguir revela indícios do princípio da educação inclusiva na cena retratada? Leia a contextualização para melhor entendimento.



Professora Ana Barbara Santos - CEI Wilson José Abdalla

Em um chá cultural para as famílias/responsáveis, as/os presentes foram convidadas/os para acompanhar bebês e crianças em uma dança. Uma das crianças não se sentia confortável com aquele momento, ambientes com som alto e muitas pessoas podem gerar estresse para autistas. A mãe o pegou no colo, acolhendo-o, se afastou um pouco e passou a dançar com o menino, demonstrando alegria em estar com ele. O menino se acalmou e vivenciou o momento com segurança afetiva.



QUESTÕES REFLEXIVAS SOBRE OS PRINCÍPIOS DO CURRÍCULO

Como os fazeres cotidianos revelam meu compromisso com a educação integral, inclusiva e equânime?

Como os princípios do currículo se materializam na cotidiano da Unidade Educacional?

Fazer estas reflexões exige muito mais do que entender os princípios e seus conceitos, demandam um olhar crítico-reflexivo para a sua prática, entendendo como você pode trazê-los para suas ações cotidianas junto aos bebês e crianças. E não há problema se você encontrar pontos que precisam ser aprimorados, pelo contrário, é importante reconhecer que precisamos desconstruir algumas práticas para sermos instigadas/os a criar e nos reinventarmos.



Professora Sara Mendes Siqueira - EMEI Alceu Maynard de Araújo

As ações cotidianas junto aos bebês e crianças nas Unidades Educacionais são reflexos de concepções das/os adultas/os que planejam e realizam estas ações. Para que na prática se revele um compromisso com a educação inclusiva, equânime e integral, é preciso que este compromisso esteja firmado e documentado. As concepções que orientam os fazeres cotidianos estão expressas em documentações institucionais como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a Carta de Intenções. A seguir, falaremos um pouco mais sobre estes dois documentos.



APORTE TEÓRICO: O QUE É UM PPP E UMA CARTA DE INTENÇÕES?

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento institucional construído coletivamente a partir do princípio da gestão democrática, precisa contemplar uma educação feita por todos e para todos, "que promova igualdade de condições, observando as diferenças, as desigualdades, as diversidade culturais, étnicas, éticas, sociais, políticas e econômicas" (Currículo da Cidade, 2019, p. 179). Ele revela o percurso de bebês e crianças, professoras e professores, sendo um documento vivo e dinâmico em constante transformação.

Leia o trecho do documento "Padrões básicos de Qualidade na Educação Infantil Paulistana", [páginas 12 à 15](#).



CARTA DE INTENÇÕES

"O conteúdo da Carta de Intenções deve ser a sinalização de projetos didáticos, experiências, atividades e brincadeiras que a(o) professora(or) quer proporcionar para os bebês e as crianças ao longo do ano, anunciando o que entende naquele momento como potência, a fim de que eles possam se desenvolver e avançar em suas aprendizagens" (Orientação Normativa de Registros, 2020, p. 30).

A Carta de Intenções é um documento que se origina a partir do conhecimento que a professora tem sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, mais especificamente em relação ao agrupamento com o qual vai atuar. Porém, é a observação e escuta atenciosa dos bebês e crianças que frequentam a sua turma que vai dar o tom para a Carta.

Por ser um documento flexível e que considera bebês e crianças reais que carregam marcas culturais e sociais, sua elaboração leva em consideração aspectos coletivos da turma e também deve contemplar os projetos presentes no PPP.



Para aprofundar a discussão, leia a Orientação Normativa de registros na Educação Infantil, p. 30-33



Assista os vídeos institucionais orientando a escrita e revisitação da Carta de Intenções: [Vídeo1](#) [Vídeo 2](#)





OLHAR PARA O COTIDIANO: COMO OS PRINCÍPIOS SE REVELAM NO COTIDIANO DA UNIDADE EDUCACIONAL?

Faremos agora um movimento reflexivo a partir do estudo apresentado ao longo deste percurso formativo.

Volte para o PPP da sua unidade e para a sua Carta de Intenções e faça uma leitura crítica identificando:

- Como esses documentos expressam o compromisso com a educação antirracista, não xenofóbica e para equidade de gênero?
- De que modo a sua prática pode garantir a efetivação destes compromissos? Apresente possibilidades.



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA: REGISTRO SOBRE AS REFLEXÕES

Faça um registro sobre as reflexões propostas anteriormente.



No Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA) estará disponível a atividade síntese, ela avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade no SGA até o último dia deste mês. Excepcionalmente no mês de março, será possível preencher a atividade síntese por meio do link enviado no Boletim nº 05/2023 de COPED.

((▶)) LIVE

A *live* deste mês tem como tema: **A Organização do PPP e Carta de Intenções em interface com os princípios do Currículo da Cidade.**



TURMA:
A Educação Infantil de 0 a 3 anos nos espaços coletivos de Educação na cidade de São Paulo

28/03/2023 - 20h



TURMA:
A organização de contextos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças de 4 e 5 anos na cidade de São Paulo

30/03/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

ABRIL

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao segundo mês da Formação da Cidade. Em março, refletimos sobre os princípios do Currículo da Cidade: Educação Integral, Educação Inclusiva e Equidade. Reiteramos nosso compromisso com práticas antirracistas, não xenofóbicas, com a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, e que busquem a equidade de gênero.

Ao longo do percurso, indicamos a necessidade de ler com criticidade o PPP da unidade identificando os compromissos assumidos pela equipe, destacando os projetos da UE e projetando as ações que serão realizadas ao longo do ano letivo para garantia dos direitos de aprendizagem de cada bebê e cada criança.

Suscitamos também a análise da Carta de Intenções e a avaliação de como essa documentação expressa o compromisso nas práticas cotidianas, a materialização dos princípios anunciados anteriormente, a concretização de experiências que sejam desafiadoras e não escolarizantes. Que seja um currículo vivo, integrado, e que reflita a organização de contextos para uma experiência de vida de bebês e crianças nos espaços coletivos das unidades.

Agora, em abril, estudaremos a intencionalidade docente e como ela se expressa na atitude das/os adultas/os. Utilizaremos como subsídio teórico o *Currículo da Cidade-Educação Infantil*, 2019; a *Orientação normativa nº 01 "Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares"*, 2013; e os *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana*, 2016, entre outros materiais e bibliografia que ampliarão nosso repertório.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Compreender o princípio de intencionalidade pedagógica, bem como este se materializa nas práticas cotidianas junto a bebês e crianças.
- Refletir sobre o acolhimento como método intencional e permanente no contexto da Educação Infantil;
- Reconhecer a escuta das crianças como atitude permanente, bem como a sua relação com o planejamento na Educação infantil;
- Planejar contextos de aprendizagem enquanto processos de investigação e ampliação das vivências infantis.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, refletiremos sobre a atitude da/o educadora/or evidenciando os princípios da ação da/o adulta/o que atua na Educação Infantil. Para isso, precisamos pensar em quem são esses bebês e essas crianças pequenas – suas características e singularidades; sua maneira de ser e estar no mundo.

O Currículo da Cidade aponta que "os bebês e as crianças, desde o seu nascimento, fazem parte ativa do próprio processo de crescimento" (2019, p. 71). Bebês e crianças pequenas aprendem a partir de suas possibilidades de agir, a partir das interações com adultas/os, com outras crianças e a partir dos elementos da cultura.

Partindo disso, quais seriam as atitudes desejáveis de uma/um educadora/or que as/os acompanha em uma instituição coletiva?

Essa temática visa dar continuidade à discussão do mês passado, trazendo foco para o importante papel que a/o professora/or desempenha no cuidado e educação de bebês e crianças.



O papel da/o professora/or na Educação Infantil



Questões reflexivas: Fazeres da/o professora/or da Infância



Para Saber Mais



Um olhar para o cotidiano: Como a intencionalidade se revela no cotidiano da Unidade Educacional ?



Articulando teoria e prática



Live: Data **25/04/2023** das 20h até **21h20**



O PAPEL DA/O PROFESSORA/OR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

É importante ter clareza de que a professora/or da infância desempenha um importante papel na promoção da educação e cuidado de bebês e crianças com foco na garantia de seus direitos. Enquanto prática social e complementar à família, a Educação Infantil objetiva o desenvolvimento integral de bebês e crianças. Para isso, é importante retomar **quem são os bebês e as crianças pequenas que atendemos, e de que forma a Educação infantil contribui para a sua constituição enquanto sujeitos históricos e de direitos.**

"Os bebês e as crianças nascem em seus grupos familiares, e essa é a primeira instituição a lhes oferecer um modo de viver e de realizar tarefas do cotidiano como comer, brincar, vestir-se, isto é, aprender ao estar ativamente se socializando. Vindos de diferentes experiências em espaços privados, os bebês e as crianças encontram-se na escola (o termo "escola" neste documento será tomado como instituição de vivências de infâncias, de interações sociais e culturais, de aprendizagens e desenvolvimento) e iniciam as suas jornadas na Educação Infantil ampliando e pluralizando as suas experiências humanas. Os bebês e as crianças aprendem especialmente ao estabelecer interações e ao realizar brincadeiras" (SÃO PAULO, 2019, p.20).

Leia o trecho do documento "[Orientação Normativa 01/2013 - Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares](#)", p. 15-16.



CENA 10:

Os bebês já se acostumaram a estar no CEI. Têm confiança nos adultos que os acolhem, cuidam e educam. Já se despedem dos familiares e ficam bem na UE.

Enquanto estão explorando os objetos em atividade autônoma e descobrindo o que a professora colocou ao seu redor, é hora de começar a alimentação. Ela se aproxima de um bebê e o avisa que vai tirá-lo de sua atividade e levá-lo dali por um tempo curto. O bebê percebe o tom de voz e está se acostumando ao fato de que, quando a professora interrompe a sua atividade, é o momento da troca, da alimentação ou do sono. Enquanto prepara o bebê para a alimentação, a professora fala com ele e o convida a participar. Um bebê que já engatinha se aproxima deles e observa. Ela entende essa atitude do segundo bebê como uma iniciativa de comunicação e conversa com ele também: "Você também está com fome, João? Em seguida vou alimentar você. Agora estou alimentando o seu amigo, mas logo chegará a sua vez".

A cena anterior foi extraída do Currículo da Cidade - Educação Infantil e traz alguns aspectos importantes sobre a atuação da/o professora/or da infância expressos também na Orientação Normativa nº01/2013. A atitude da professora que, por sua observação, acolheu e possibilitou segurança à criança recém chegada revela os princípios expressos no documento.

É possível perceber como a ação refletida da educadora favorece a inserção do bebê nos espaços da unidade, considerando as necessidades específicas do menino.

A garantia dos direitos de aprendizagem se materializa em episódios cotidianos: nos momentos de brincadeira, nas vivências corporais, nas rodas de cantigas e cirandas, na hora da alimentação, nos momentos de atenção e cuidados individuais e outros.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Em seus fazeres cotidianos, você contempla a ação dos bebês e das crianças? Como?

O planejamento garante a organização do ambiente para que bebês e crianças demonstrem interesse em interagir, explorar e se aventurar?

Você já se perguntou se, em sua instituição, a escuta, o acolhimento e a organização dos espaços de brincar atendem todos bebês e crianças, considerando gênero, raça, etnia, religião, diferentes formações familiares?

Pensar as suas práticas a partir das questões reflexivas propostas anteriormente ajuda a compreender o quanto todos os fazeres junto aos bebês e crianças na Educação Infantil são constituídos por uma **intencionalidade pedagógica**.

A intencionalidade pedagógica se configura como central nas práticas cotidianas com bebês e crianças se revelando por meio da nitidez dos propósitos educativos e das ações; se expressa na organização dos tempos, espaços, materialidades, mas também nas interações de modo a favorecer e a ampliar as aprendizagens e o desenvolvimento. As interações precisam evidenciar uma atitude que seja respeitosa e acolhedora no toque, na fala, no entendimento em relação à integralidade deste/a bebê/criança, na disposição e no interesse por elas/es.



Ana Barbara dos Santos - CEI Wilson José Abdala

As cenas revelam a materialização de práticas do cotidiano organizadas de forma intencional e que garantem boas vivências, demonstrando o cuidado com a organização do espaço, a escolha dos materiais e materialidades. É possível perceber uma atitude adulta que reconhece as potências infantis propiciando espaços de interação, de movimentar-se e produzir cultura.

Muitas vezes, as decisões em relação à turma são tomadas de forma a isolar a situação do contexto social, cultural e histórico, mas é preciso considerar alguns princípios e critérios para subsidiar nossas decisões e orientar nossa prática. São eles:

- Atendimento aos princípios éticos, estéticos e políticos;
- A coerência e a articulação das experiências propostas às crianças;
- A inter-relação entre educar e cuidar na prática educativa;
- O papel da interação no desenvolvimento humano;
- A adequação das experiências do ponto de vista do avanço das crianças;
- A inclusão de todos os bebês e todas as crianças.



PARA SABER MAIS:

A indicação da leitura do capítulo 2 deste livro favorece a ampliação dos saberes a cerca dos princípios e bons critérios de que falávamos acima. Basta clicar no ícone e você será redirecionada/o para o texto. Boa leitura!



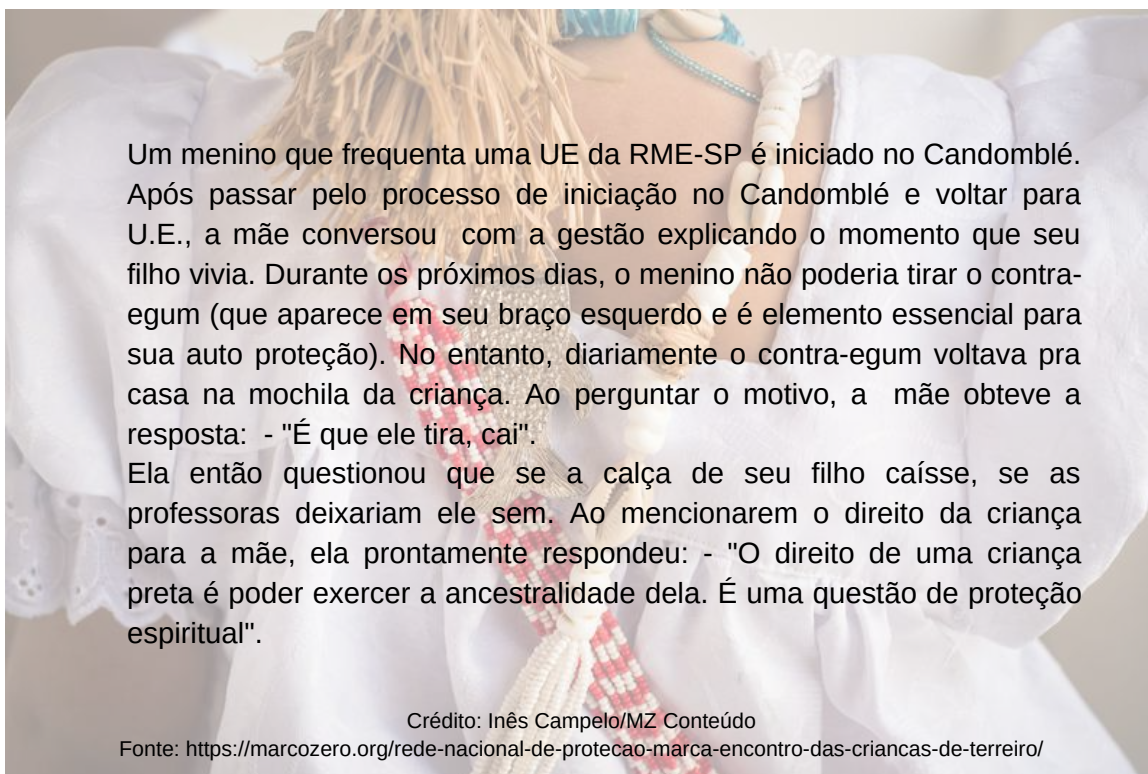


UM OLHAR PARA O COTIDIANO: COMO A INTENCIONALIDADE SE REVELA NO COTIDIANO DA UNIDADE EDUCACIONAL ?

A intencionalidade docente se revela de algumas formas nos fazeres cotidianos juntos aos bebês e crianças nas unidades educacionais. A seguir, vamos explorar 3 princípios fundamentais que caracterizam esta intencionalidade: o acolhimento, a escuta e a criação de contextos de investigação.

ACOLHIMENTO

O acolhimento se configura enquanto método de trabalho permanente na educação de bebês e crianças. Trata-se de uma postura ética que parte do conhecimento das especificidades de cada bebê/criança, considerando sua história pessoal e familiar de origem como parte do processo educativo.



Observar as particularidades de cada bebê/criança e suas famílias/responsáveis para promover ações inclusivas é inerente ao fazer docente e precisa ser planejado com intencionalidade. Revisite seu planejamento e reflita sobre a seguinte questão:

Bebês e crianças candomblecistas, umbandistas, adventistas, judias, muçulmanas ou de outra religião que apresentam necessidades específicas, são respeitadas?

ESCUITA:

A escuta é elemento essencial às práticas na Educação Infantil. O Currículo da Cidade traz que quando escutamos, observamos, registramos, aprendemos quem são os bebês/crianças, o que sabem e quais caminhos podemos trilhar para promover desafios e vivências significativa. Para a professora da Infância cabe observar as manifestações infantis e acolhê-las em seu planejamento.



CEI Cerejeiras DRE JT

A escuta dedicada está conectada a uma prática pedagógica na qual a/o professora/or deixa a centralidade do processo e, ao garantir uma profunda de observação dos/as bebês e crianças, percebe qual o tipo de interferência é melhor em cada situação: se cabe observar, fazer perguntas, trazer novos materiais para avançar nos desafios propostos, acolher no colo, ou observar suas interações.

Sua escuta lhe permite compreender como bebês e crianças se comunicam quando utilizam linguagens não verbais, como gestos, toques, olhares, movimentos, brincadeiras e desenhos?

Como os diferentes tipos de choro de bebês e crianças são acolhidos e considerados no seu cotidiano?

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE CONTEXTOS:

O planejamento e a organização dos contextos partem da premissa de uma situação de investigação que instigue as crianças por meio do contato e exploração de diferentes materiais para construção de aprendizagens. Estes materiais contemplam materialidades diversas, ou seja, diferentes potências a serem exploradas por meio dos sentidos (cheiros, texturas, formas, peso, temperatura, entre outros). Para isso, é importante considerar aspectos culturais e sociais que permeiam as escolhas por estes materiais possibilitando dialogar com as curiosidades das crianças, mas também transcender a experiência que elas já trazem, por exemplo: elementos naturais com cheiros e texturas nunca vistos; tambores, agogôs, tecidos e artefatos de outras culturas e etnias; novas formas de olhar e interagir com objetos, materiais e matérias (elementos da natureza) do cotidiano.



Ana Barbara dos Santos - CEI Wilson José Abdala

Em uma turma de mini-grupo, as crianças estavam investigando as cores do céu e das sombras. Após oferecer algumas propostas de pesquisa com tintas, lápis, giz, a professora se sentiu inquieta sobre rever a organização do tempo, do espaço e das materialidades, pois as crianças vinham investigando em papéis sobre a mesa, chão e parede. A inquietação foi em tornar essa experiência mais poética, afinal, quando as crianças olham para o céu para observar suas cores, estão em pé, olhando para cima. Como organizar o tempo, o espaço e as materialidades de forma que as crianças vivenciassem uma experiência de investigação das cores, colocando seu corpo em uma postura na qual elas experimentassem “pintar o céu”?

No lugar dessa professora, como você planejaria e organizaria um contexto de investigação bebês e crianças, considerando a organização do tempo, espaço e materialidades?

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Considerando os princípios discutidos neste mês, revise seus registros observando as propostas que você tem realizado com sua turma. Reflita sobre sua sala de referência. Em seguida, identifique uma mudança necessária na organização do espaço e realize essa mudança. Faça uma fotografia do espaço antes da alteração, outra de como ficou e realize um breve registro escrito (de até 10 linhas) contando como foi a experiência.



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Realize a atividade acima escrevendo o registro em até 10 linhas e insira as fotos no formulário de atividade no SGA



No Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA) estará disponível a atividade síntese, ela avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade no SGA até o último dia deste mês.

((▶)) LIVE

A *live* deste mês tem como tema: **Intencionalidade docente e as práticas vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil**. Apesar da live não compor a carga horária das Unidades Parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem sem a necessidade de registrar presença.



[A atitude adulta e as práticas vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil.](#)

25/04/2023 - 20h às 21h30



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

ABRIL

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao segundo mês da Formação da Cidade. Em março, refletimos sobre os princípios do Currículo da Cidade: Educação Integral, Educação Inclusiva e Equidade. Reiteramos nosso compromisso com práticas antirracistas, não xenofóbicas, com a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, e que busquem a equidade de gênero.

Ao longo do percurso, indicamos a necessidade de ler com criticidade o PPP da unidade identificando os compromissos assumidos pela equipe, destacando os projetos da UE e projetando as ações que serão realizadas ao longo do ano letivo para garantia dos direitos de aprendizagem de cada bebê e cada criança.

Suscitamos também a análise da Carta de Intenções e a avaliação de como ela expressa o compromisso nas práticas cotidianas, a materialização dos princípios anunciados anteriormente, a concretização de experiências que sejam desafiadoras e não escolarizantes. Que seja um currículo vivo, integrado, e que reflita a organização de contextos para uma experiência de vida de bebês e crianças nos espaços coletivos das unidades.

Agora, em Abril, estudaremos a intencionalidade docente e como ela se expressa na atitude das/os adultas/os. Utilizaremos como subsídio teórico o *Currículo da Cidade-Educação Infantil*, 2019; a *Orientação normativa nº 01 "Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares"*, 2013; e os *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana*, 2016, entre outros materiais e bibliografia que ampliarão nosso repertório.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Compreender o princípio de intencionalidade pedagógica, bem como este se materializa nas práticas cotidianas junto às crianças;
- Refletir sobre o acolhimento como método intencional e permanente no contexto da Educação Infantil;
- Reconhecer a escuta das crianças como atitude permanente, bem como a sua relação com o planejamento na Educação infantil;
- Planejar contextos de aprendizagem enquanto processos de investigação e ampliação das vivências infantis.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, refletiremos sobre a atitude da/o educadora/or evidenciando os princípios da ação da adulta/o que atua na Educação Infantil. Essa temática visa dar continuidade à discussão do mês passado, trazendo o foco para o importante papel que a/o professora/or desempenha no cuidado e educação de crianças. Convidamos para que reflita sobre a importância do seu papel em diferentes momentos do cotidiano: no acolhimento às crianças e suas famílias/responsáveis, na escuta cuidadosa e atenta, na realização de planejamentos e organização dos tempos, espaços e materialidades de forma que ofereçam múltiplas experiências.



O papel da/o professora/or na Educação Infantil



Questões reflexivas: Fazeres da/o professora/or da Infância



Para Saber Mais



Olhar para o cotidiano: Como a intencionalidade se revela no cotidiano da Unidade Educacional ?



Articulando teoria e prática: registro sobre as reflexões



Live: Data **27/04/2023** das 20h até **21h20**



O PAPEL DA/O PROFESSORA/OR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Orientação Normativa 01/2013 apresenta o perfil da/o educadora/or da Infância, evidenciando que todas as pessoas que atuam no cuidado e educação de meninas e meninos são educadoras/es. Para o estudo deste percurso, vamos nos ater à/ao educadora/or que atua como professora/a na Educação Infantil, tendo em vista o objetivo da Formação da Cidade de formação continuada docente.

"Os(as) educadores(as) devem ser conhecedores da importância de seu papel e da sua atuação nas relações com as crianças, com as famílias e com a comunidade educativa. Sendo um dos co-construtores do Projeto Político Pedagógico da unidade, faz-se necessário ter clareza de suas ações e conhecimento teórico a respeito de todos os temas pertinentes à infância, em especial sobre o cuidar e educar, consciência de que a educação é uma prática social, portanto supõe intencionalidade na Educação Infantil" (São Paulo, 2013, p.15).



Leia o trecho do documento "Orientação Normativa 01/2013 - Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares", p. 15-16.

CENA 30:

"Desde o seu primeiro dia na Unidade, o menino chorava muito. Nada do que eu fazia despertava sua atenção, mesmo a sala tendo vários cantinhos com brinquedos e livros diversos. Percebi que o ursinho que ele havia trazido de casa o aconchegava. Nas refeições, sempre levava consigo e o colocava "sentado" ao seu lado na cadeira. Aos poucos, foi se sentindo seguro e começou a se interessar pelas atividades, pelos cantinhos da sala e pelos amigos. Mesmo se sentindo mais tranquilo, nunca se separou do seu bicho de pelúcia nesses momentos."

A cena anterior foi extraída do Currículo da Cidade - Educação Infantil e traz alguns aspectos importantes sobre a atuação da/o professora/or da infância expressos também na Orientação Normativa nº01/2013. A atitude da professora que, por sua observação, acolheu e possibilitou segurança à criança recém chegada revela os princípios expressos no documento.

É possível perceber como a ação refletida da/o educadora/or favorece a inserção do bebê nos espaços da unidade, considerando as necessidades específicas do menino.

A garantia dos direitos de aprendizagem se materializa em episódios cotidianos: nos momentos de brincadeira, nas vivências corporais, nas rodas de cantigas e cirandas, na hora da alimentação, nos momentos de atenção e cuidados individuais e outros.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Em seus fazeres cotidianos, você contempla a ação das crianças?
Como?

O planejamento garante a organização do ambiente para que as crianças demonstrem interesse em interagir, explorar e se aventurar?

Você já se perguntou se, em sua instituição, a escuta, o acolhimento e a organização dos espaços de brincar atendem todos as crianças, considerando gênero, raça, etnia, religião, tipos de famílias?

Pensar as suas práticas a partir das questões reflexivas propostas anteriormente ajuda a compreender o quanto todos os fazeres junto às crianças na Educação Infantil são constituídos por uma **intencionalidade pedagógica**.

A intencionalidade pedagógica se configura como central nas práticas cotidianas com bebês e crianças se revelando por meio da nitidez dos propósitos educativos e das ações; se expressa na organização dos tempos, espaços, materialidades, mas também nas interações de modo a favorecer e a ampliar as aprendizagens e o desenvolvimento. As interações precisam evidenciar uma atitude que seja respeitosa e acolhedora no toque, na fala, no entendimento em relação à integralidade deste bebê/criança, na disposição e no interesse por eles.

Muitas vezes, as decisões em relação à turma são tomadas de forma a isolar a situação do contexto social, cultural e histórico, mas é preciso considerar alguns princípios e critérios para subsidiar nossas decisões e orientar nossa prática. São eles:

- Atendimento aos princípios éticos, estéticos e políticos;
- A coerência e a articulação das experiências propostas às crianças;
- A inter-relação entre educar e cuidar na prática educativa;
- O papel da interação no desenvolvimento humano;
- A adequação das experiências do ponto de vista do avanço das crianças;
- A inclusão de todos os bebês e todas as crianças.



PARA SABER MAIS:

A indicação da leitura do capítulo 2 deste livro favorece a ampliação dos saberes a cerca dos princípios e bons critérios de que falávamos acima. Basta clicar no ícone e você será redirecionada/o para o texto. Boa leitura!

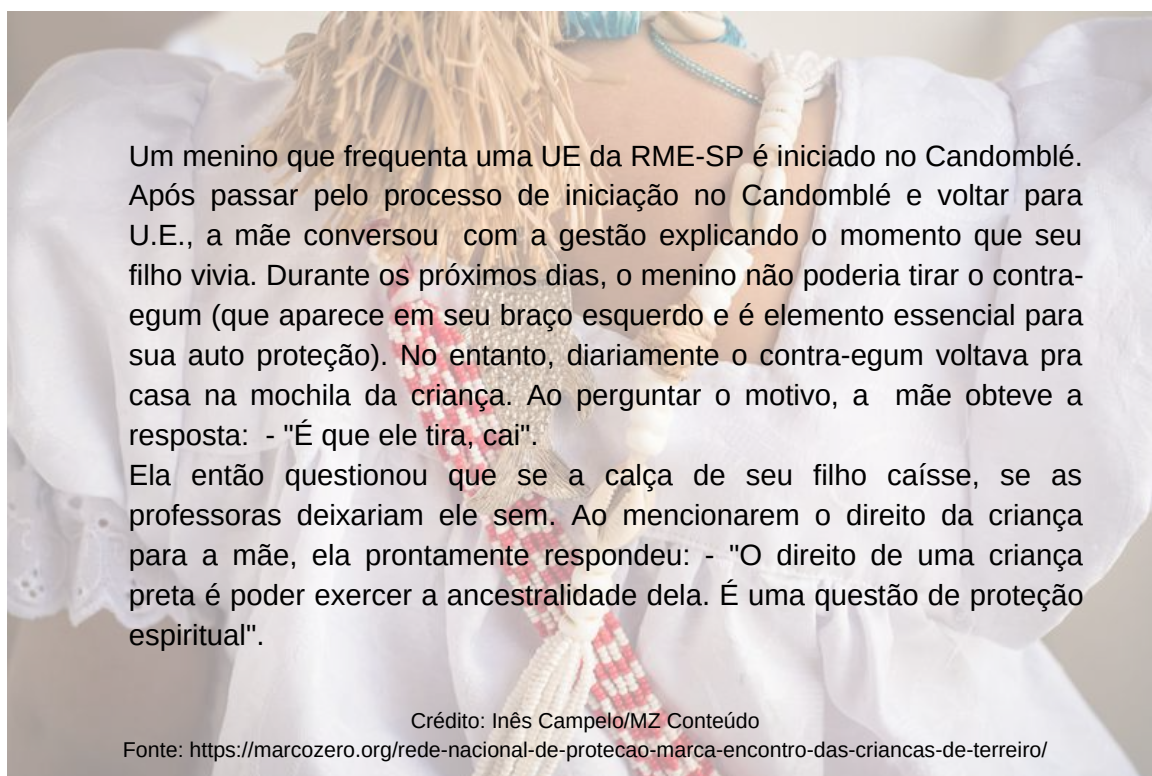


UM OLHAR PARA O COTIDIANO: COMO A INTENCIONALIDADE SE REVELA NO COTIDIANO DA UNIDADE EDUCACIONAL ?

A intencionalidade docente se revela de algumas formas nos fazeres cotidianos juntos às crianças nas unidades educacionais. A seguir, vamos explorar 3 princípios fundamentais que caracterizam esta intencionalidade: o acolhimento, a escuta e a criação de contextos de investigação.

ACOLHIMENTO

O acolhimento se configura enquanto método de trabalho permanente na Educação Infantil. Trata-se de uma postura ética que parte do conhecimento das especificidades de cada criança, considerando sua história pessoal e familiar como parte do processo educativo.



Observar as particularidades de cada criança e suas famílias/responsáveis para promover ações inclusivas é inerente ao fazer docente e precisa ser planejada com intencionalidade. Revisite seu planejamento e reflita sobre a seguinte questão:

Crianças candomblecistas, umbandistas, adventistas, judias, muçulmanas ou de outra religião que apresentam necessidades específicas, são respeitadas?

ESCUITA:

A escuta é elemento essencial às práticas na Educação Infantil. O Currículo da Cidade traz que quando escutam, observamos, registramos, aprendemos quem são as crianças, o que sabem e quais caminhos podemos trilhar para promover desafios e vivências significativa. Para a professora da Infância cabe observar as manifestações infantis e acolhê-las em seu planejamento.



Fabiana Moutinho - EMEI Dr. Mario Alves de Carvalho

Era comum a professora encontrar as três crianças juntas no parque, uma delas boliviana recém chegada no Brasil e outras duas, filhas de famílias bolivianas. Em um dia típico de brincadeira no parque, a professora perguntou: - Vocês já se conheciam? Uma das crianças logo respondeu: - Sim, nos conhecemos da Bolívia. A partir desse dia, a Bolívia começou a fazer parte do cotidiano da turma e perguntas como: "Na Bolívia tem tesouros?", "As pessoas comem carne de lhamas?", "Tem escola igual aqui?" eram feitas pelas crianças. Diante da insistência na curiosidade das meninas e meninos, nasceu o projeto: **De lá para cá: as maravilhas da Bolívia e um pedaço delas no Brasil**, que foi pauta de múltiplas experiências e vivências da turma.

Como sujeito central da educação, a criança precisa ser protagonista da construção do cotidiano da unidade, tornando este espaço um local de pertencimento, trocas e aprendizagens por meio das interações que estabelece com outros sujeitos e com o conhecimento.

Como as curiosidades e hipóteses das crianças têm contribuído para o seu planejamento?

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE CONTEXTOS:

O planejamento e a organização dos contextos partem da premissa de uma situação de investigação que instigue as crianças por meio do contato e exploração de diferentes materiais para construção de aprendizagens. Estes materiais contemplam materialidade diversas, ou seja, diferentes potências a serem exploradas através dos sentidos (cheiros, texturas, formas, peso, temperatura, entre outros). Para isso, é importante considerar aspectos culturais e sociais que permeiam as escolhas por estes materiais possibilitando dialogar com as curiosidades das crianças, mas também transcender a experiência que elas já trazem, por exemplo: elementos naturais com cheiros e texturas nunca vistos; tambores, agogôs, tecidos e artefatos de outras culturas e etnias; novas formas de olhar e interagir com objetos, materiais e matérias (elementos da natureza) do cotidiano.



Ana Barbara dos Santos - CEI Wilson José Abdala

Em uma turma de mini-grupo, as crianças estavam investigando as cores do céu e das sombras. Após oferecer algumas propostas de pesquisa com tintas, lápis, giz, a professora se sentiu inquieta sobre rever a organização do tempo, do espaço e das materialidades, pois as crianças vinham investigando em papeis sobre a mesa, chão e parede. A inquietação foi em tornar essa experiência mais poética, afinal, quando as crianças olham para o céu para observar suas cores, estão em pé, olhando para cima. Como organizar o tempo, o espaço e as materialidades de forma que as crianças vivenciassem uma experiência de investigação das cores, colocando seu corpo em postura que elas experimentassem “pintar o céu”?

No lugar dessa professora, como você planejaria e organizaria um contexto de investigação bebês e crianças, considerando a organização do tempo, espaço e materialidades?

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Considerando os princípios discutidos neste mês, revise seus registros observando as propostas que você tem realizado com sua turma. Reflita sobre sua sala de referência. Em seguida, identifique uma mudança necessária na organização do espaço e realize essa mudança. Faça uma fotografia do espaço antes da alteração, outra de como ficou e realize um breve registro escrito contando como foi a experiência.



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Realize a atividade acima escrevendo o registro em até 10 linhas e insira as fotos no formulário de atividade no SGA



No Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA) estará disponível a atividade síntese, ela avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade no SGA até o último dia deste mês.

((▶)) LIVE

A *live* deste mês tem como tema: **Intencionalidade docente e as práticas vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil**. Apesar da live não compor a carga horária das Unidades Parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem sem a necessidade de registrar presença.



[Intencionalidade docente e as práticas vivenciadas no cotidiano da Educação Infantil.](#)

27/04/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

MAIO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao terceiro mês da **Formação da Cidade**. Em abril, refletimos sobre a intencionalidade docente e como essa se expressa na atitude das/os adultas/os. Evidenciamos o acolhimento, a escuta e o planejamento como elementos essenciais às práticas *para* e *com* bebês e crianças entre zero e três anos de idade.

Neste mês daremos continuidade às reflexões sobre a atitude da/o educadora/or que atua na Educação Infantil, tendo como foco central a observação no/do cotidiano nas unidades educacionais. Esta observação esta pautada numa perspectiva compromissada com o antirracismo, a não xenofobia e a equidade de gênero para a garantia dos direitos de bebês e crianças a uma educação equânime, inclusiva e integral.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças e /ou aperfeiçoamento de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Refletir sobre a importância da observação no cotidiano das UEs;
- Fomentar a observação como prática intencional para a promoção da equidade, da integralidade e da inclusão;
- Qualificar a observação realizada no cotidiano de bebês e crianças.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, refletiremos sobre a atitude da/o educadora/or evidenciando a observação como elemento fundamental à organização do cotidiano de bebês e crianças pequenas nas UEs. As **interações** entre bebês, bebês e crianças, bebês e adultas/os, crianças e adultas/os, possibilitam trocas de experiências, aprendizagens e são oportunidades importantes para a observação.

O Currículo da Cidade evidencia que observar e escutar bebês e crianças são ações desafiadoras que precisam ser aprendidas, apontando para a sua importância no fazer cotidiano. Convidamos você a ler, estudar e refletir sobre a observação como elemento essencial às suas práticas para/com bebês e crianças.



A observação do cotidiano na Educação Infantil



Questões reflexivas: Equidade, Inclusão e Observação.



Para Saber Mais: O cuidado com bebês e crianças na creche



Um olhar para o cotidiano: A observação e a organização do cotidiano de bebês e crianças de 0 a 3 anos de idade.



Para Saber Mais: Infância, Raça e "paparicação"



Articulando teoria e prática



Live: Data **30/05/2023**, das **20h às 21h20**



A OBSERVAÇÃO DO COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O Currículo da Cidade afirma que a aprendizagem de bebês e crianças se dá por meio de uma **construção pessoal e coletiva** que é intermediada pela relação com o meio em **interação** com seus pares, com adultos/os e com os elementos culturais que fazem parte do seu cotidiano. Pensar em formas de colaborar para o enriquecimento destas aprendizagens, facilitando seu desenvolvimento, é premissa central para o trabalho na Educação Infantil. Para isso, é necessário:

"[...] conhecer os bebês e as crianças reais, vivas e concretas que compõem as Unidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Assume-se como princípio os seus direitos à brincadeira, à expressão, à participação, à aprendizagem e ao acolhimento, viabilizando a construção da autoria, da imaginação, da fantasia, do pensamento, da autonomia, por meio da investigação, das descobertas, da alegria e das escolhas, que podem envolver ações coletivas, individuais ou mesmo o recolhimento, isto é, a opção de contemplar, observar e, em certos momentos, não se envolver" (SÃO PAULO, 2015a, p. 26 apud São Paulo, 2019, p.127).

Pensar na qualidade do atendimento que colabore com as aprendizagens de bebês e crianças é essencial, pois isso impacta diretamente no desenvolvimento infantil, e a observação é uma ferramenta importante e colaborativa para refletir sobre esta questão. Leia a cena a seguir:

O que você vê?

Uma bebê de cinco meses está deitada no chão com muitos brinquedos ao seu alcance. Ela está contente e observando os outros cinco bebês e crianças que estão na sala com ela. Pegando alguma coisa aqui e outra ali, ela acaricia um brinquedo primeiro com os olhos, depois com as mãos. Se olharmos mais de perto, podemos perceber certa umidade na região das nádegas, sob sua roupa. A criança ouve um passo e seus olhos se movem em direção ao som. Então vemos um par de pernas e pés se movendo na direção da criança. Uma voz diz "Caitlin, estou vendo como você está conseguindo se virar".

As pernas se movem para perto do cobertor, e Caitlin olha para os joelhos em sua frente. Os olhos dela brilham à medida que o resto da pessoa aparece no seu campo visual. Um rosto gentil se aproxima. Caitlin sorri e balbucia algo. A cuidadora responde e depois repara na umidade da roupa. "Oh, Caitlin, você precisa ser trocada", ela diz. Caitlin responde sorrindo e balbuciando.

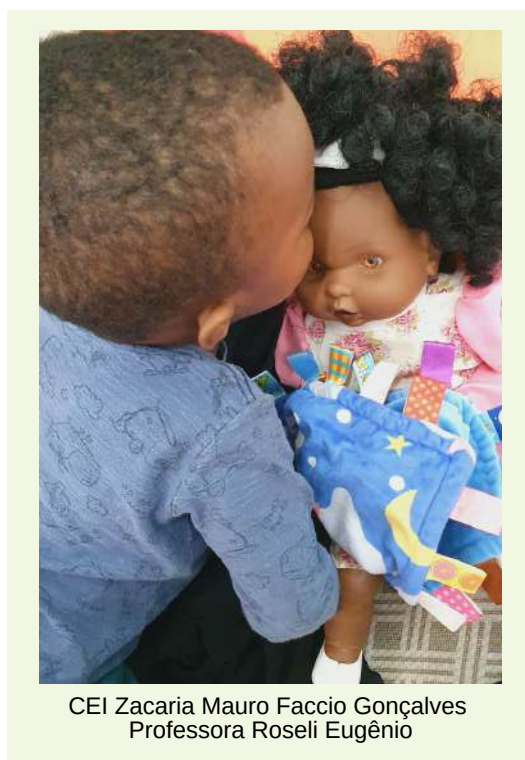
Abrindo os braços, a cuidadora diz "vou pegar você agora". Caitlin responde aos gestos e às palavras com um movimento corporal leve. Ela continua sorrindo e balbuciando. A cuidadora a retira do chão e caminha em direção ao trocador.

(GONZALEZ-MENA, J.; EYER, D. W. p. 3, 2014).

Por meio da descrição da cena é possível visualizar cada movimento, a intenção da professora, as relações estabelecidas entre ela e a bebê, o que essa bebê sabe e consegue realizar, e como a professora reforça positivamente as conquistas dessa bebê. A atitude adulta contempla e acolhe quando necessário, respeita o movimento livre e a interação da bebê com os objetos.

A **observação atenta** e o **registro das interações** são essenciais para a compreensão da relevância dos momentos vividos e a captura de minúcias sobre o desenvolvimento dos bebês e das crianças. A observação possibilita à/ao adulta/o organizar um ambiente seguro, acolhedor, desafiador e que garanta **condições adequadas para o desenvolvimento pleno e integral** de bebês e crianças.

Observe a cena capturada pela fotografia.



A observação atenta possibilitou que a educadora Roseli percebesse a interação do bebê com a boneca, um gesto que acolhe, que sustenta uma relação amparada no afeto, fato que contribui para dar visibilidade à importância das práticas inclusivas e antirracistas, por meio de uma observação atenta, e que reitera a necessidade de garantir a diversidade dos materiais e objetos ofertados nas UEs.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Retome a atividade síntese do mês de abril. Nela foi solicitado que você tirasse fotos de sua sala de referência antes e depois das reflexões realizadas durante o Percorso Formativo do mês. Revisite a segunda imagem e reflita sobre as questões a seguir:



Como tem sido a interação dos bebês e das crianças neste espaço transformado?

Bebês e crianças brincam neste espaço de forma livre e autônoma?

É possível oportunizar que bebês e crianças sejam ouvidos em suas necessidades a partir das interações que estabelecem neste espaço?

A organização do espaço incide diretamente nas vivências de bebês e crianças que, de acordo com a disposição de mobiliários, brinquedos e outros objetos, têm sua motricidade livre respeitada, podendo movimentar-se e interagir com objetos de modo seguro e confortável.

A observação é um importante recurso que reverbera na promoção de práticas promotoras do desenvolvimento e das aprendizagens infantis, o que contempla desde a oferta de materiais e objetos, a organização dos espaços e do tempo, até mesmo as relações de cuidado. Sobre esta observação, volte para a sua relação com os bebês e as crianças e reflita:

Bebês e crianças negros/as, migrantes, indígenas, público alvo da educação especial, são observados a partir de um olhar livre de preconceitos ou estereótipos?

Bebês e crianças são considerados, respeitados, observados a partir do que sabem, de suas interações com objetos/ambiente, do que conseguem realizar?

Ao brincar e interagir com os espaços, outros/as bebês e crianças, adultas/os, meninas e meninos são observados a partir de um olhar livre de estereótipos de gênero?

A observação está a serviço das relações que o bebê e criança estabelecem, assim como do seu desenvolvimento e do seu bem-estar. É a partir da observação que planejamos, replanejamos, compreendemos sobre alimentação, sono, brincadeiras, dentre outros aspectos importantes para as vivências nas UEs. Observar a partir de um olhar livre de preconceito, estereótipo, que valorize o que bebês e crianças sabem e comunicam é essencial às práticas das/os adultas/os. Registrar as observações serve para tomar consciência do desenvolvimento e das aquisições dos bebês e das crianças.



PARA SABER MAIS:

Leia o trecho do livro "**O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche**" de Gonzalez-Mena e Eyer (2014), página 78.
Boa leitura!





UM OLHAR PARA O COTIDIANO: A OBSERVAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DE BEBÊS E CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE IDADE.



TONUCCI, Com olhos de criança, 1997.

Sabemos que bebês são sujeitos de direitos e que cuidar e educar devem ser premissas no trabalho desenvolvido nas unidades de Educação Infantil. Mesmo diante do direito expresso, se faz necessário refletir sobre cuidados na primeira infância. Se por um lado pesquisas como a de Abramowicz e Oliveira (2004) aponta que bebês negros/as demoram mais tempo para serem alimentados, trocados e recebem menos colo, por outro existe uma cultura de toques excessivos e desrespeitosos aos corpos de bebês e crianças.

Democratizar afeto, colo, olhar e atenção aos bebês e crianças negras, indígenas e migrantes (regionais ou internacionais), deve ser compromisso de todas/os as/os educadoras/es.

Observe a charge de Tonucci (1998) e reflita:

Se a aprendizagem se dá por meio das relações, o que este bebê aprendeu?

Qual a possibilidade que esse bebê teve de realizar o que ele já sabe?



PARA SABER MAIS:

Leia o artigo "[Infância, Raça e Paporicação](#)", de Abramowicz e Oliveira (2004).



Para refletir sobre as possibilidades de interações respeitadas que valorizam o que o bebê sabe e comunica, observe as imagens a seguir, que demonstram possibilidades interessantes de observação, respeito ao tempo e espaço do bebê:



CEI Jardim Peri
Professora: Lúcia Lusilene

Após colocar o produto na mão, a educadora oferece para que o bebê manuseie, sinta e talvez leve até seus cabelos, caso ele consiga fazer isso. Ele, por sua vez, traz uma atitude curiosa, estende a mão ao encontro da mão da professora, explora sentindo a textura do produto. A postura da professora revela momentos de observação e pausa, pois espera a decisão do bebê. Observamos uma **atitude adulta que permite e encoraja** que o bebê investigue e faça aquilo que sabe.

É importante refletir sobre a sua observação e interação com bebês e crianças considerando as **necessidades específicas**, as particularidades que cada um carrega enquanto sujeito único e diverso. Bebês e crianças migrantes (regionais ou internacionais) trazem aspectos culturais e linguísticos que precisam ser respeitados e valorizados. Bebês e crianças com deficiência física, intelectual, síndromes e transtornos trazem aspectos específicos na forma de ser e estar no mundo que precisam ser valorizadas e consideradas no âmbito da organização e do planejamento cotidianos. Para isso, o diálogo com a família é essencial de modo **a acolher e a respeitar essas diversidades humanas**.

As memórias que são construídas durante a infância irão inscrever suas marcas no desenvolvimento destes sujeitos, por isso é imprescindível um olhar atento e cuidadoso para acolher todos os bebês e crianças em suas multiplicidades e especificidades.

Estamos no final deste Percorso Formativo e, para encerrar, convidamos para um momento de fruição. Assista ao vídeo de Heloísa da Websérie Transvendo Infâncias que revela o processo criativo de 8 artistas mulheres que narram a importância de suas vivências na infância para a arte.

Transvendo Infâncias: Olhar 5 - Helo Rodrigues



Este episódio da Websérie traz como protagonista Heloísa que fala sobre seu desejo de voltar à infância e reflete que as experiências durante a infância foram importantíssimas para a construção da artista que é hoje. Compreendemos que bebês e crianças são sujeitos de direitos do agora, mas é importante refletir sobre a dimensão das vivências na vida presente e futura dos bebês e das crianças. As memórias, as lembranças e o vivido farão parte da vida e da história daquele sujeito.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Considerando os princípios discutidos neste mês, escolha um dia da semana e se dedique a observar um bebê ou criança de seu grupo. Escolha uma cena do cotidiano em que o bebê ou criança esteja em uma proposta de exploração livre do ambiente ou de objetos, ou ainda em uma situação de cuidado. Em sua observação contemple as seguintes questões:

- Como o bebê ou criança escolhida/o interage com a proposta?
- Como o espaço contribui para que ela/ele vivencie a proposta, brincadeira entre outras ações?
- É possível que o bebê ou a criança tenha experiências individuais e coletivas? Discorra sobre o que pensa a respeito desta questão.

Faça um breve registro sobre sua observação utilizando como inspiração o registro da página 4 deste material.



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Realize o registro da atividade anterior no formulário disponível através do link a seguir:

[UNIDADES DIRETAS](#)

[UNIDADES PARCEIRAS](#)



Acesse também a atividade diretamente no Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA). E lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: **Observação da/o adulta/o e a organização do cotidiano de bebês e crianças de zero a três anos de idade.** Apesar da *live* não compor a carga horária das Unidades Parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem sem a necessidade de registrar presença.



[Observação da/o adulta/o e a organização do cotidiano de bebês e crianças entre zero e três anos](#)

30/05/2023 - 20h às 21h30

Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído ao seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

MAIO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao terceiro mês da **Formação da Cidade**. Em abril, o percurso formativo propôs visitar as ações e interações cotidianas, apresentando a intencionalidade pedagógica como prática permanente que se expressa na organização dos tempos, espaços, materialidades, mas também nas interações, de modo a favorecer e a ampliar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças.

As cenas destacaram o acolhimento, a escuta atenta e dedicada, o planejamento e a organização de contextos de investigação como aspectos importantes para garantia dos direitos de aprendizagens das crianças.

Em maio, o percurso formativo aprofunda reflexões acerca da organização dos contextos para garantia de boas situações de aprendizagem. Para isso, serão apresentados os conceitos de *Contexto de Aprendizagem* e *Organizadores do Cotidiano*, desvelando como eles se materializam na UE, a partir de uma perspectiva antirracista, não sexista, não xenofóbica e inclusiva.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Compreender o que são contextos de aprendizagens e a contribuição dos organizadores do cotidiano para a sua viabilização;
- Refletir sobre a relação entre a organização de contextos e a aprendizagem na Educação Infantil;
- Planejar contextos de aprendizagens enquanto processos de investigação e ampliação das vivências infantis a partir da perspectiva antirracista, não xenofóbica, não sexista e inclusiva.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, iremos focar nossas reflexões nos contextos de aprendizagens e na compreensão da importância do planejamento e organização do cotidiano de modo a favorecer o engajamento das crianças em projetos e investigações, culminando em aprendizagens e desenvolvimento significativos ao grupo e a cada criança. Convidamos para que reflita sobre a organização dos contextos como oportunidades ricas para promover uma educação antirracista, não sexista, não xenofóbica e que atenda a todas as crianças em suas singularidades e diferenças.



O que são contextos na Educação Infantil?



Questões reflexivas: Qual a relação entre a organização do espaço e as aprendizagens das crianças?



Para Saber Mais: Kit Pedagógico 2023



Olhar para o cotidiano: Como a intencionalidade se revela no cotidiano da unidade educacional?



Articulando teoria e prática: atividade síntese do percurso formativo de Abril

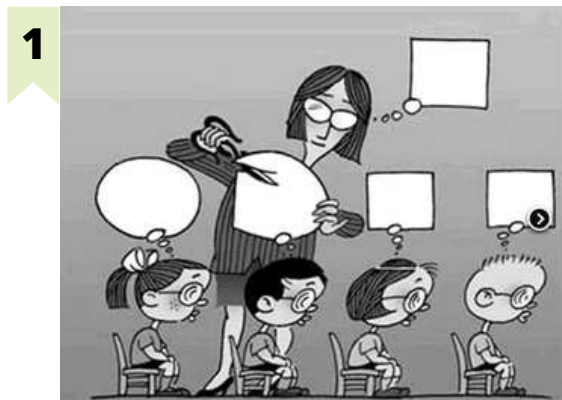


Live: Data **25/05/2023**, das **20h às 21h20**



O QUE SÃO CONTEXTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Para dar início às reflexões, propomos que observe as imagens abaixo:



Marcelo Sabatini
<https://www.marcelo.sabatini.com/educacao-em-charges-2/>



CONTACTO CON LA NATURALEZA. JUEGO AUTÓNOMO. INVESTIGACIÓN...

As charges apresentam duas representações do cotidiano educativo. Qual delas melhor representa a concepção de Educação Infantil presente no Currículo da Cidade?

Podemos observar que a Charge 1 revela uma prática pedagógica descontextualizada da vida, que molda as formas de pensar e agir das crianças impedindo o seu exercício criativo e investigativo, portanto a sua formação crítica e reflexiva enquanto sujeito histórico-social. Já a Charge 2 revela uma concepção de educação pautada na oferta de múltiplas experiências, de possibilidades de investigação e de construção criativa do conhecimento por meio de interações contextualizadas com a vida.

Os ambientes na Educação Infantil devem ser considerados como uma estrutura que potencializa oportunidades diversas para que as crianças encontrem seus sonhos, vivam possibilidades de investigar, criar, explorar, expressar-se, brincar e conviver. **A esta estrutura denominamos Contexto de Aprendizagem (ZABALZA, 1998).**

O Contexto não se restringe aos espaços físicos e materiais, mas contempla as relações interpessoais, a atmosfera afetiva, o valor atribuído às descobertas em processo de construção perceptíveis pelas/os adultas/os entre as crianças. A qualidade do ambiente, que se dá pela organização do espaço e dos materiais, pode, em si, assegurar muitas aprendizagens na Educação Infantil.

O modo como articulamos as experiências com a turma é que torna o trabalho singular e adequado para atender as curiosidades das crianças. **Um contexto organizado com intencionalidade cumpre um papel fundamental na integração das experiências infantis.**



Convidamos você a assistir a dois vídeos curtos em que o Professor Paulo Fochi explica a organização dos contextos, ampliando a compreensão sobre o tema no percurso formativo deste mês.

Tema: Organização do espaço na Educação Infantil: mesa do professor



Tema: Sobre a intencionalidade e o ponto de partida na organização dos espaços



QUESTÕES REFLEXIVAS

No mês de Abril a proposta de atividade indicou a escolha de um espaço para rever a sua organização propondo mudanças ou adequações pensando no acolhimento, na escuta e no aperfeiçoamento das propostas para as crianças.

Volte para o espaço escolhido e (re)organizado para pensar alguns aspectos trazidos pelo Professor Paulo Fochi.

A organização do espaço e materiais possibilitam às crianças terem autonomia para escolher o que querem fazer, investigar, criar, explorar e brincar, podendo até mesmo se organizarem autonomamente em pequenos grupos ?

Os materiais disponíveis revelam a diversidade cultural das famílias e do território de pertencimento da unidade?

Os contextos trazem aspectos culturais afro-brasileiros e dos povos originários (indígenas)? No caso de haver crianças e famílias migrantes, os contextos trazem aspectos da cultura de origem destas crianças/famílias?

Os contextos são planejados de modo que não haja distinção entre "coisas" de meninos ou meninas?

Os contextos promovem práticas pedagógicas inclusivas nas quais todas crianças podem participar tendo acesso, mobilidade e atendimento às suas especificidades?



As experiências vividas no espaço da unidade de Educação Infantil devem possibilitar aos bebês e crianças a interação e reflexão sobre o mundo que os cerca, sobre os elementos da natureza, sobre as relações com outras crianças e adultos, para que possam criar e testar hipóteses, construindo, assim, suas aprendizagens. As experiências, vivências, saberes e interesses infantis são pontos de partida para novos conhecimentos. A oferta de materiais e a organização dos espaços traduzem a intencionalidade docente, enquanto o estímulo ao planejamento e à autonomia favorecem o protagonismo infantil (São Paulo, 2019, pág.82).

O QUE DEVEMOS CONSIDERAR NA ORGANIZAÇÃO DOS CONTEXTOS?

Além dos princípios apresentados anteriormente da **autonomia e livre escolha** pela criança para investigar, criar e expressar, da **intencionalidade** docente no planejamento e organização deste contexto e de seu **potencial de aguçar as crianças para a investigação, experiência e criação**, alguns critérios precisam ser considerados contemplando as dimensões éticas, estéticas e políticas da Educação Infantil:

- Os aspectos culturais da ancestralidade brasileira (indígena e africana) e de origem das crianças (migrantes e outros países ou regiões do Brasil);
- O uso de materiais apropriados, seguros, limpos e variados, que despertem curiosidade à exploração e à inventividade;
- O uso e organização de objetos e mobiliários que prevejam a inclusão de todas as crianças para explorar, investigar e criar;
- A organização de cantos ou áreas circunscritas;
- Potencializar, por meio da organização do espaços e dos materiais, a construção de pequenos grupos;
- Potencializar as vivências e a construção das culturas infantis em suas múltiplas linguagens;
- A divulgação da trajetória de aprendizagem do grupo e das crianças com a/o educadora/or em paredes, murais e outros suportes;
- A elaboração de critérios para organizar os espaços, a mobília e os materiais juntos com as crianças;
- A possibilidade de resignificação dos espaços e materiais construindo novos sentidos e novos usos.



PARA SABER MAIS:

Acesse o documento elaborado pela DIEI sobre "[Orientações e possibilidades de utilização e exploração do Kit Pedagógico 2023](#)"





UM OLHAR PARA O COTIDIANO: COMO A INTENCIONALIDADE SE REVELA NO COTIDIANO DA UNIDADE EDUCACIONAL ?

Agora que já amadurecemos a compreensão de **contextos de aprendizagens**, vamos olhar para a cena a seguir e pensar sobre a organização do cotidiano e como ela pode contribuir para a construção de contextos de aprendizagens significativos, que permitam às crianças investigarem, levantarem hipóteses, criarem e projetarem:

CENA 04:

"Continuando nossas vivências sobre as culturas indígenas, conhecemos um pouco sobre o povo Munduruku, por meio de rodas de conversa e a leitura do livro "Kabá Darebu", de Daniel Munduruku, que narra um pouco sobre a sua cultura, as brincadeiras, etc. Descobrimos, a partir de algumas vivências, que o povo Munduruku pinta usando urucum (tinta vermelha) e jenipapo (tinta preta). Quando trouxemos as sementes de urucum para a sala, as crianças ficaram encantadas. Como uma semente tão pequena conseguia "juntar" tanta cor? **Elas não se cansavam de "testar"** o poder riscante das sementes. Foi assim que pintamos em vários tipos de papéis, no chão, no corpo e na parede de azulejo".

[...]

Currículo da Cidade: Educação Infantil, p.47

Refleta:

A experiência vivida pelas crianças foi ampliada de modo que houvesse continuidade e ampliação nas aprendizagens?

Como as aprendizagens foram favorecidas a partir de uma organização que aguçou a curiosidade, ofereceu autonomia e a possibilidade de livre escolha pelas crianças

Pensar estas questões exige olhar para a forma **como o cotidiano das crianças é organizado a partir da intencionalidade docente**, de modo que ele seja um facilitador para a construção de aprendizagens nas unidades educacionais. Para isso, é importante entender o que são os **organizadores do cotidiano**.



ORGANIZADORES DO COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

O Currículo da Cidade traz a estruturação do cotidiano das crianças a partir de cinco variáveis que organizam o processo educativo: tempos, espaços, materialidades, interações e narrativas; a estes denominamos de **organizadores do cotidiano**.

O **tempo** deve ser planejado contemplando a integralidade das crianças, buscando não fragmentar ou interromper as brincadeiras e interações. É importante não projetá-lo a partir da linha do tempo, com longos momentos de espera ou filas, mas um tempo fluido vivido pelas crianças, planejado com elas e para elas.

O **espaço** deve ser organizado de modo a facilitar a construção de aprendizagens respeitando os tempos da criança com espaço de leitura, descanso, oportunidade para vivências individuais, em duplas e em pequenos grupos.

As **materialidades** precisam ser diversificadas, estar disponíveis, limpas, organizadas de modo que colaborem com a inventividade e o levantamento de hipóteses.

As **interações** devem ser planejadas para a ampliação dos vínculos, das relações entre adultos/os e crianças, crianças e crianças e crianças e objetos. E por último, mas não menos importante, as **Narrativas**. Escutar e observar o que as crianças trazem durante as experiências de investigação e criação é essencial para o planejamento de novos contextos, oportunizando a elas participação, planejamento e escolha.

Essa estrutura possibilita à professora observar, registrar e avaliar as vivências para a projeção de novos contextos.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

"As aventuras de um menino e sua caixa de papelão"



O curta possibilita a reflexão sobre a organização de contextos e as oportunidades de brincadeira simbólica presentes no cotidiano das unidades educacionais. A brincadeira simbólica favorece as interações intergeracionais, viver diferentes papéis sociais, ampliar os recursos de comunicação, negociar as regras para brincar no coletivo, vivenciar diferentes culturas e muito mais.

Apesar do vídeo trazer um contexto sociocultural diferente da realidade da infância paulistana e abordar aspectos relacionados às relações étnico-raciais e de gênero que podem ser problematizados, entendemos a potência que há na narrativa da experiência do menino com a caixa e abordaremos melhor tais questões na *live* deste mês.

Exercite o planejamento de um contexto de aprendizagem considerando os princípios apresentados neste material. Retome os critérios das dimensões éticas, estéticas e políticas para auxiliar neste processo:

- Aspectos culturais da ancestralidade brasileira (indígena e africana) e de origem das crianças (migrantes e outros países ou regiões do Brasil);
- Uso de materiais apropriados, seguros, limpos e variados, que despertem curiosidade à exploração, à inventividade;
- Uso e organização de objetos e mobiliários que prevejam a inclusão de todas as crianças para explorar, investigar e criar;
- Organização de cantos ou áreas circunscritas;
- Potencializar, por meio da organização do espaços e dos materiais, a construção de pequenos grupos;
- Potencializar as vivências e a construção das culturas infantis em suas múltiplas linguagens;
- Divulgação da trajetória de aprendizagem do grupo e das crianças com a/o educadora/or em paredes, murais e outros suportes;
- Elaboração de critérios para organizar os espaços, a mobília e os materiais juntos com as crianças;
- Possibilidade de resignificação dos espaços e materiais construindo novos sentidos e novos usos.

Transforme a narrativa de sua experiência em uma cena, como a da página 7. Pense sobre as contribuições que o percurso deste mês trouxe para a transformação de sua forma de planejar e organizar as experiências de investigação e criação em contextos de aprendizagens.



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Realize o registro da atividade anterior no formulário disponível através do link a seguir:

[UNIDADES DIRETAS](#)

[UNIDADES PARCEIRAS](#)



Acesse também a atividade diretamente no Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA). E lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.



(((▶))) LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**A importância de organizar contextos enquanto estrutura de oportunidades para a investigação**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



[A importância de organizar contextos enquanto estrutura de oportunidades para a investigação](#)

25/05/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

JUNHO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao quarto mês da **Formação da Cidade**. Em maio, refletimos sobre a observação do cotidiano na Educação Infantil enquanto atitude fundamental da/o educadora/or que acompanha bebês de 0 a 3 anos de idade em espaços coletivos. Evidenciamos que as aprendizagens se constroem a partir das trocas de experiências e que são as interações que ocorrem no cotidiano da Educação Infantil o nosso maior foco de observação e escuta.

Neste mês daremos continuidade às reflexões sobre a atitude da/o educadora/or que atua na Educação Infantil, especialmente nos momentos dos cuidados como a troca de fraldas, o banho dos bebês e a troca de roupas de crianças pequenas no CEI.

Ressignificar o cuidado compreendendo-o enquanto um direito dos bebês e das crianças evoca, em nós, o compromisso de qualificarmos nossas práticas pedagógicas. Acreditamos no cuidado respeitoso comprometido com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

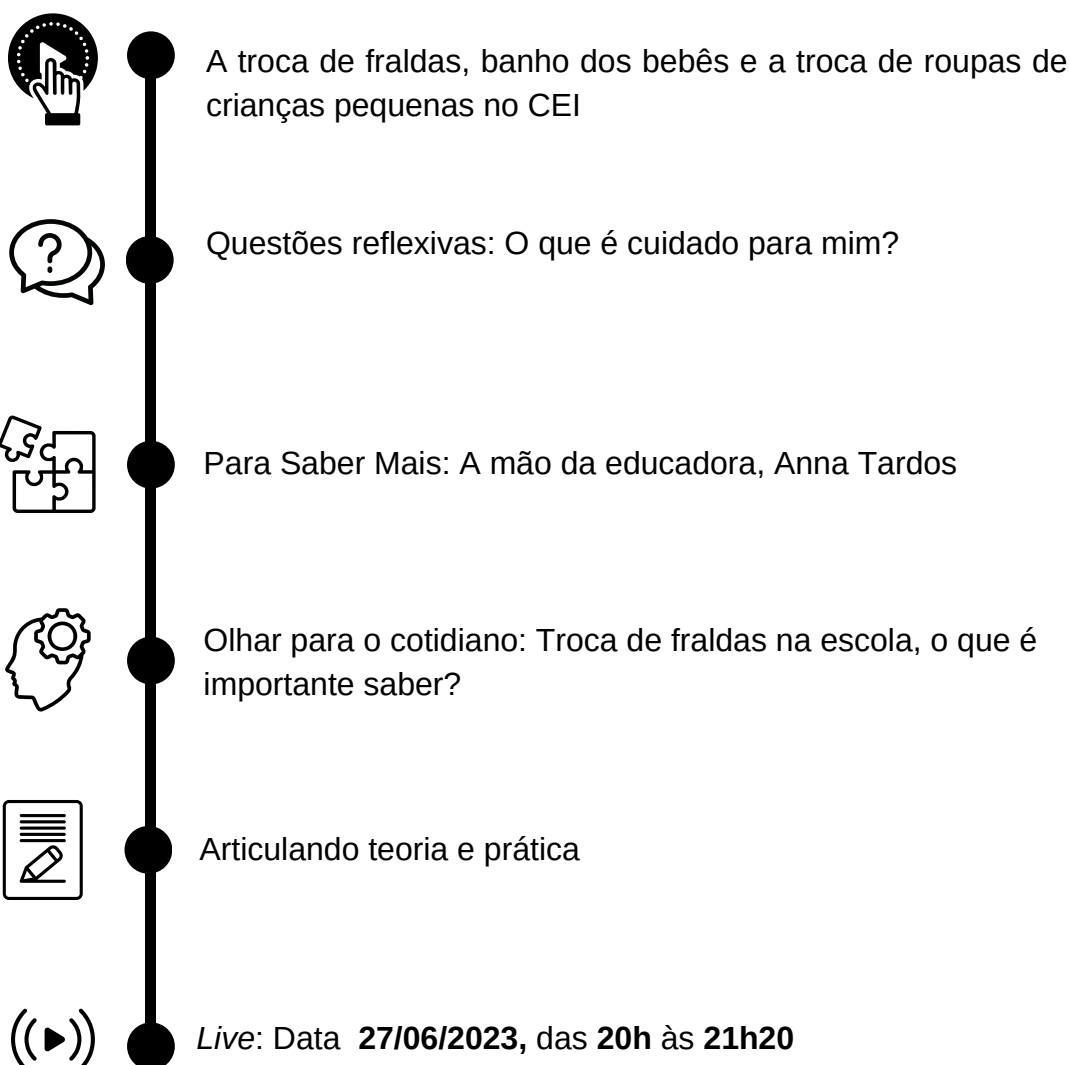
- Refletir sobre a importância e o encontro da/o adulta/o com o bebê durante os momentos de cuidados nos CEIs;
- Qualificar as interações e relações estabelecidas nos momentos de cuidados;
- Promover a auto-observação nas ações de cuidados como prática intencional para a promoção da equidade, da integralidade e da inclusão.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, refletiremos sobre a atitude da/o educadora/or, especialmente nos momentos dos cuidados corporais como a troca de fraldas, o banho dos bebês e a troca de roupas de bebês e crianças pequenas no CEI.

O Currículo da Cidade aponta que as primeiras atitudes das/os profissionais que atuam na Educação Infantil são a escuta e a observação que se concretizam quando convidamos e permitimos que bebês e crianças participem da rotina, incluindo seus momentos de cuidados na UE.

Assim, convidamos você a ler, estudar e refletir sobre como tem atuado, interagido e se relacionado com os bebês de 0 a 3 anos de idade durante os momentos dos cuidados corporais.





A TROCA DE FRALDAS, BANHO DOS BEBÊS E A TROCA DE ROUPA DE CRIANÇAS PEQUENAS NO CEI

Observe as imagens e reflita sobre a seguinte frase:



CEI Jardim Peri
Professora: Lusia Lusilene

“Como é diferente a imagem de mundo que uma criança recebe quando mãos silenciosas, pacientes, cuidadosas e ainda seguras e resolutas cuidam dela; e como parece ser diferente o mundo quando estas mãos são impacientes, rudes, apressadas, inquietas e nervosas”.

Emmi Pikler (apud Falk, 2010, p. 11).

Cuidar é uma atividade relacional, é uma maneira de estar com o outro, de perceber que bebês e crianças estão nesta relação, e de se deixar afetar por eles e de afetá-los. Para exercer o cuidado é necessário disponibilidade para a relação e para o outro. É preciso ter a presença implicada nesta relação de forma comprometida, atenta e próxima.

O caráter pedagógico dessa ação começa pela maneira como a/o adulta/o se aproxima do bebê e da criança, pois seu olhar, o tom da sua voz, a intensidade dos seus toques e gestos serão recebidos, sentidos e interpretados pelos bebês provocando-lhe sensações agradáveis ou desagradáveis.

Quando, nos momentos dos cuidados, nossa atenção está inteiramente voltada para o bebê, podemos observar pelo seu comportamento se está relaxado ou não, se está gostando, se lhe é agradável ser cuidado, como está reagindo e, assim, podemos interagir e "escutá-lo".

O Currículo da Cidade afirma que **“os momentos de cuidados como a higiene, alimentação e descanso, são momentos essenciais de educação e, por isso, devem ser realizados com tempo.”** (SÃO PAULO, 2019, p.114)

Nos espaços coletivos de Educação, os momentos dos cuidados corporais são, na maioria das instituições, o único tempo em que bebês e crianças podem desfrutar de atenção individualizada, de uma relação exclusiva e de uma profunda conexão e fortalecimento de vínculos afetivos tão necessários à construção da boa imagem de si mesmo e da autoestima que se dão pelo olhar do outro, isto é, pela/o adulta/o que cuida.

Quando cuidamos conversando, sorrindo e convidando o bebê a participar, confirmamos para ele que é um prazer estarmos juntos, que esse tempo é muito valioso, pois é o tempo do encontro privilegiado com sua/seu adulta/o de referência e que é agradável para esta/e adulta/o cuidar dele.

Assim, podemos definir **cuidado** como o "conjunto de atenção que o adulto proporciona à criança, incluindo a observação" (Fomasi & Travaglini, p. 67, 2016, tradução nossa). Incluir a observação em nossas práticas de cuidado é ultrapassar ações mecanizadas, aligeiradas partindo para relações respeitadas, recíprocas e receptivas.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Já parou para pensar sobre **o que é cuidado para você?** É importante olharmos para as nossas próprias concepções, pois são elas que regem e sustentam nossas práticas. Pense, agora, nos momentos em que você foi cuidada/o por alguém, seja quando criança, seja na vida adulta e reflita:

Como você se sentiu quando movimentos ternos, delicados e atenciosos foram dirigidos a você? E como se sentiu, ou se sentiria, se recebesse toques ríspidos, gestos bruscos e falta de atenção?

Isso significa que a maneira como somos cuidados impacta a construção da nossa autoimagem e da nossa autoestima. Ser bem cuidada/o evoca sentimentos de atenção e interesse por parte do outro e ser mal cuidada/o transmite sensações e sinais de indiferença, desatenção ou impaciência.

Analisando a nossa prática pedagógica e o quanto você dispensa de atenção e cuidado individualizado a cada bebês e/ou criança, reflita:

Os cuidados são momentos de práticas pedagógicas inclusivas nas quais todas crianças podem participar desfrutando o mesmo tipo de atenção?

Bebês e crianças participam da organização dos momentos de cuidados, como na troca de roupas ou fralda, ou no banho (quando acontece), podendo compartilhar suas escolhas e ter autonomia a partir da oportunidade dada pela educadora/or?

Observe as cenas de troca de fraldas a seguir. Uma delas, a do Tonucci, já é conhecida e a retomamos com o intuito de te convidar a "olhar de novo": o que essa ilustração reverbera em você? Compare a postura da adulta em relação à atenção, conexão e interação com o bebê nas duas cenas. Em seguida, assista ao vídeo de Magda Gerber e observe atentamente como as mãos de Magda conversam com o bebê.

A pele, é o órgão do sistema sensorial mais importante. As mãos da educadora são, sem dúvida, as que mais tocam o bebê. Por meio deste toque a educadora se comunica; o toque é uma linguagem. Observe atentamente o vídeo e veja como as mãos de Magda conversa com o bebê.



É a partir da relação que construídas nos momentos de cuidados corporais e do fortalecimento do vínculo afetivo que o bebê adquire confiança e segurança para participar e cooperar porque sabe que a/o adulta/o esperará suas ações e reações, seu consentimento, validando a expressão de suas vontades e desejos.

A mão de quem cuida, comunica. Você já pensou sobre isso? A mão que cuida é a mesma que apresenta o mundo aos bebês. Se são mãos que imprimem gestos bruscos, ríspidos, impacientes e nervosos, certamente provocarão sensações desagradáveis no bebê. Já os toques provenientes de mãos seguras, leves, pacientes e amorosas serão recebidos com prazer e a imagem de mundo que o bebê recebe será positiva e agradável. Nosso toque, nos processos de cuidados, falam por nós!



PARA SABER MAIS:

Leia o capítulo "A mão da educadora", de Anna Tardos (FALK, 2010), que traz uma uma reflexão essencial sobre a mão de quem cuida.





UM OLHAR PARA O COTIDIANO: TROCA DE FRALDAS, BANHO DOS BEBÊS E TROCA DE ROUPA NO CEI, O QUE É IMPORTANTE SABER?

Agora que já iniciamos nossa reflexão acerca da compreensão sobre **cuidado**, vamos relacioná-lo à construção da **autonomia**. Como podemos, durante as trocas de fraldas, banho dos bebês e troca de roupa, favorecer a construção da autonomia?

Poder fazer com prazer o que é capaz de fazer: esticar o braço para vestir a blusa, levantar o quadril para a troca da fralda, abaixar a calça, inclinar a cabeça, focar o olhar, por exemplo, são ações conscientes e intencionais para que o bebê e a criança percebam-se competentes e partícipes desses momentos exclusivos de encontro consigo mesmo e com sua/seu cuidadora/or.

A relação estabelecida com o adulto referência é de fundamental importância para que a partir da comunicação que existe entre bebê e sua educadora/or se possa haver cooperação e participação. Isso significa que quando a/o adulta/o antecipa suas ações ao bebê, dá-lhe tempo para responder e espera paciente e afetuosamente sua resposta, o bebê pode, gradativamente, construir sua autonomia a partir daquilo que tem competência para realizar em cada etapa de seu desenvolvimento.

Bebês e crianças pequenas precisam se vincular a adultas/os em quem confiam para se sentirem seguros. Precisam sentir que a educadora/or sabe sobre eles, compreende e atende suas necessidades. Esse vínculo se fortalece, especialmente, nos momentos dos cuidados corporais quando, na relação um para um, o bebê pode experimentar o sentimento de importância de ser especial para alguém. A confiança e a segurança surgem porque o bebê entende que, além de cuidado, ele é considerado como um indivíduo pelo adulto que cuida dele.

Do vínculo surgem os sentimentos de segurança e confiança, e o desenvolvimento, o aprendizado e o apego estão relacionados. Por isso, são as atitudes e os aprendizados adquiridos nas experiências sensoriais das atividades de cuidado que darão ao bebê oportunidades para aprender habilidades físicas e sociais, formando a base do intelecto.



PARA SABER MAIS:

Leia o artigo "**Muito mais do que trocar fraldas**", de Damaris Gomes Maranhão na Revista Avisa Lá, 2013.



ORGANIZAR O MOMENTO DE TROCA DE FRALDA NO COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Organizar o momento de troca de fralda no cotidiano da Educação Infantil requer **técnica e atitude**.

A técnica diz respeito aos protocolos de higiene, aos procedimentos que garantirão que a troca da fralda ocorra dentro dos padrões saudáveis e de limpeza, como a lavagem das mãos da educador/or, a higienização do trocador, as fraldas descartadas em recipiente fechado, os materiais facilmente acessíveis, a maneira como iniciamos a limpeza nos corpos dos meninos e das meninas... Tudo isso pode e deve ser aprendido!

Já a atitude está relacionada à nossa postura na relação com o bebê. A nossa conduta, a nossa forma de interagir, a maneira como nos comportamos revela (ou não) a nossa disposição para entrar em relação com o bebê e permitir que ele tenha consciência do que está acontecendo com ele, já que numa atitude de respeito, antecipamos e comunicamos ao bebê o que vamos fazer com o corpo dele.

Dessa forma, adulto e bebê participam, colaboram e vivenciam juntos uma experiência humana íntima que dá prosseguimento às relações. É possível fazer isso de forma plena e integral.



PARA SABER MAIS:

Assista aos vídeos do formador da DIEI, Thiago Pacheco, sobre a troca de fraldas em bebês:

Troca de fraldas: bebês que ficam deitados



Troca de fraldas: bebês que ficam em pé



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Para encerrarmos este Percurso Formativo te convidamos para um momento de fruição. Assista ao vídeo sobre "Brincar e Cuidar Muitas Interações" da Célula UFC (Centro de Estudos sobre Ludicidade e Lazer) e veja o quanto pelo "brincar de cuidar" as crianças imitam, reproduzem e ressignificam o que é vivido, sentindo e experienciando em si mesmas. Bebês e crianças aprendem com o que fazemos com seus corpos e o que podem fazer com ele. Fica, então, a nossa reflexão: O que estamos "fazendo" com os corpos de nossos bebês e crianças?

Programa Diretrizes em Ação - Brincar e Cuidar muitas interações



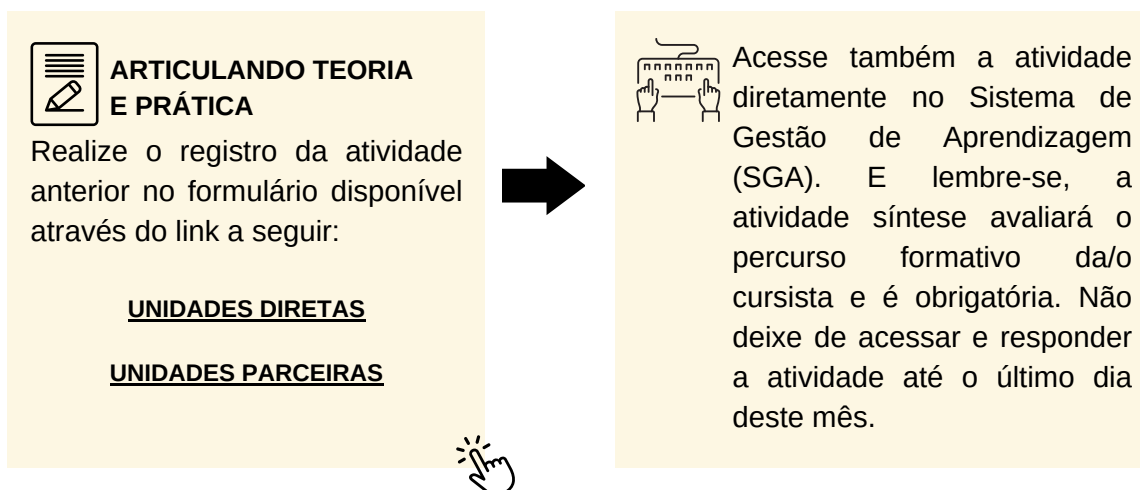
"Os momentos **MAIS IMPORTANTES** da interação adulto-criança são os referentes aos cuidados corporais." (Falk, p. 21, 2016).

Como vimos, todo cuidado é encontro, é relação e se configura como uma experiência educativa. Propomos que, durante uma semana, você se atente às formas como se relaciona com os bebês/crianças durante os momentos de trocas de fralda, banho e/ou troca de roupa. Repare na intensidade dos seus gestos, toques, tom da sua fala, como você antecipa suas ações ao bebê/criança e o que ele (a) te comunica:

- Há cooperação e colaboração entre vocês?
- Esse momento é prazeroso e agradável?
- Como acontece a interação entre vocês?


Escolha um desses momentos, reflita sobre ele, sobre como aconteceu, registre e compartilhe conosco suas impressões.

Pense sobre as contribuições que o percurso deste mês trouxe para a transformação de sua forma de se relacionar, interagir, planejar e organizar as experiências de troca de fralda, banho e troca de roupa nos momentos dos cuidados corporais.



LIVE

A *live* deste mês tem como tema "**Cuidar e educar: a troca de fraldas, banho dos bebês e a troca de roupas de crianças pequenas no CEI**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



[Cuidar e Educar: A troca de fraldas, banho dos bebês e a troca de roupas de crianças pequenas no CEI](#)

27/06/2023 - 20h

Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

JUNHO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

"Abre a roda tindolelê, abre a roda tindolalá!"

Chegamos ao quarto mês da **Formação da Cidade**. Em maio, fomos convidadas/os a refletir sobre a organização dos contextos para garantia de boas situações de aprendizagem, nos aprofundando nos conceitos de contexto de aprendizagem e organizadores do cotidiano, e como essas práticas podem se consolidar nas Unidades Educacionais

Também aprofundamos a discussão sobre a organização do cotidiano das crianças a partir de cinco variáveis que estruturam o processo educativo: tempos, espaços, materialidades, interações e narrativas, questões que alimentam nossa intencionalidade e permeiam a construção de aprendizagens nas Unidades Educacionais.

Em junho, vamos ampliar nossas reflexões para os espaços coletivos e seus diferentes usos, a importância do planejamento destes quintais brincantes, olhar para as brincadeiras tradicionais da infância como contextos de perpetuação da nossa cultura e, em especial, resgatar o adulto brincante de cada profissional.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos, bons contextos e excelentes brincadeiras!

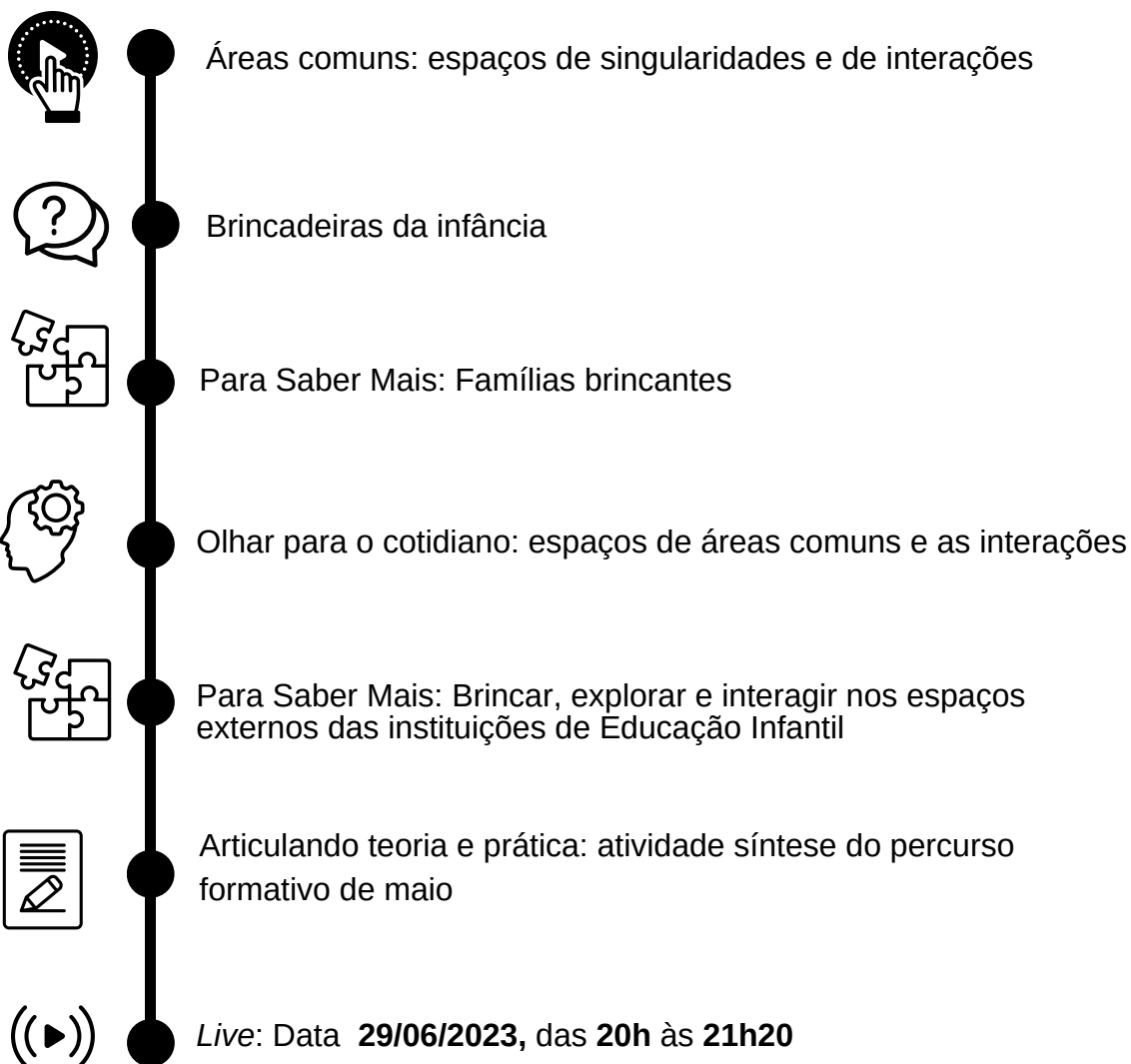
OBJETIVOS:

- Refletir sobre a importância do planejamento de contextos nos espaços coletivos;
- Compreender a organização dos espaços para garantia da autonomia, interações e ampliação de vivências.

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, aprofundaremos nossas discussões sobre os contextos de aprendizagens colocando foco no planejamento que favorece as pesquisas, brincadeiras e interações das crianças nas áreas comuns de convívio como parques, quintais, corredores, banheiros, refeitórios e demais espaços de uso comum.

Nosso convite é olhar para os espaços das unidades como potencializadores de aprendizagens e de pesquisas sobre si, o outro e o mundo, convocando também o adulto brincante e seu olhar para o coletivo e as singularidades.





ÁREAS COLETIVAS: ESPAÇOS DE SINGULARIDADES E DE INTERAÇÕES

Os espaços de uso coletivo, na forma como estão organizados, podem acolher, convidar à brincadeira e ainda comunicar os projetos que estão em processo com as crianças e as professoras. Por isso, é importante que as crianças participem desta organização, planejando suas brincadeiras, selecionando os materiais, escolhendo imagens, cuidado e representatividade de todas e todos que habitam este território.

Validar e planejar as ações vividas nestes espaços contribui para que as crianças possam saber mais de si mesmas, identificando e reconhecendo também as potencialidades e os limites de seu próprio corpo. Olhar para as curiosidades das crianças nas áreas comuns, como elas exploram, percebem e se apropriam desses espaços pode ser importante para projetar com o grupo os ambientes, a partir da organização do espaço e escolha dos materiais.

Assista ao vídeo da formadora da DIEI, Tathiana Lourenço, sobre os organizadores do cotidiano com foco nos espaços.

Vídeo: Organizadores de cotidiano - Os espaços





QUESTÕES REFLEXIVAS

Retome o vídeo anterior, faça uma pausa e reflita sobre o seu fazer.

O que você considera para organizar um espaço para brincadeira e/ou investigação?

O que você propõe para dar diferentes opções, permitindo que as crianças possam se organizar em pequenos grupos, grande grupo ou individualmente?

Quando você seleciona os objetos e materiais para organizar um contexto, como procura garantir potência e versatilidade, atentando-se à diversidade em relação a gênero e diferentes nacionalidades?

Ao organizar os contextos, junto ao seu grupo, alguns pontos precisam ser considerados:

- Observar o que tem chamado a atenção do grupo nas áreas comuns para selecionar materiais e organizações que ampliem as pesquisas das crianças;
- Cuidar para que todas as propostas ofertadas sejam convidativas e tragam a possibilidade de experiências em diferentes linguagens;
- Garantir experiências que abordam a ancestralidade dos povos originários e africanos;

A reorganização dos espaços de uso coletivo da "Ciranda do Brincar" da EMEI Maria Montessori traz propostas diversificadas com experiências que contemplam diferentes linguagens. O espaço amplo da área externa ganha um circuito para a criança experimentar e aprimorar suas competências corporais; já o tanque de areia ganha objetos e materiais diversos para favorecer a brincadeira simbólica levando para o brincar livre experiências da vida cotidiana; no campinho de futebol o espaço foi ambientado com suportes para favorecer o processo de experimentação e criação através da pintura.



BRINCADEIRAS NA INFÂNCIA

A organização do espaço potencializa as investigações, as interações e as brincadeiras. Os espaços externos convidam as crianças a fazerem outros usos do corpo. Planejar e promover situações em que as brincadeiras da cultura da infância sejam proporcionadas podem ser bons momentos de aprendizagens e desenvolvimento.

Ao brincar, as crianças se enlaçam com o mundo ao seu redor, com aqueles com quem se relacionam e com o universo cultural no qual estão inseridas. Na relação com os outros, as crianças vão constituindo o entendimento de si mesmas e também começam a entender o brincar como uma forma de linguagem.

O brincar, singular e único de cada criança, de cada brincadeira, de cada jogo e em cada grupo, diz de forma não verbal sobre os seres humanos, penetrando nas diferentes culturas, aqui também entendidas dentro do âmbito familiar, colocando em movimento uma das funções primordiais do brincar que é a vinculação com a cultura e com o processo de inserção no meio social.

Pensar em algumas brincadeiras é importante para o planejamento intencional das propostas e caminho para colocar a criança nesse planejamento com a professora, pesquisando, interagindo e levantando hipóteses. Para romper com a perspectiva de aula e com a centralidade da/o adulta/o, é importante oportunizar momentos em que as crianças possam:

- correr, pular, brincar de esconder;
- usar os brinquedos do parque, materiais como bola, corda, tecidos;
- construir com blocos, caixotes;
- brincar na areia, terra, folhas;
- participar de brincadeiras de roda, dramatizações, jogos;

Entre outros que as crianças e famílias podem compartilhar.



EMEI Alceu Maynard



PARA SABER MAIS:

Leia o texto sobre [Famílias Brincantes](#) do Instituto Avisa Lá;



PROFESSORAS BRINCANTES E SEU PAPEL DE ALIMENTAR OS BRINCARES

Nosso convite agora é que você resgate seu próprio brincar, quais são suas memórias da infância? Como suas memórias podem inspirar seus planejamentos de contextos em que as situações de cuidado, do brincar e das interações estejam garantidas numa perspectiva de espaços que potencializem o fazer não para as crianças, mas com as crianças?

A maneira com que os espaços, os materiais e os tempos estão organizados influencia de maneira decisiva na formação pessoal, social e na construção da autonomia da criança, assim como abre para a possibilidade de se sentir representado, pertencente e cuidada.



EMEI Parque Figueira Grande

Pensar nas condições materiais e organizacionais favorece também que a professora coloque em uso algumas atitudes fundamentais, como a construção de um vínculo, de confiança ligado à prevenção de riscos e garantia de segurança á todas as crianças, mas também, ligado às relações de afeto, parceria e trocas que favorecem e fortalecem este vínculo.

Colocar-se como adulta/o brincante possibilita enxergar para além daquilo que esta posto, mas conhecer a experiência e vivencia-la, não como criança, mas como adulto que enxerga e valoriza a potencialidade do brincar.



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: ESPAÇOS DE ÁREAS COMUNS E AS INTERAÇÕES

Vamos aprofundar o olhar para o seu planejamento partindo de observações sobre o brincar e as interações das crianças nos quintais das unidades. Chamamos de quintais os espaços em que as crianças possam brincar juntas em relações multietárias, aprendendo com o brincar livre em conexão com a natureza.

BRINCADEIRA DE RODA - CEMEI IRAPARA



O CEMEI Irapar (DRE Campo Limpo), fez um registro muito delicado do brincar livre de um grupo de crianças interagindo com uma bebê.

Assista ao vídeo e reflita sobre o que as crianças já sabiam que permitiu que essa cena acontecesse. Reflita também sobre o papel das professoras que antecede essa cena/momento e sobre como elas podem ajudar as crianças avançarem na efetivação de quintais cada vez mais brincantes.

RELAOES ENTRE O BRINCAR LIVRE E A ORGANIZAÇÃO DE CONTEXTOS

A escolha dos materiais em diálogo com o espaço compõe a organização de um ambiente intencionalmente pensado para favorecer as aprendizagens e investigações das crianças, os chamados contextos de investigação. Cada conjunto de materiais e experiências ofertadas por meio dos contextos convocam as crianças  exploração e  brincadeira. Um contexto significativo valoriza as diferenças culturais, a ludicidade e a experiência em múltiplas linguagens, garantindo os direitos das crianças ao bem-estar,  expressão, ao movimento,  segurança,  brincadeira,  natureza, e também ao conhecimento.

Durante as brincadeiras que surgem nos contextos, ou a partir deles, as crianças se utilizam do corpo como ferramenta para aprender e ao mesmo tempo como forma de expressão e comunicação. Os sentidos são mobilizados para conhecer, investigar e explorar, mas também para comunicar as aprendizagens construídas.

Organizar contextos não preve que as interações sejam direcionadas pelas professoras, mas que haja intencionalidade na proposição de experiências e investigações, sem perder a essência do brincar livre.



PARA SABER MAIS:

Leia o capítulo "Brincar, explorar e interagir nos espaços externos das instituições de Educação Infantil" de Maria da Graça Souza Horn, p 86-92. 2017.



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

“[...] sol, ar puro, água, terra, barro, areia são elementos/condições que devem estar presentes no dia a dia de creches e pré-escolas.”
(TIRIBA, 2010, p. 7)

Os espaços naturais oferecem uma infinidade de brincadeiras em que a imaginação e os saberes das crianças sobre o mundo são o limite. Leia o relato a seguir da formadora da DIEI, Tathiana Lourenço, quando atuava como professora na EMEI.

Investigando os bichos

Hoje o espaço do parque foi nosso laboratório a céu aberto! Um grupo pequeno estava curioso para encontrar insetos, não sabiam ao certo qual, mas tinham hipóteses sobre quais encontrariam: aranha, formiga, centopéia, lagarta.

J. com olhos atentos encontrou uma joaninha.

O grupo todo ficou em roda para observar como ela caminhava sobre a grama, tomando muito cuidado para não pisar na indefesa joaninha.

- Ela pica!
- Tenho medo! Mas ela é tão lindinha!
- Cuidado pra não matar!

Boas perguntas para que a curiosidade não acabasse no momento em que conseguiram literalmente sentir a joaninha:

- Como vocês acham que essa joaninha veio parar aqui no parque?

- Só existem joaninhas vermelhas?
- Onde ela mora? O que ela come? Onde elas dormem?
- Como será o corpo dela por dentro?

Será que tem história de joaninha?


Minha escuta torna o surpreso encontro com a joaninha em uma conversa “científica”. Há evidências que mostram que investigar as joaninhas pode ser um “bom” projeto. Podemos conhecer mais sobre as joaninhas, as cores, as palavras e o que mais se desdobrar dessa conversa.

Acervo pessoal: Tathiana Lourenço



E você, como tem planejado os contextos de aprendizagens nas áreas coletivas? Quais espaços tem priorizado junto ao grupo das crianças?

Neste mês, planeje e organize um contexto em áreas comuns do espaço da unidade, observe seu grupo de crianças e registre algo que te surpreendeu. Você pode eleger: observar as ações do grupo ou focar em uma criança. Fotografe uma cena que revele seu olhar para as aprendizagens das crianças neste espaço. Utilize como inspiração de registro, o relato da página 9 de Tathiana Lourenço.





ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA


Planeje, registre por escrito e fotografe um contexto que você organizou em uma das áreas comuns no formulário de atividade no SGA

UNIDADES PARCEIRAS

UNIDADES DIRETAS







Acesse também a atividade diretamente no Sistema de Gestão de Aprendizagem (SGA). E lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**Tempo, espaços e materialidades - olhares para as áreas comuns**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



[Tempo, espaços e materialidades - olhares para as áreas comuns](#)

29/06/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

JULHO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao quinto mês da **Formação da Cidade**. Em junho, refletimos sobre a atitude da/o educadora/or, especialmente, nos momentos dos cuidados corporais como a troca de fraldas, o banho dos bebês e a troca de roupas de bebês e crianças pequenas no CEI. Evidenciamos que o caráter pedagógico das ações de cuidados começa pela maneira como a/o adulta/o se aproxima do bebê e da criança e estabelece uma conexão, iniciando assim uma relação respeitosa, receptiva e recíproca.

Neste mês daremos continuidade às reflexões sobre a atitude da/o educadora/or que atua na Educação Infantil enfocando, agora, os momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI.

Reconhecer a alimentação como um direito dos bebês e das crianças evoca, em nós, o compromisso de qualificarmos nossas práticas pedagógicas. Defendemos o cuidado respeitoso, comprometido com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

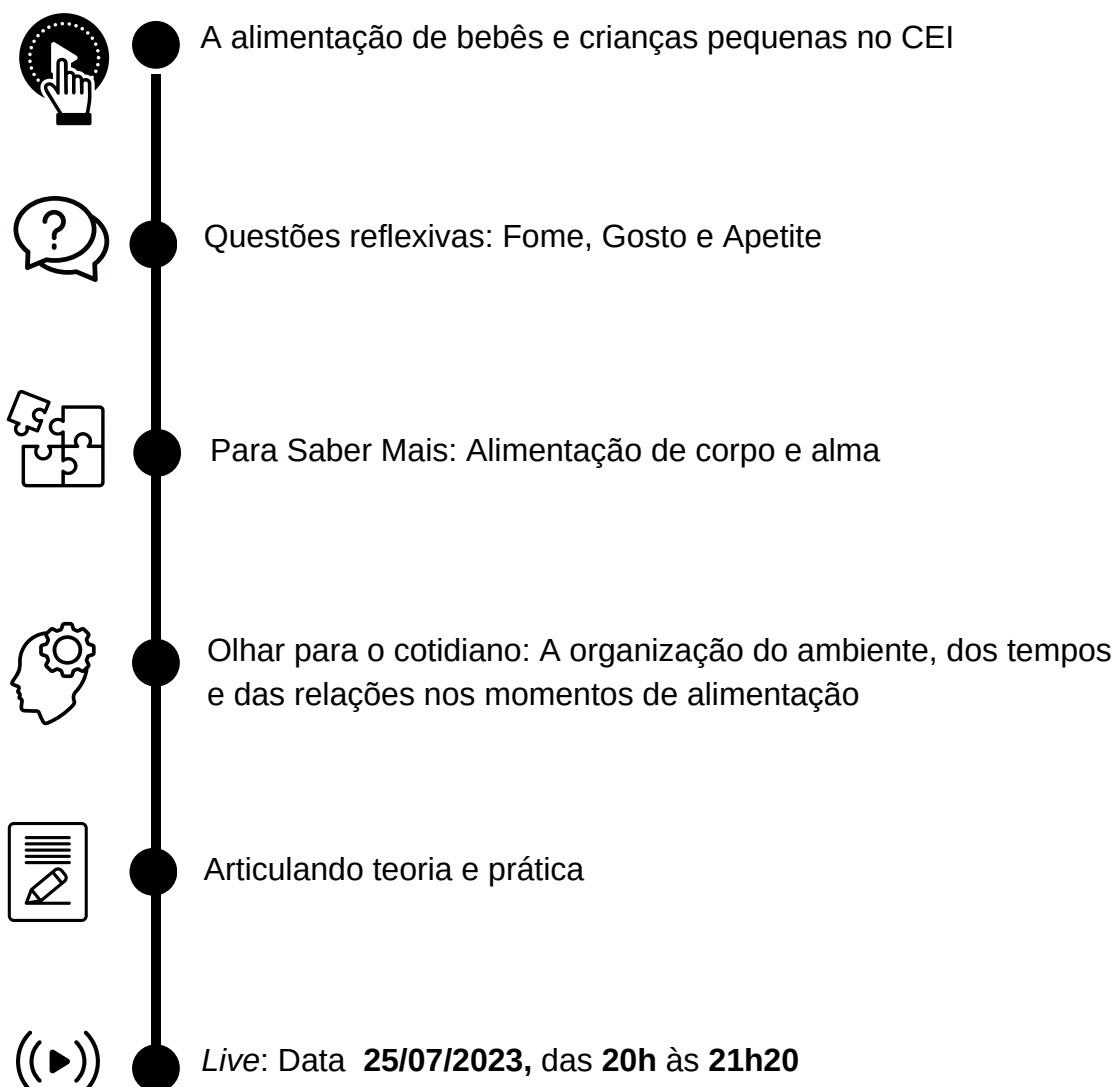
- Refletir sobre a importância da relação que a/o adulta/o estabelece com o bebê durante os momentos de alimentação nos CEIs;
- Qualificar as interações e relações estabelecidas nos momentos de alimentação;
- Promover a auto-observação nas ações relacionadas à alimentação entendendo-a como prática intencional na promoção da equidade, da integralidade e da inclusão.

PERCURSO FORMATIVO

No percurso deste mês, refletiremos sobre a atitude da/o educadora/or nos momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI, pois sabemos o quão desafiadores são estes momentos de refeição nas unidades educacionais.

O Currículo da Cidade aponta que, tanto quanto a higiene e o descanso, a alimentação também é um momento essencial de educação e que a organização do ambiente, dos tempos e das interações entre adultos/os e bebês é fundamental para que o direito à alimentação saudável e de qualidade seja garantido.

Assim, convidamos você a ler, estudar e refletir sobre como tem atuado, interagido e se relacionado com os bebês de 0 a 3 anos de idade durante os momentos de refeição em sua Unidade.





A ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NO CEI

Você sabia que Alimentação Escolar na cidade de São Paulo é considerada uma política social de extrema importância para que possamos atender, com qualidade, o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)? Que o Programa de Alimentação Escolar (PAE) é a política pública municipal que garante esse direito?

O Direito à Alimentação Adequada (DHAA) é assegurado pela Constituição Federal de 1988 e passou a ser um direito social garantido apenas em 2010. Esse direito pressupõe uma alimentação adequada do ponto de vista quantitativo e qualitativo, garantindo, assim, o direito à vida. Na RME-SP, este direito é garantido nos espaços educacionais por meio do Programa de Alimentação Escolar da Coordenadoria de Alimentação Escolar (CODAE) e é um dos maiores do mundo, servindo cerca de dois milhões e trezentas mil refeições por dia.

Ainda que a alimentação seja um direito garantido por lei, sabemos o quanto a fome tem aumentado no nosso país: "entre situação de insegurança alimentar grave, que é quem não come nada, e insegurança alimentar moderada, que é quem não faz as três refeições diárias, temos 65 milhões de pessoas", declarou José Graziano, diretor do Instituto Fome Zero, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo em abril/2023.

Pensar a alimentação a partir dessa premissa evoca o compromisso de garantir que nossos bebês e crianças se alimentem com qualidade nutricional e relacional. Afinal, muito mais do que suprir necessidades fisiológicas, há um forte componente afetivo, social, cultural e subjetivo envolvido no processo de alimentação caracterizando-o, também, enquanto prática pedagógicas.

O que buscamos é compreender que os momentos de refeição nas nossas UEs "tem a finalidade de promover a saúde e bem-estar de bebês e crianças numa relação que vai além do cuidado com a saúde física, integrando aspectos afetivos, sociais e cognitivos" (São Paulo, 2020, p.09).

Dessa forma, os **momentos de alimentação também constituem o currículo** e alguns princípios como a autonomia, o prazer, a saúde, a cultura e a diversidade fazem parte da educação alimentar e nutricional das crianças, demandando nossa atenção quando nos propomos a olhar e ressignificar nossas práticas pedagógicas.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Segundo a Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para Educação Infantil:

Espera-se que a alimentação nas UEs, para além, de oferecer os alimentos e nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento saudável dos bebês e das crianças, ofereça conforto, cuidado e afeto, oportunize experiências positivas e a sociabilidade, desperte o interesse em sua própria alimentação e proporcione, acima de tudo, prazer aos bebês, crianças e adultos (São Paulo, 2020, p.02).

Isso significa que a forma como ofertamos as refeições nos CEIs impacta a maneira como nossos bebês e crianças aprenderão a comer e a relação que estabelecerão com a comida. Assim, podemos refletir sobre **como alimentamos nossos bebês**. Reflita:

O tempo da alimentação respeita as necessidades e os ritmos biológicos dos bebês e crianças?



TONUCCI, 1997

Nesta charge, Tonucci (1997) nos ajuda a refletir sobre o tempo e as relações que disponibilizamos e estabelecemos para os bebês e crianças se alimentarem, mas também sobre um outro ponto importante que diz respeito ao modo como organizamos o espaço das refeições. Sabemos que, em um ambiente seguro, organizado e convidativo, bebês e crianças podem desfrutar da alimentação de forma prazerosa, tranquila, agradável e segura.

Como podemos qualificar as práticas de cuidado nos momentos de alimentação de forma a garantir prazer, conforto, afeto, segurança e experiências positivas de sociabilidade?

Os ambientes para os momentos de refeição são equipados com mobiliários apropriados ao uso de todos os bebês, crianças e adultos, considerando a altura adequada das mesas, cadeiras e com condições de conforto, segurança e acessibilidade?

Os momentos de alimentação são práticas pedagógicas inclusivas nas quais todas as crianças podem participar desfrutando do mesmo tipo de atenção?

DIVERSIDADE ALIMENTAR

Um ponto de atenção é a diversidade expressa nas unidades educacionais. Bebês, crianças e seus familiares ou responsáveis provenientes de outras culturas precisam ser acolhidos em relação aos seus hábitos alimentares. Além disso, há bebês e crianças que têm restrições alimentares devido à crença religiosa e isso também precisa ser considerado pela unidade educacional.

Ao olhar para toda essa diversidade e acolhê-la nos momentos de alimentação, estamos garantindo que bebês e crianças, independentemente da cultura ou crença religiosa, tenham seus direitos à alimentação preservados. Para isso é importante estabelecer um diálogo com as famílias e responsáveis, compreender seus hábitos alimentares e a sua relação a comida de modo que no momento das refeições nos CEIs também haja espaço para a diversidade.

FOME, GOSTO E APETITE

Quando pensamos em alimentação, existem três conceitos importantes que se inter-relacionam: a **fome**, o **gosto** e o **apetite**.

Segundo o Dicionário do Desenvolvimento "a fome é a privação de uma alimentação de qualidade, nutritiva e suficiente durante todo o ano, geradora de malnutrição e/ou desnutrição. Provoca mal-estar físico e psicológico e tem impacto no desenvolvimento, na mortalidade infantil e na esperança média de vida das populações". Ou seja, a **fome** é orgânica, fisiológica e é uma necessidade.

O paladar é o sentido que nos permite distinguir os sabores dos alimentos e está relacionado ao **gosto** que sentimos. O gosto é individual e sua formação recebe influência da cultura do grupo social no qual estamos inseridos. Do gosto nascem as preferências que estão intimamente ligadas aos hábitos e costumes do meio em que cada bebê e criança está inserida/o.

Já o **apetite** é regulado pelo fator emocional e está intimamente relacionado ao desejo, à disposição e à vontade. Um bebê bem cuidado/a, com relações estáveis com sua/seu adulta/o de referência, que pode mover-se e brincar livremente, tem "vontade de comer", não é mesmo?

Pensar nesses três elementos deve ser premissa do nosso fazer ao organizar o cotidiano dos bebês e crianças. Uma necessidade que é satisfeita respeitando o momento de cada sujeito, a organização de um espaço que acolhe, que protege e que dá segurança, respeitando a cultura de bebês e crianças, é sem dúvida um desafio, porém também é uma necessidade quando falamos de alimentação nos espaços educacionais.



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE, DOS TEMPOS E DAS RELAÇÕES

Vamos fazer um exercício de nos colocarmos no lugar do bebê que é alimentado diariamente pela/o sua/eu educadora/or nos contextos coletivos e refletir a partir da perspectiva dele. Para isso, vamos imaginar!

Imagine que você é um bebê, está sentado no colo da sua/eu educadora/or e é convidado a se alimentar...

Escute uma voz familiar que lhe diz: "Aqui está um purê de maçã para você". Olhe ao redor e veja uma colher, uma mão e, em cima dela, um pequeno prato de purê de maçã. Leve o tempo necessário para realmente perceber tudo isso. Sinta o aconchego e também a expectativa. Escute a mesma voz dizendo "Você está pronto?". Veja a colher vindo em direção ao seu rosto. Demora muito até você abrir a boca para receber a comida. Você sente o purê de maçã na sua boca. Você saboreia. Você repara na textura e na temperatura. Você explora com a boca a quantidade de purê que recebe antes de engolir. Algo desce pela sua garganta; algo escorre no seu queixo. Você olha ao redor procurando o rosto familiar. Ver esse rosto lhe dá ainda mais prazer. Você abre a boca de novo. Você sente alguém gentilmente esfregando seu queixo e o próximo pedaço chega até sua boca. Você o explora. Depois de engolir, você fica excitado esperando o próximo pedaço. Você olha para o rosto familiar novamente. Você estica a mão e seus dedos encostam em algo suave e macio. Todas essas sensações estão presentes quando você abre a boca para o próximo pedaço (GONZALEZ-MENA, J.; EYER, D. W. p. 52, 2014).

Algumas questões para pensar essa experiência:

- Como você se sente ao ser tratado/a desta forma?
- É prazeroso alimentar-se?
- Você sentiu vontade comer? Pôde saborear o gosto do alimento?



PARA SABER MAIS:

Leia o texto: **Alimentação de corpo e alma, um desafio para as creches e famílias - parte 1**, de Tania Fukelmann Landau para o Blog Tempo de creche, 2016.



Percebemos, na cena anterior, a **qualidade da relação** saudável, sendo este um exemplo claro de conexão entre a/o educadora/or e o bebê e a compreensão acerca da **indissociabilidade do cuidar e educar**.

Como uma dança, adulta/o e bebê sincronizam os movimentos, concentram-se no que está acontecendo no momento presente e fazem as ações relacionadas à alimentação juntos. O bebê/criança participa e é considerado como uma pessoa importante para a/o adulta/o que se vincula e se comunica com ele o tempo todo. Você conseguiu ver e sentir isso?



Professora Carla Fernanda Barnabé
CEI Jardim Santa Tereza

Um cuidado de qualidade é estabelecido pelo tipo de relação e interação que temos com os bebês e crianças ao respeitarmos seus tempos e seus ritmos tornando o momento da refeição um momento prazeroso de encontro e conexão. Atitudes automatizadas em que horários rígidos centrados exclusivamente no adulto determinam a conduta das/os educadoras/es, não são respeitosas e devem ser abolidas das nossas rotinas.



PARA SABER MAIS:

Leia o texto: **Alimentação de corpo e alma, um desafio para as creches e famílias - parte 2** de Tania Fukelmann Landau para o Blog Tempo de creche, 2016.



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Para encerrarmos este Percurso Formativo, volte o seu olhar para os espaços e momentos de alimentação da sua unidade.

**Que convites esses espaços trazem para os bebês e as crianças?
São espaços organizados mediante a escolha dos adultos ou mediante a
necessidade dos bebês e crianças?
Que tipo de relações/ interações eles oferecem?**

A Orientação Normativa 01/2015 define refeitório como:

Ambiente para alimentação, socialização e autonomia dos bebês e crianças, com dimensões adequadas, com mobiliário móvel apropriado à faixa etária, organizado de forma a possibilitar a circulação local dos bebês e crianças, proporcionando a elas fazerem escolhas, servirem-se e permitindo descarte das sobras de alimentos. O ambiente pode ser utilizado, também, para realizações de atividades que ofereçam às crianças experiências culinárias, além de outras atividades/vivências (São Paulo, 2015, p. 30).

Refletindo no que traz a Orientação Normativa 01/2015, observe a organização do cotidiano nos momentos de alimentação de seu agrupamento e reflita:

A organização atual do espaço onde os bebês e as crianças se alimentam permite:

- a livre circulação, onde as crianças possam sentar-se em local de livre escolha?
- a organização do mobiliário permite a interação entre os bebês, crianças e adultos?
- é possível alimentar-se com prazer, desfrutando de tempo e ambiente adequado para saborear as refeições?
- as crianças estão com seus corpos livres, podendo se movimentar de forma autônoma, sem controle do adulto?
- Há interações que favorecem a ampliação dos vínculos e interações entre bebês e crianças e os adultos?
- Há um lugar confortável para que o leite e o acalento materno sejam garantidos aos bebês que mamam no peito?
- TODOS** os bebês e crianças podem se sentar à mesa juntos, não havendo lugares separados para conter bebês e crianças que necessitam de uma atenção mais individualizada.

Observe atentamente as questões que não foram assinaladas por você professora/or, registre-as em seu diário de bordo e, no momento de formação coletiva ou individual, reflita com sua coordenadora sobre tais questões. Pensem juntas em algumas ações que possam ser implementadas a curto prazo e descreva, em síntese o que pretendem realizar. Organizem juntas um cronograma das ações. Poste apenas a síntese das ações planejadas por vocês.

Lembre-se: é preciso olhar para o espaço da alimentação também como um lugar de aprendizado em que bebês e crianças possam experimentar e investigar os alimentos que serão oferecidos. Assim, por onde podemos começar a mudança, considerando as reflexões anteriores? Decorar com flores, mexer na disposição das cadeiras e mesas, pensar sobre as memórias olfativas que o lugar promove, pensar sobre a preferência das cores dos bebês/crianças, pensar sobre os sons, a possibilidade encantar-se pela comida, seus ciclos, suas cores, seus odores, entre outros, são possibilidades que podem nortear as ações das unidades educacionais. Conhecer a procedência da comida, plantar, colher, aprontar a mesa, servir-se, conversar e trocar durante a refeição são experiências com conteúdo vivo que dialogam com o cotidiano das crianças e, por isso, são repletas de sentido.



A partir deste mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem -, no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.



LIVE

A *live* deste mês tem como tema "**A alimentação de bebês e crianças pequenas no CEI**". Apesar da live não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



A alimentação dos bebês e crianças pequenas no CEI

25/07/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!



DIEI

Divisão de Educação Infantil



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO INFANTIL

JULHO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao quinto mês da **Formação da Cidade**. No mês passado, fomos convidadas/os a ampliar nossas reflexões para os espaços coletivos e seus diferentes usos; também tratamos as brincadeiras da cultura da infância como um importante contexto de descobertas sobre si, o outro e o mundo.

Como já ressaltado anteriormente, essa formação não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas, e é isto que continuaremos fazendo agora em julho.

Neste mês, vamos aprofundar um pouco mais essa discussão sobre contextos de aprendizagens, colocando nossa lanterna na sala de referência e nas marcas das pesquisas e descobertas das crianças neste espaços com o intuito de torná-lo um ambiente de autoria das crianças.

Vamos pensar o espaço da sala de referência como potencial de investigação e descoberta de si, do outro e do mundo, considerando a organização com as crianças para que possam brincar e investigar com autonomia e liberdade.

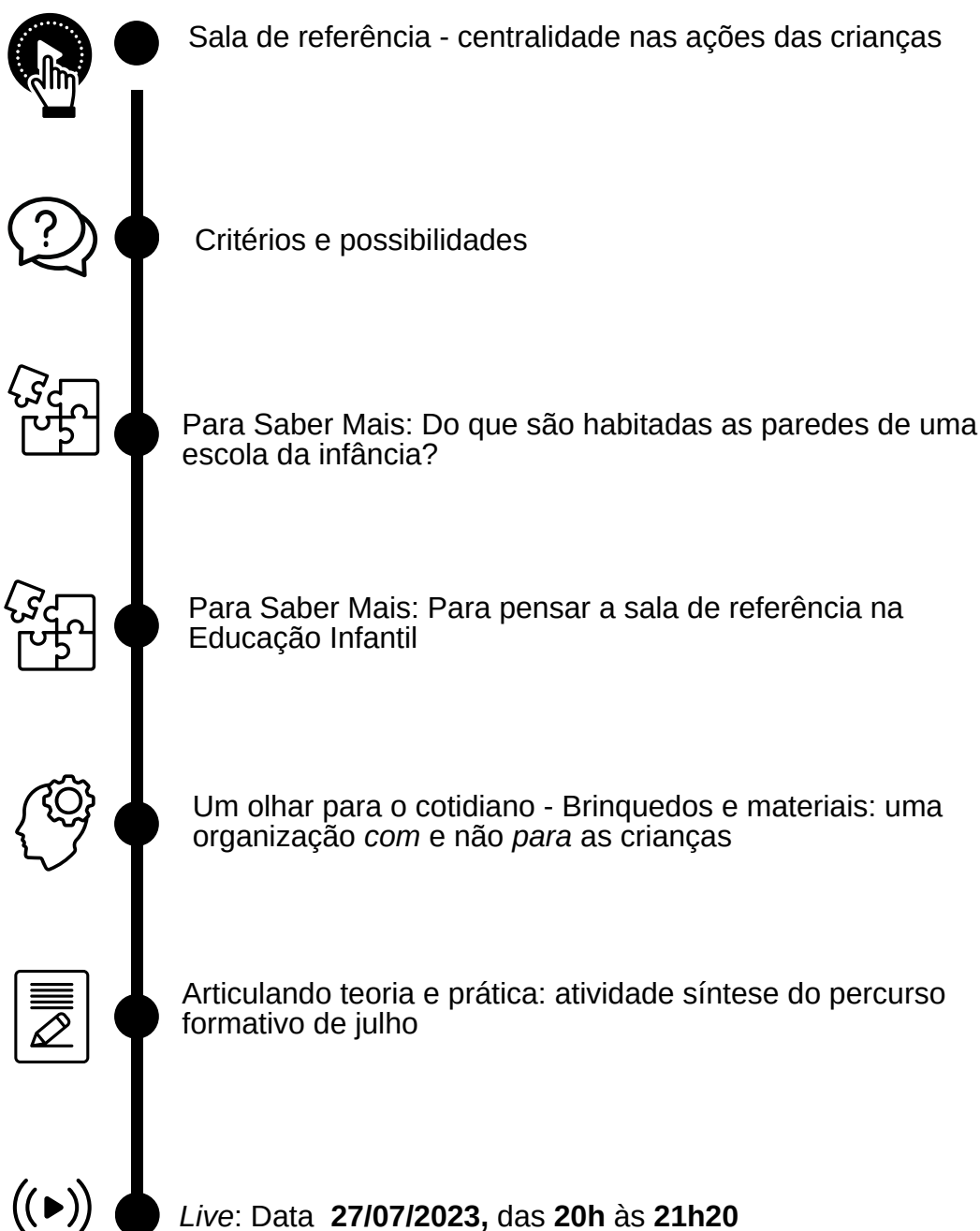
Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Ampliar as reflexões sobre as salas de referência enquanto espaço revelador das pesquisas e marcas das crianças;
- Fomentar a reorganização do espaço físico das salas de referência de modo a torná-la cada vez mais um espaço de investigação e produção das culturas infantis;

PERCURSO FORMATIVO

Entre as inúmeras formas de cuidar e educar na Educação Infantil, o cuidado com o ambiente revela como olhamos para as singularidades das crianças e buscamos conhecer melhor a identidade do nosso grupo. Neste mês, aprofundaremos nossas discussões sobre os espaços físicos e as marcas das crianças tendo como foco as salas de referência. Nosso convite é para que estes sejam espaços de autoria das crianças e um ambiente que imprima as marcas do que vivem, brincam, interagem e aprendem neste lugar.





SALA DE REFERÊNCIA - CENTRALIDADE NAS AÇÕES DAS CRIANÇAS

As salas de referência são espaços reveladores das marcas das crianças, elas comunicam os processos vividos pelo grupo, as investigações que estão realizando, o que estão aprendendo, mas, principalmente, as concepções de infância e criança das/os adultas/os que ali habitam com as crianças. Pensar a criança como sujeito que produz cultura e aprende na interação com o mundo demanda uma reorganização destes espaços de modo que eles possam garantir a autonomia das crianças para a construção de suas aprendizagens por meio das investigações e brincadeiras.

Chamamos de sala de referência ao invés de sala de aula, pois a concepção de educação da pequena infância ultrapassa a proposta de aulas para contemplar uma proposta de processos de investigação, de descobertas, de acolhimento, de brincadeiras e de expressividade, o que transcende a aula. Este espaço deve compor o Projeto Político Pedagógico da unidade, demandando estudo e planejamento para garantir que seja, de fato, um ambiente que comunique o acolhimento às demandas das crianças.

Neste espaço, por meio do acolhimento às necessidades e interesses das crianças trazendo-as como protagonista, as crianças irão se reconhecer como pertencentes trazendo suas marcas, seus registros, seus desenhos, suas fotos, suas coleções, seus objetos e sua organização, transformando o espaço em um ambiente significativo promotor de aprendizagens e vivências com o qual se identificam.

É importante pensar a **sala de referência enquanto espaço de descobertas, investigação, brincadeira e acolhimento a partir da perspectiva da criança**, reorganizando este espaço a partir dos interesses, necessidade e especificidades da infância e crianças que habitam este lugar.

Organizando ambientes - CEMEI Jardim Kioto



O CEMEI Jardim Kioto tem exercitado a organização de contextos junto com as crianças, no vídeo "**Organizando ambientes**" é possível um grupo de crianças arrumando o espaço, mas também acionando o que já sabem sobre cuidados.





QUESTÕES REFLEXIVAS

Considerando as reflexões apresentadas anteriormente, reflita:

Ao compor o ambiente da sala, quais elementos você elegeu expor para representar a diversidade humana e cultural? Com base em que você fez essas escolhas?

As marcas das produções das crianças são expostas com regularidade em paredes, painéis e ambientes educativos de modo a dar visibilidade às culturas infantis?

As crianças participam da organização dos ambientes para realização de suas experiências?

Ao organizar a sala de referência com as crianças de seu grupo, tenha sempre em mente alguns pontos importantes:

- O mobiliário e os materiais precisam estar ao alcance das crianças, todavia lembre-se de que uma criança numa cadeira de rodas, por exemplo, pode ficar numa altura mais elevada que o restante da turma. Neste sentido, é preciso conversar com o grupo para adequar a melhor disposição de modo que todos tenham acesso, garantindo assim, a equidade e inclusão de todas as crianças;
- Definir o que vai para as paredes e por quanto tempo as marcas/produções permanecem expostas é uma decisão que precisa ser tomada com as crianças;
- Algumas descobertas ou informações dos projetos da turma são excelentes materiais para que as crianças recorram ao que sabem ou ao que querem investigar com mais profundidade. Portanto, é importante trazer alguns destes registros impressos, assim como fazer registros tendo o professor como escriba, pois isso garante a memória do vivido e torna o ambiente alfabetizador;
- Pensar as referências estéticas também nos cantos de faz-de-conta promove experiências ricas em relação à diversidade cultural e dos corpos, além de ser uma necessidade enquanto compromisso com a educação inclusiva. Neste sentido, verifique se os materiais escolhidos para esses cantos estão de fato garantindo que todas as crianças possam brincar contemplando as especificidades culturais e físicas.



PARA SABER MAIS:

Leia o artigo "[Do que são habitadas as paredes de uma escola da infância?](#)" do blog Cultura Infantil



POSSIBILIDADES E INSPIRAÇÕES

O modo com que cuidamos da organização do espaço da sala de referência sem que as crianças precisem solicitar a todo instante o apoio da/o adulta/o revela um olhar pautado na crença de que as crianças são protagonistas de seu próprio percurso.

Observe os detalhes da organização da sala de referência na imagem a seguir. Note que há muitas possibilidades de brincadeira e investigação para este espaço, trazendo diferentes ambientes que contemplam diversas linguagens



EMEI Heitor Villa Lobos
Professora Celise

Em relação ao mobiliário, é possível observar uma organização com **poucas mesas** e outras possibilidades de se colocar no corpo, não trazendo uma única proposta para todas ao mesmo tempo. Isso é possível porque a sala foi organizada pensando em como as crianças se colocam em relação a este espaço, trazendo **liberdade e autonomia de circulação nos diferentes ambientes** criados dentro da sala. Além disso, há prateleiras baixas que possibilitam o **acesso aos materiais e materialidades com autonomia**.

Também podemos observar **as paredes que comunicam os percursos vividos** com os registros das crianças e de outros materiais utilizados pelo grupo em suas pesquisas. A **ambientação traz cores neutras e tons orgânicos** (como madeira, palha), pois, mediante a forma como as crianças exploram e habitam o espaço, elas dão a ele características visuais, táteis, luminosas e sonoras.



PARA SABER MAIS:

Leia o texto "**Para pensar a sala de referência na Educação Infantil**" de Marcela Chanan, 2021.



ESPAÇOS PARA OLHAR, OBSERVAR, SE ENCONTRAR

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano (2020, p. 15)

O que há para exercitar o olhar das crianças nas salas de referência?

Esse olhar que, segundo Madalena Freire, é: "olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, que envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido, o olhar e a escuta envolvem uma ação altamente movimentada, reflexiva, estudiosa" (1996, p.10). Por isso, as marcas de cada sala de referência contém excelentes exercícios para o olhar e carregam pistas das culturas e pesquisas que ali convivem. Quem são essas crianças? Que brincadeiras costumam fazer juntas? Quais são as suas culturas?

Pensar que a sala é espaço de pertencimento e que, por isso, ela deve acolher as especificidades da turma é essencial para garantir o compromisso com a educação equânime e inclusiva. As marcas dos registros, mas também das coleções, materiais e materialidades ali disponíveis irão revelar a identidade deste grupo que vai se constituindo diante desta diversidade. As famílias são ótimas interlocutoras deste processo, compondo com suas culturas de origem, seja regional ou internacional, para a construção do acervo da turma.



EMEI Júlio Alves Pereira



EMEI Heitor Villa Lobos



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: BRINQUEDOS E MATERIAIS: UMA ORGANIZAÇÃO COM E NÃO PARA AS CRIANÇAS

O trabalho com pequenos grupos e a organização dos tempos, espaços e materialidades



Um espaço em que a disposição dos mobiliários e a escolha das marcas nas paredes e murais é construído coletivamente com as crianças, pensado na acessibilidade e na autonomia do grupo, suas culturas e interesses, traz um de pertencimento tanto para as crianças quanto para os adultos.

Escolher jeitos de identificar essas cestas ou caixas, ou seja esses recipientes podem ser também uma construção coletiva, uma dica é fotografar os materiais ou colocá-los em cestos visíveis, todavia cada unidade pode pensar junto às crianças maneiras e eleger responsáveis pela organização em cada semana.



EMEI Heitor Villa Lobos

"Sempre que as crianças participam da arrumação do espaço interno (prateleiras e materiais) ou externo... elas se sentem mais seguras e acolhidas para tomar iniciativas e para cuidar desse espaço, como guardar e cuidar dos materiais, regar e cuidar das plantas" (São Paulo, 2019, p.111).

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Que tal exercitar diferentes jeitos de planejar a organização da sala de referência? O diálogo com as crianças, as observações, os registros escritos e fotográficos podem ajudar nas escolhas, nas disposições dos mobiliários e na construção de uma sala repleta de marcas e pesquisas. Nosso primeiro convite é a leitura do texto "O protagonismo das crianças diante dos desafios dos objetos e materiais" de Maria da Graça Souza Horn.

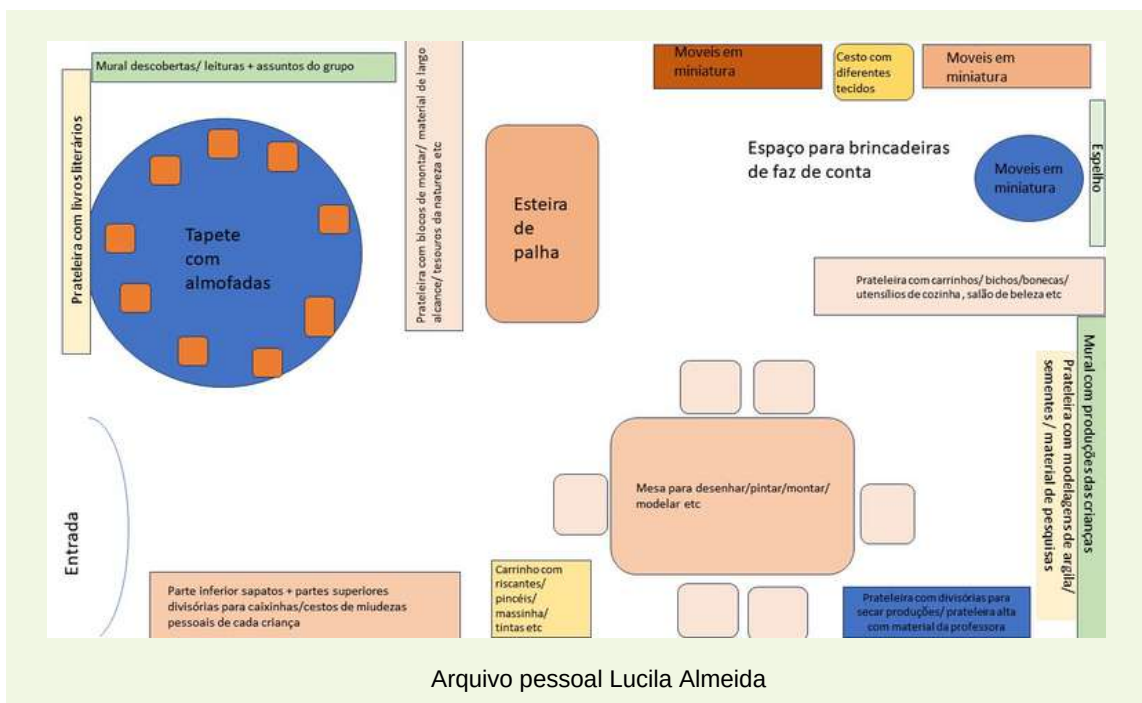


PARA SABER MAIS:

Leia o capítulo "O protagonismo das crianças diante dos desafios dos objetos e materiais" de Maria da Graça Souza Horn, p 27- 31. 2017.



Neste mês, você é convidada/o a desenhar uma planta baixa de sua sala de referência, colocando o máximo de detalhes que puder se lembrar (o que tem nos cantos, nas paredes, no teto, no chão). A seguir, uma sugestão de planta baixa para se inspirar.



Após este exercício, responda: há algo em excesso ou que falte para garantir que a sala revele a identidade do grupo e historicize o percurso dos projetos realizados pelas crianças?

Desenhe uma segunda planta baixa agora com as mudanças que você propôs durante o mês.



A partir deste mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem -, no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**Organização do espaço das salas de referência**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



Organização do espaço das salas de referência

27/07/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Até mais!





EDUCAÇÃO INFANTIL

AGOSTO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao sexto mês da **Formação da Cidade**. Em julho, refletimos sobre a atitude da(o) educadora(or), especialmente, nos momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI. Evidenciamos que os momentos de refeição em nossas UEs devem promover a saúde e bem-estar de bebês e crianças numa relação que integra aspectos afetivos, sociais e cognitivos.

Vimos que a forma como ofertamos as refeições nos CEIs impacta na maneira como nossos bebês e crianças aprenderão a comer e a relação que estabelecerão com a comida e, por isso, devemos ter um olhar sensível para a organização do ambiente, dos tempos e das relações.

Neste mês, daremos continuidade às reflexões sobre os momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI, levando em conta os desafios em relação à construção da autonomia, à transição do colo à mesa e a aprender a alimentar-se em pequenos grupos. Defendemos o cuidado respeitoso, comprometido com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

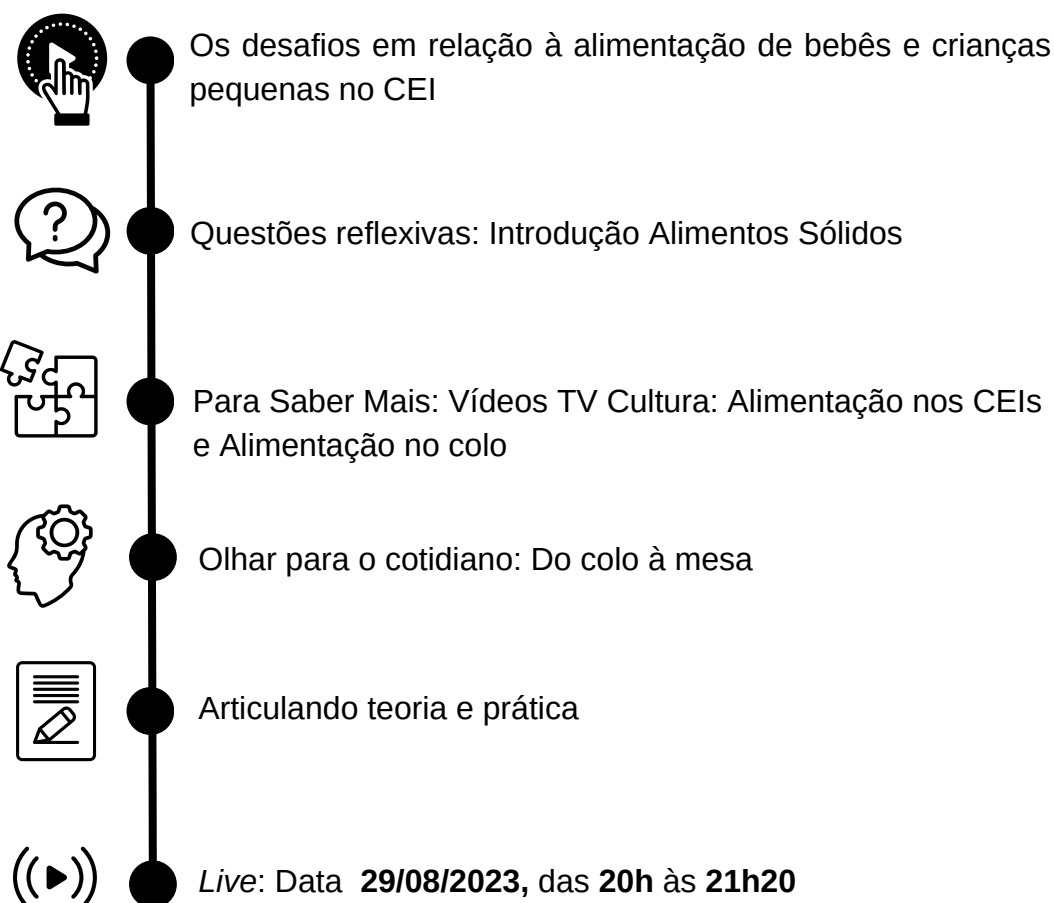
- Refletir sobre a importância do cuidado com as transições: do colo à mesa;
- Reconhecer a potência dos momentos de alimentação como um momento atravessado pela cultura e carregado de significados sociais;
- Estabelecer interações e relações respeitadas, recíprocas e receptivas nos momentos de alimentação;
- Promover a auto-observação nas ações relacionadas à alimentação entendendo-a como prática intencional na promoção da equidade, da integralidade e da inclusão.

PERCURSO FORMATIVO

Temos refletido sobre possíveis mudanças nos momentos de alimentação em nossas UEs. Em relação ao planejamento do cotidiano, nos momentos de alimentação do seu agrupamento, fomos convidadas(os) a pensar sobre a organização do espaço das refeições, levando em consideração a liberdade dos bebês e as crianças pequenas, o prazer que sentem em serem alimentadas(os), as possibilidades de interações e a importância da atenção individualizada nesses momentos.

Sabemos que as mudanças que nos propomos a fazer fazem parte de um reposicionamento da postura do adulto que, agora, com mais embasamento teórico e conhecimento, pode repensar sua prática.

Por isso, no percurso deste mês, refletiremos sobre a atitude da(o) educadora(or) nos momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI, enfocando o cuidado que devemos ter em relação aos **momentos de transição** pelos quais o bebê passa: a introdução de alimentos sólidos; a passagem do colo à mesa e o aprendizado de se alimentar em pequenos grupos.





OS DESAFIOS EM RELAÇÃO À ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NO CEI

Como se constroem os **hábitos alimentares**? Você já parou para pensar nisso?

Sabemos que bebês e crianças desenvolvem gostos, às vezes, semelhantes e outros bem diferentes ao longo da vida e que essa construção está relacionada a diversos fatores como os aspectos culturais, sociais, a mídia, o convívio familiar e também por meio das experiências alimentares compartilhadas com educadoras(es) e outros bebês e crianças nos contextos coletivos.

Mas, quando começa a alimentação do bebê? Você sabe?

A alimentação do bebê começa no ventre materno! E, depois continua durante o período da amamentação. Ou seja, a introdução alimentar já se iniciou desde o útero com as trocas de nutrientes entre o bebê e a mãe no período de gestação e continua após o nascimento, seja com o leite materno e, em alguns casos, com a fórmula infantil.

Muitas vezes, acreditamos que a alimentação "de verdade" começa somente por volta dos seis meses quando, ao bebê, são oferecidas frutas e legumes, porém, é importantíssimo que saibamos que, no ventre materno, o bebê já sente vários sabores e, ao nascer, durante o período de amamentação, irá ter um valioso aprendizado que é perceber o desconforto físico que a fome lhe causa, isto é, a sensação do perfeito mecanismo de trocas físico-químicas que avisam ao pequeno corpo do bebê que o seu nível glicêmico baixou e, por isso, precisa se alimentar.

O adulto capta essa mensagem, atribuindo sentido ao choro do bebê: "esse choro é de fome!" e o alimenta. Ao engolir o alimento, o bebê percebe que a sensação de desconforto diminui e que, além da chegada do alimento ao pequeno estômago, é a maneira como é acolhido pelo colo, olhar e calor do corpo do adulto que vai lhe proporcionar prazer em se alimentar.

Quando recebemos nossos bebês nos CEIs, muitas vezes, nos deparamos com o **desafio da introdução dos alimentos sólidos**. Este momento, delicado e especial para o bebê, exige da(o) educadora(or) uma atitude recíproca e receptiva às iniciativas do bebê em sua interação com os novos alimentos, incentivando-o de uma forma prazerosa e afetuosa. Isso quer dizer: permitir a experimentação, nomear os alimentos, deixar que o bebê explore sua cor, cheiro e textura e cuidar para que o diálogo verbal e corporal existente nesse momento entre educadora/or e bebê seja, de fato, um diálogo em que ambos se olham, se escutam, se comunicam e, assim, interagem.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Segundo a Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para Educação Infantil:

Sabe-se que não é adequado alimentar o bebê em cadeiras que balançam ou bebê conforto por causa do comprometimento da mastigação, deglutição e riscos de engasgos. Para bebês que ainda não tenham alcançado o desenvolvimento postural necessário para se manterem sentados em equilíbrio estável por si só, a oferta de leite (preferencialmente materno) e introdução da alimentação (comida amassada, "papa") somente devem acontecer no colo da(o) educadora(or). O colo traz intimidade, aconchego, afetividade e contato visual para os bebês que se sentem seguros e acolhidos. (São Paulo, 2020, p.14).

O que o bebê é capaz de fazer e como ele percebe e recebe a alimentação quando suas refeições são oferecidas no colo?

Você já pensou sobre isso? Vamos, juntas e juntos, refletir alguns pontos.

Ser alimentado no colo possibilita aprendizagens como **PARTICIPAR**. Isso significa que, no colo, o bebê pode tomar a iniciativa de olhar os alimentos que estão sendo servidos, reconhecer o que está comendo, apontar para eles, saber os seus nomes, saborear, pausar, acompanhar a mão da educadora(or) que o alimenta, sinalizar que não quer mais, afastando a mão da educadora(or), por exemplo, entre tantas outras aprendizagens.



CEI CEU Cidade Dutra
DRE Capela do Socorro

Pela experiência das(os) educadoras(es) na DRE Capela do Socorro, descrita na página 15 da Orientação Normativa de Alimentação, percebemos o quanto a conexão do adulto com o bebê fica mais profunda quando ele é alimentado no colo. Além, disso, é possível que a(o) educadora(or) se torne cada vez mais sensível aos sinais que o bebê lhe dá, como saciedade, conforto, desconforto, justamente, pela proximidade dos corpos. Outro ponto importante, é que, ao se sentirem acolhidos e atendidos, os bebês ficam mais tranquilos e o ambiente se torna mais calmo.

Outras questões que podemos observar ao alimentarmos os bebês no colo são:

Quais sinais, gestos, comunicações e/ou manifestações dos bebês demonstram que estão desenvolvendo sua autonomia ao serem alimentados no colo?

Como você organiza a gestão do tempo da alimentação respeitando as necessidades e os ritmos biológicos dos bebês e das crianças?

O desenvolvimento e construção da **AUTONOMIA** acontecem quando o bebê sente que o adulto confia nele. É essa **CONFIANÇA** na competência do bebê que permite que a postura do adulto não seja controladora e, sim, que tenha uma atitude colaborativa. Uma atitude colaborativa é aquela que não faz pelo bebê, mas com o bebê.

Vamos pensar em exemplos para entendermos como essa atitude colaborativa e participativa pode acontecer na prática:

- A(O) educadora(or) espera a resposta do bebê: ao levar à colher à boca do bebê, esperamos que ele a abra para, só depois, introduzirmos a colher.
- A(O) educadora(or) conversa com o bebê: está atenta(o) aos sinais, apontamentos, balbucios, olhares, palavras que o bebê lhe comunica e responde às suas intenções comunicativas.
- A(O) educadora(or) está presente, está conectada(o) com o bebê, sua atenção está toda voltada para ele.



CEI Jardim Santa Tereza
DRE: Freguesia-Brasilândia



CEI Jardim Icarai
DRE: Capela do Socorro

DO COLO À MESA

Por que o colo é importante? Porque ele nos dá a percepção geral do corpo do bebê: se está relaxado, se está livre, se está tenso, se está contraído, se está quente ou frio. O **colo** é esse **aconchego** e esse **convite** para que o bebê se sinta acolhido e possa **desfrutar da segurança do corpo do adulto. E o colo deve ser democrático: bebês negros, migrantes, indígenas... todos têm direito à ele!**

Além disso, alimentar um bebê no colo é oferecer-lhe, dentro do contexto coletivo das UEs, um momento privilegiado de relação exclusiva com o adulto referência.

Ao ser alimentado no colo, o bebê pode **participar** deste seu momento de cuidado pessoal, pode **interagir, comunicar-se e colaborar**.

Os bebês alimentados no colo aceitam melhor os alimentos e, progressivamente começam a reconhecer o que estão comendo, apresentando maior interesse em pegar a colher e levá-la a boca. No colo, aprendem o movimento adequado para levar a colher à boca, especialmente, pela experiência de sentirem e perceberem como o adulto faz com ele, aprendendo a coordenar o movimento de seus braços e mãos para a posição adequada da colher.

Já quando a(o) educadora(or) se posiciona na frente do bebê, a maneira como segura a colher e a leva, horizontalmente, à boca do bebê, "ensina" para o bebê um movimento diferente do movimento lateral e diagonal que ele aprende quando alimentado no colo. E, bebês aprendem, com o que fazemos com seus corpos e com o que eles podem fazer com seus próprios corpos, lembre-se disso!

Perceba que iniciativas autônomas e outros sinais como: sentar-se com autonomia; entrar e sair das cadeiras por si só, querer "descer" do nosso colo, apontar os colegas e/ou as mesinhas são como "pistas" que os bebês nos dão, sinalizando que estão começando a se interessar por alimentar-se em pequenos grupos. Pistas e sinais que não serão percebidos, sentidos e captados por nós, quando estamos distantes corporalmente do bebê.



PARA SABER MAIS:

Leia o texto: **Comer é muito mais do que alimentar o corpo**, de Patricia Gimael, Blog Liberdade para os bebês, junho/2018





UM OLHAR PARA O COTIDIANO: O CUIDADO COM AS TRANSIÇÕES

No livro "O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche, um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas", de Janet Gonzalez-Mena e Dianne Widmeyer Eyer (2014, AMHG), na página 54, as autoras nos dão algumas pistas para pensarmos a transição da alimentação do colo à mesa. Veja:

1. Use utensílios para crianças.
2. Ofereça comidas que possam ser pegadas com a mão, como pedaços de banana (a não ser que a família desaprove veementemente).
3. Ofereça apenas pequenos pedaços de comida. É melhor deixar que as crianças peçam mais do que desencorajá-las com grandes porções. Além disso, é mais fácil de limpar a sujeira ao se lidar com pequenas quantidades.
4. Permita que as crianças explorem e experimentem novas comidas (a não ser que a família desaprove veementemente) mas esteja consciente de seus próprios limites. Encerre a refeição antes que a criança comece a se sentir desconfortável. Um ambiente livre de tensão incentiva a boa digestão.



CEI Jardim Icarai
DRE: Capela do Socorro

Um ponto importante a ser destacado é com relação ao tempo de espera das crianças. Muitas vezes, nossos bebês ficam um tempo consideravelmente grande, aguardando para serem servidos, seja a alimentação principal ou ainda a sobremesa. Quando olhamos para essa realidade, podemos pensar em como reorganizar o tempo e o espaço direcionado para alimentação garantindo, inclusive, um envolvimento maior da equipe gestora e equipe de apoio, planejando a divisão das crianças em pequenos grupos, considerando que os menores sejam alimentados antes das crianças maiores e, se mantivermos a organização do espaço, dos utensílios e alimentos à postos, reduziremos o tempo de espera dos nossos bebês e tornaremos o momento das refeições um tempo agradável.

TRÊS CUIDADOS ESSENCIAIS

Há três cuidados essenciais que são norteadores das nossas práticas quando pensamos no bebê que, ao crescer e amadurecer, demonstra sinais de que está apto a se alimentar à mesa. Planejar a continuidade no processo de alimentação, que começou no colo e que, agora, passa para a mesa, sem fazer, rupturas radicais faz parte da atitude do adulto que cuida e educa bebês em contextos coletivos.

Esses três cuidados são: os adultos perceberem e reconhecerem os sinais do bebê; os adultos cuidarem das transições, introduzindo, paulatinamente, novos elementos; os adultos se interessarem pela criança como um todo e, não só se ela "comeu tudo ou não".

Quando partirmos de uma perspectiva de alimentação não adultocentrada, alguns aspectos relacionados à continuidade, podem ser destacados. São eles:

- Os instrumentos
- Os tempos
- Os grupos

Isso significa que, ao fazermos a transição do colo à mesa, introduziremos elementos novos, mas manteremos elementos já conhecidos do bebê. Por exemplo: vamos manter o horário da alimentação de determinado bebê, manteremos o seu pequeno grupo de crianças, a mesma disposição das mesas e cadeirinhas, os mesmos lugares diariamente. Vamos prezar pela regularidade e estabilidade tão necessárias à segurança do bebê e da criança pequena.

Mas, como saber quando os bebês estão prontos para estarem na mesa coletiva?

Quando eles manifestam DESEJO! Ou seja, VONTADE! Isso significa respeitar e considerar a iniciativa do bebê e validar sua atividade e expressão autônoma.

Vimos que é o querer do bebê e os sinais que nos demonstram como: apontar, descer, escorregar do nosso colo, demonstrar EQUILÍBRIO com os instrumentos e utensílios e quando se DESLOCAR e SENTAR-SE por si mesmo que nos alertarão para o início da transição do colo para a mesa.

PARA SABER MAIS:

Assista aos vídeos: **Alimentação nos CEIs e Alimentação no Colo**, de Valéria Pasetchny, produzidos pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Para encerrarmos este Percurso Formativo, vamos pensar nos desafios que encontramos em relação a alimentação dos bebês e das crianças pequenas em nossas Unidades.

Algumas Unidades Educacionais da nossa rede vêm repensando e modificando suas práticas referentes à alimentação em seus cotidianos.



CEI Eunice Padovan
DRE: São Mateus

Para encerrarmos este Percurso Formativo, vamos pensar nos desafios que encontramos em relação a alimentação dos bebês e das crianças pequenas em nossas Unidades.

Alguns CEIs da nossa rede vêm repensando e modificando suas práticas referentes à alimentação em seus cotidianos. De forma progressiva, algumas mudanças na organização do espaço, na organização do tempo e dos pequenos grupos tem contribuído para que os momentos das refeições se tornem cada vez mais educativos e significativos para as crianças.

Entretanto, sabemos que a maior transformação é a que ocorre na atitude adulta. É o adulto que, ressignificando suas concepções, passa a modificar sua prática e busca meios, por mais dificuldades que encontre, de garantir uma alimentação respeitosa, prazerosa e afetuosa para todos os bebês e crianças de seu agrupamento.

Nossa proposta reflexiva deste mês é que, depois de fazer a leitura do material formativo, acessar os vídeos indicados e realizar a leitura sugerida, você possa planejar e realizar um momento de alimentação de modo acolhedor aos bebês e crianças. Sendo assim, eleja um dos três tópicos abaixo para realizar o registro:

1. **Se você já faz a alimentação no colo, na sala ou no refeitório:** Sugerimos que você escolha uma(um) bebê, durante um dia e a(o) observe. Observe como ela(e) colabora com você neste momento da alimentação, ou seja, o que ela(e) já sabe fazer. Observe os sinais, os balbucios, os gestos que sua(seu) bebê realiza neste momento e como vocês interagem? Como acontece a relação entre vocês?
2. **Se seus bebês e crianças já almoçam na mesa:** Escolha um bebê/criança, durante um dia e a(o) observe. Observe o que ela(e) já sabe fazer durante este momento da alimentação. Observe quais conversas realiza neste momento, o que prefere comer e como prefere. Como você se comunica com este/a bebê ou criança: é somente para a oferta do alimento, ou conversam sobre outras coisas? Você se senta junto ao grupo, conversa individualmente ou está na posição de atender todos os/as bebês e crianças que ali estão?
3. **Se seus bebês não se alimentam no colo:** Que tal organizar por um dia, a alimentação dos bebês no colo (se for o caso do seu agrupamento) de modo acolhedor. Peça ajuda da sua Coordenadora para esta organização, com certeza, ela terá ferramentas que possam te auxiliar. Leve para o momento da alimentação um bebê de cada vez, e realize a alimentação no colo, não esqueça que os menores devem ir primeiro, os maiores podem ficar na sala brincando enquanto aguardam o seu momento. Não esqueça de pensar e organizar o horário que iniciará a alimentação, com certeza, você já conhece seus bebês e sabe quais sentem fome primeiro, comece por eles. Alimente o/a bebê no colo. Observe este momento, como o/a bebê se sentiu, conseguiu descobrir algo sobre este/a bebê que você ainda não sabia, como foi a relação entre vocês?

Agora que você vivenciou este momento com os bebês e crianças, registre suas observações, olhando para a especificidade de seu agrupamento e registre na plataforma uma síntese desta experiência.



A partir deste mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem -, no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

(((▶))) LIVE

A *live* deste mês tem como tema "**Desafios em relação à alimentação de bebês e crianças pequenas no CEI**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



Desafios em relação à alimentação dos bebês
e crianças pequenas no CEI

29/08/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!



DIEI

Divisão de Educação Infantil



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO INFANTIL

AGOSTO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao sexto mês da **Formação da Cidade**. No material passado, aprofundamos nossa discussão sobre contextos de aprendizagens trazendo como foco as salas de referência e a importância deste espaço ser propiciador de descobertas e pesquisas das crianças, bem como local em que as suas marcas têm lugar de destaque.

Neste mês, vamos nos dedicar em ressignificar nosso **olhar para as experiências da cultura escrita; analisar a leitura literária como potencializadora das investigações sobre cultura escrita e reconhecer o papel fundamental da(o) professora(or) como mediadora(or) entre as crianças e os textos.**

Analisaremos **a importância da intencionalidade docente** no momento de **planejar contextos e vivências que aproximam as crianças da cultura escrita, fomentam interesse na exploração de recursos materiais onde a cultura escrita é explorada em sua função social.**

Como já ressaltado anteriormente, essa formação é comprometida com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas e não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas, e é isto que continuaremos fazendo agora em agosto.

Fica aqui aberto o convite para que esse estudo reverbere na sua prática junto às crianças.

Boas leituras!

OBJETIVOS:

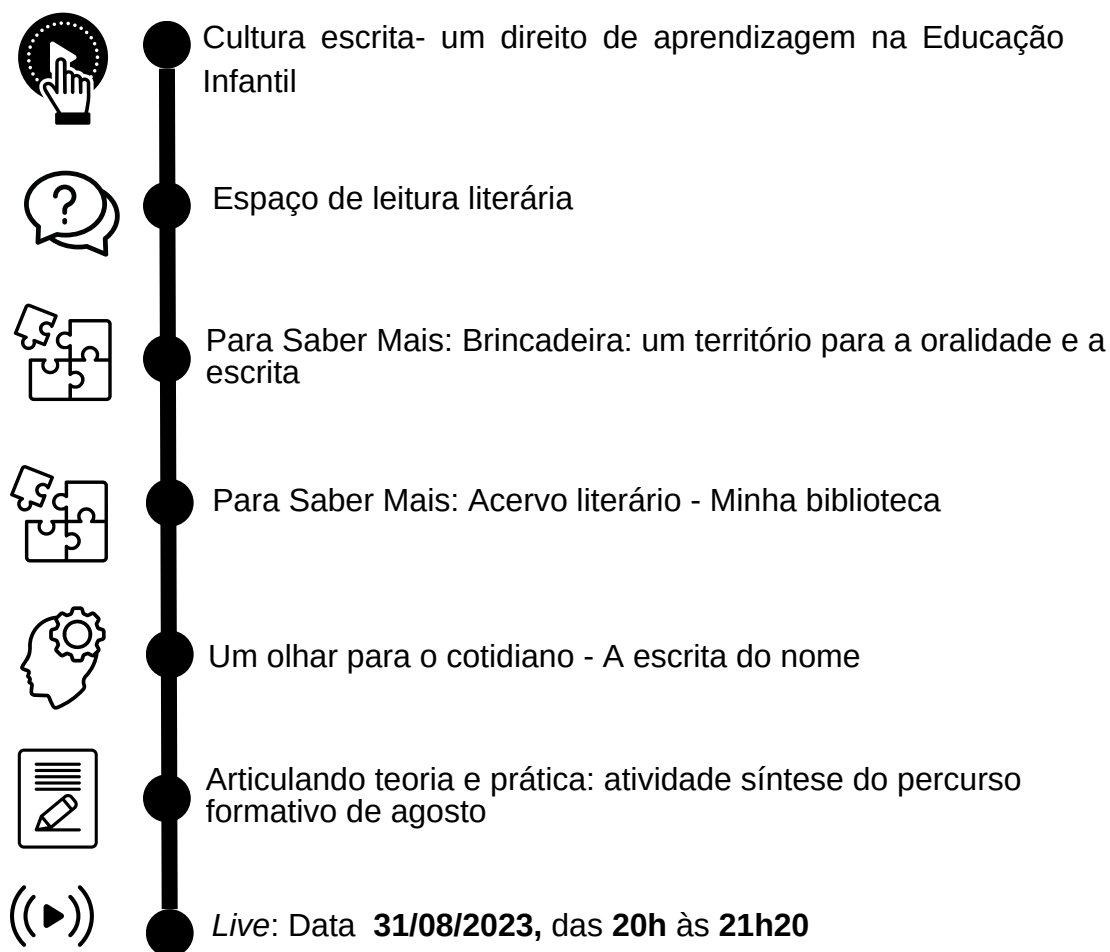
- Entender os processos de aquisição das linguagens oral e escrita na primeira infância de modo a potencializar a experiência das crianças com elementos da cultura escrita;
- Identificar possibilidades de trabalho com a cultura escrita na Educação Infantil;
- Reconhecer o papel da(o) professora(or) como mediadora(or) entre as crianças e os textos literários valorizando a experiência estética;
- Apoiar o planejamento de contextos de experiências relacionados a situações do cotidiano das unidades, nos quais a cultura escrita se faz necessária.

PERCURSO FORMATIVO

No percurso formativo deste mês, vamos refletir sobre a **participação e aproximação das crianças com a cultura escrita em seu uso social**, entendendo que esse processo não é somente cuidar para que tenham acesso a esse importante patrimônio da humanidade, como também acolher o seu uso social real (exemplos: escrever um bilhete para avisar que pegou algo emprestado, uma receita médica, os cartazes da padaria ou supermercado, etc) e o que faz sentido para elas, ajudando-as a acessar toda sua complexidade e entender esse valioso **tipo de linguagem**.

Neste sentido, a(o) professora(or) tem um papel fundamental, atuando como importante mediadora(or) das ações nas quais as crianças podem vivenciar a leitura e a escrita.

Ao observar essa pessoa que lê e escreve, aproveitando-se das situações em que a escrita se faz necessária, as crianças podem não apenas observar e imitar, como também se apropriar gradativamente dos seus diferentes usos.





CULTURA ESCRITA - UM DIREITO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vamos começar nosso diálogo com a charge da querida Mafalda. Nela, Quino nos convida a refletir o quanto as crianças já pensam sobre a escrita e a leitura mesmo antes de saber ler convencionalmente.



As crianças estão em contato com ambientes letrados desde muito cedo, são os folhetos do supermercado, o letreiro do ônibus, as placas, os anúncios, os livros, etc. São encontros que independem da escola, mas que podem ser potencializados por ela.

A unidade educacional é um lugar potente para ampliação da cultura escrita na vida das crianças, onde a parceria da(o) professora(or), que entende o papel desta linguagem no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, é também a garantia de um direito de acesso aos conhecimentos adquiridos pela humanidade.

"Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal modo a mecânica de ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal." (VYGOTSKY, 2002, p.139).

Embora ainda não saibam ler convencionalmente, quando convivem e podem pensar a partir de boas experiências em um ambiente letrado, as crianças compreendem a função da escrita como comunicação e acionam gradativamente mecanismos para entender cotidianamente como esse sistema se organiza.



QUESTÕES REFLEXIVAS



A pesquisadora Suely Amaral Melo traz importantes contribuições sobre o lugar da Cultura Escrita no cotidiano da Educação Infantil. Assista ao vídeo e reflita sobre as seguintes questões:

Quais possibilidades as crianças tem de saber sobre si mesmos, suas heranças culturais e sobre o sistema da escrita no cotidiano de seu grupo?

Quais são as leituras que você faz enquanto professora(or) para apoiar seu trabalho na construção e fortalecimento da cultura escrita?

Como as crianças de seu grupo tem participado de práticas de leitura e escrita no dia a dia?

É nosso papel ajudar as crianças neste processo para que possam pensar sobre sua própria língua. Todavia, **isto não significa acelerar a escolarização**, mas permitir que reconheçam nas unidades educacionais esse espaço para refletir sobre ela, explorar, expressar suas ideias e de participar destes momentos de maneira significativa.



PARA SABER MAIS:

Leia o artigo "**Brincadeira: um território para a oralidade e a escrita**" do Blog Tempo de Creche



ESPAÇO DE LEITURA LITERÁRIA

A leitura realizada pela(o) professora(or) é uma poderosa ação para a formação de leitoras(es) competentes e para a aprendizagem da linguagem escrita. Por meio da leitura literária, também temos a oportunidade de trazer narrativas de outros povos e outros continentes, para além dos clássicos europeus.



Professora: Celise Iraola
EMEI Heitor Villa Lobos

Ler diariamente favorece o encontro da criança com as formas de narrar acontecimentos e de narrar suas próprias histórias. Ouvir um adulto ler, manusear o livro, observar as imagens, ler imagens e sequenciar os acontecimentos são formas de introduzir a leitura para bebês e crianças antes mesmo de qualquer contato com práticas de alfabetização.

É importante organizar um espaço convidativo que pode ter um tapete feito por uma(um) familiar ou uma colcha de retalhos com pedaços de tecidos trazidos pelas crianças. Essa ambientação pode dar uma outra atmosfera ao espaço, trazendo elementos identitários para um espaço já predominantemente coletivo.

Ler pode ser um momento de aconchego e de estar em companhia de outras pessoas. Essa prática diária amplia o contato das crianças com elementos da cultura letrada sem renunciar o olhar para a literatura literária como experiência estética. **E você, como tem preparado esse espaço em sua sala de referência e nos demais espaços de sua unidade?**

Há mais marcas que podem compor esse espaço, como uma lista dos livros já lidos, os livros que foram levados no final de semana para casa, informações sobre os autores e ilustradores prediletos ou descobertas acerca de um gênero literário. Esses podem ser bons caminhos para construir a identidade de cada sala específica.

É necessário ter atenção aos livros que lemos para as crianças. A escolha e a seleção de livros são ações essenciais e devem ser muito bem planejadas. É preciso ter atenção a qualidade das ilustrações e da narrativa. A forma como uma história é contada faz toda a diferença, é na narrativa que se encontra a dimensão da linguagem verbal que as crianças vão vivenciar como possibilidade imaginativa e como aprendizagem.

Uma atenção essencial é aos livros que se propõem a levantar questões de raça e gênero em narrativas literárias. Há uma produção recente muito vasta, mas temos que nos atentar ao fato de que nem todos os livros são bons simplesmente por trazerem essa pauta, é preciso atenção se há reforço de estereótipos e se narrativa realmente traz emoção, surpresa e se provoca reflexões.



PARA SABER MAIS:

Que tal pensar na seleção de livros para sua sala, conferindo a **lista de livros** enviados em 2023 para o acervo das Unidades Educacionais.



CONTEXTOS PARA SE APROXIMAR E PENSAR

Para se aproximar da cultura escrita, além de terem acesso a diversidade de materiais e situações, as crianças precisam de tempo suficiente para retomar uma atividade iniciada em outros momentos e experimentar novos jeitos.

Poder vivenciar situações em que a escrita se faz necessária é algo muito interessante para as crianças. Embora não saibam escrever convencionalmente, participar de momentos em que a(o) professora(or) é a(o) escriba, oportuniza condições para que produzam seus textos oralmente e alguém mais experiente na língua os registre, ajudando as crianças nesta aventura que é se comunicar pelas palavras e seus diferentes usos.

As professoras da EMEI Parque Figueira Grande propõem diferentes situações nas quais as crianças, intencionalmente, fazem uso da escrita, ajudando as a entender como a escrita funciona e em quais momentos podemos usá-la. Nas imagens abaixo, as crianças escolhem qual a leitura que vão participar, no momento de leitura simultânea, escrevendo o próprio nome em uma lista fixada abaixo da imagem da capa do livro.



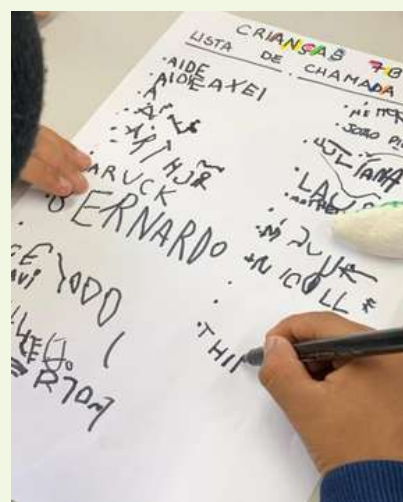
EMEI PARQUE FIGUEIRA GRANDE



Que tal também ler uma história do lado de fora, como é comum acontecer na EMEI Pérola Byington?



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: A ESCRITA DO NOME



Professora: Maria Gilvaneide Dias Goularte
EMEI PEDRO ÁLVARES CABRAL MORAES

"A discussão sobre o lugar da leitura e da escrita na EI é tema de grandes debates e muitas vezes de posicionamentos opostos. A tarefa da EI é provocar as crianças pequenas a conhecer o mundo da cultura escrita e especialmente, ter a experiência com a leitura por meio do contínuo acesso às histórias, poesias, dramaturgia, entre outros gêneros literários. A construção social da função da escrita será propiciada pela observação e participação em situações cotidianas em que a leitura e a escrita são realizadas com sentido, como uma prática social que tem função como apoio à memória, comunicação de informações, organização de vida, expressão de sentimentos e sensações, entre outros." São Paulo, 2019, p.174

Escrever e ler o próprio nome é motivo de muito orgulho por parte das crianças; nosso nome compõe nossa história muito antes de nascermos e além de ser repleto de significados e nossa primeira marca, é um importante território para as crianças se aproximarem da cultura escrita; não a toa as crianças se sentem muito orgulhosas quando já conseguem reconhecer as letras do próprio nome e escreve-lo quando isto se faz necessário.

Saber das histórias de cada nome, utilizar-se de brincadeiras para que saibam também os nomes das outras crianças, bem como marcá-lo em suas próprias produções são situações importantes para que as crianças possam se ampliar vivências com a cultura escrita. Não a toa, gostam muito de descobrir que as letras se repetem na escrita de outros nomes.

Essa é uma importante oportunidade também para conhecerem toda diversidade de nomes, de origens; as crianças migrantes, por exemplo, têm nomes com sonoridades diferentes que podem gerar boas conversas e desconstruções de estereótipos.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

A pesquisadora Suely Amaral tem estudos e publicações sobre Cultura Escrita na Educação Infantil e, segundo ela, há muitas outras situações em que a cultura pode se fazer presente, como:

- pesquisar nos livros, assuntos que surgem nas conversas e que interessam às crianças;
- buscar palavras no dicionário, sobretudo quando surge uma palavra nova para o grupo;
- registrar, por escrito e coletivamente, a história dos passeios e as coisas interessantes que acontecem no grupo.



EMEI PARQUE FIGUEIRA GRANDE

Neste mês, você é convida(o) a escrever sobre esse processo tão particular e tão importante que são as experiências com cultura escrita vivenciada pela crianças.

Na próxima semana, escolha um momento com as crianças para fazer uma lista com os livros que já foram lidos por vocês. Essa lista pode ser exposta dentro ou fora da sala referência.

Você deve ser a escriba e depois registrar na plataforma como foi essa experiência.

Como as crianças colaboraram para a confecção da lista de livros da turma? Quais foram as leituras preferidas? Quais são os livros que as crianças demonstram interesse em conhecer?

Registre sua resposta no SGA.



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**Leitura de fruição, linguagem escrita e os objetivos de aprendizagem**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



"Leitura de fruição, linguagem escrita e os objetivos de aprendizagem"

31/08/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Boas leituras e escritas!





EDUCAÇÃO INFANTIL

SETEMBRO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao sétimo mês da **Formação da Cidade**. Em agosto, refletimos sobre os desafios em relação à alimentação, especialmente, no que diz respeito à construção da autonomia, à transição do colo para a mesa e ao processo do "aprender a comer" em pequenos grupos.

Vimos que algumas mudanças na organização do espaço, do tempo e dos pequenos grupos têm contribuído para que os momentos das refeições se tornem cada vez mais educativos e significativos para bebês e crianças.

Quando o(a) educador(a) ressignifica suas concepções, a atitude adulta se transforma. Conseqüentemente, modifica-se a prática pedagógica e é possível buscar meios para os desafios que são apresentados no cotidiano das unidades a fim de garantir uma alimentação respeitosa, prazerosa e afetuosa para todos os bebês e crianças de seu agrupamento.

Neste mês, daremos continuidade às reflexões sobre os momentos de alimentação dos bebês e das crianças pequenas no CEI, levando em conta os desafios em relação às necessidades alimentares específicas de bebês e crianças, à recusa e à seletividade alimentar e também, ao envolvimento de familiares e responsáveis. Defendemos o cuidado respeitoso e o direito de todas as crianças a um atendimento de qualidade a partir de relações inclusivas e integrais para todos e todas.

É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas é um espaço para provocar questionamentos, dúvidas, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

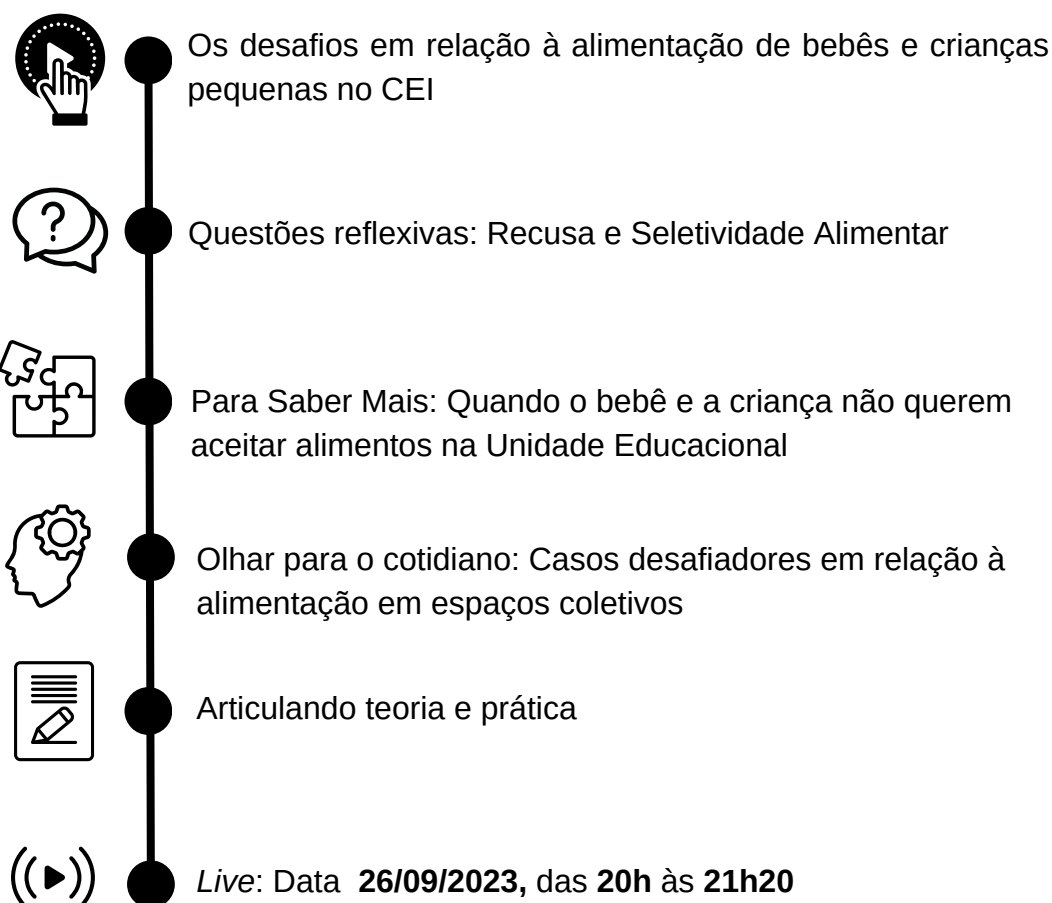
- Refletir sobre os desafios referentes à introdução de alimentos sólidos;
- Ressignificar o que compreendemos como recusa e seletividade alimentar;
- Estabelecer aproximações com práticas de alimentação coerentes às crianças com necessidades alimentares específicas;

PERCURSO FORMATIVO

Estamos nos dedicando a compreender melhor os aspectos que envolvem os momentos de alimentação em nossas UEs e já estudamos sobre a importância da organização do ambiente, dos tempos, dos grupos e das interações entre adultos(os) e bebês. Vimos que são pontos fundamentais para que o direito à alimentação saudável e de qualidade seja garantido, bem como a necessidade de cuidarmos dos momentos de transição que acompanham o processo do "aprender a comer".

Entretanto, muitas vezes, nos deparamos com questões desafiadoras que dizem respeito à recusa e à seletividade alimentar, às necessidades alimentares específicas de bebês e crianças e também às particularidades e individualidades que se expressam por hábitos familiares que são diferentes do que os que se apresentam no espaço coletivo.

No percurso deste mês vamos, então, nos debruçar sobre alguns desses aspectos para que possamos atuar e intervir de forma mais assertiva e coerente.





OS DESAFIOS EM RELAÇÃO À ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NO CEI

"Ele(a) não come nada!"

"Já tentamos de tudo e ele(a) não aceita!"

"Estou preocupada(o)! Esse(a) bebê passa o dia inteiro sem comer!"

"O que eu faço? Ele(a) só come arroz!"

Certamente você já se deparou com algumas dessas frases ou outras bem parecidas, sejam elas ditas por você ou por colegas que também estão buscando compreender como atender a especificidade daquele bebê ou criança. E, realmente, nessas situações ficamos preocupadas(os) e buscamos uma solução, porém, nosso convite é que, antes de sabermos "o que fazer", é importante buscar compreender "por quê" determinado comportamento do bebê e da criança acontece e como é possível olhá-lo de forma ampliada. Isso quer dizer olhar para a alimentação e os desafios desse momento não só como uma necessidade física, mas também como uma necessidade emocional.

Alimentação é relação! Relação que envolve a percepção de si, as emoções e, especialmente, a relação com o(a) adulto(a) que alimenta o bebê e a criança. O ato de comer é, então, um ato físico, mas também um ato emocional, cultural e social.

A Matriz de Saberes definida pela SME e apresentada na página 40 do Currículo da Cidade apoia o planejamento do(a) professor(a) ao possibilitar que compreenda o momento de alimentação como também um momento de ampliação do repertório cultural, de abertura à diversidade, de colaboração, de participação, além de fomentar o autoconhecimento e o autocuidado num contexto coletivo e social potente de comunicação.

A alimentação se inicia no ventre materno e a partir do sexto mês de gestação o bebê sente o cheiro e o gosto do líquido amniótico. Ao nascer, a alimentação continua com a amamentação e toda a vivência com o gosto, o cheiro, o toque, a voz e a proximidade da mãe e/ou de seu cuidador(a) fazem parte dessa experiência.

Ou seja, desde o início da vida o bebê passa por processos que o levam a se conectar com o alimento pela **qualidade da relação com seu adulto(a) de referência** por meio do aconchego, do colo e da relação exclusiva. Porém muitas vezes acontece uma grande RUPTURA nessa experiência quando o bebê passa a frequentar os espaços coletivos. Isso significa que a falta de um **olhar individualizado** para os momentos de alimentação nas nossas UEs pode causar o que costumamos chamar de "desafios" na hora das refeições. Vamos iniciar compreendendo melhor essa questão!



QUESTÕES REFLEXIVAS

É comum receber no CEI bebês que tomam mamadeira ou leite materno. Estão habituados com a intimidade deste momento, com o aconchego do colo e a relação tão próxima que envolve o calor dos corpos e o contato pele a pele. Porém, sabemos que conforme crescem e se desenvolvem, após alguns meses, é chegado o momento da introdução de alimentos sólidos.

Para nós, profissionais, esse é um momento desafiador e também muito oportuno para pensar em como podemos colaborar para que essa transição do leite para o alimento sólido seja leve e respeitosa para o bebê, já que, muitas vezes, quando se inicia a **introdução dos alimentos sólidos**, o bebê se depara com uma oferta de forma coletiva e, conseqüentemente, de forma mais distanciada ou apressada. Dessa maneira, não é de se estranhar que as "recusas" em relação à aceitação dos alimentos comecem acontecer, não é mesmo? Esse seria um primeiro ponto para considerar quando o bebê não quer comer. Por isso, vamos retomar:

(...)Para bebês que ainda não tenham atingido o desenvolvimento postural necessário para se manterem sentados em equilíbrio estável por si só, a oferta de leite (preferencialmente materno) e introdução da alimentação (comida amassada) somente devem acontecer no colo da(o) educadora(or). (Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para a Educação Infantil; São Paulo, 2020, p.14).

Como você tem conseguido atender as particularidades e as necessidades individuais, considerando as especificidades desta fase do desenvolvimento?

Releia a **Cena 10** contida na página 75 do **Currículo da Cidade** - Educação Infantil, 2019 e atente-se à forma como a educadora conversa com o bebê. Esse é um exemplo de **relação qualificada** que convida e desperta no bebê a **vontade de ser alimentado** pelo seu adulto(a), com o qual se sente seguro e confiante.



Um ponto importante a ser considerado, a partir da perspectiva do bebê, é o fato de que, na relação com os alimentos, ele(a) precisará de tempo para "decifrá-los", para explorá-los, conhecê-los com todos os seus sentidos e, aos poucos, atribuir significado a eles. Ou seja, deve ser um momento em que, além de se alimentar possam também explorar, conhecer os alimentos, pegando-os, investigando-os e explorando-os. Educadores e educadoras devem compreender a alimentação ainda como um processo de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês e crianças, por isso, a importância de manter o vínculo, a troca e a relação qualificada, inclusive, durante as refeições.

Sabemos que a experiência da exploração se dá com o corpo inteiro. Somos seres multissensoriais e conheceremos o mundo a partir das impressões e sensações que o mundo externo nos proporciona. Daí a **importância dos sentidos!**

Com os alimentos, a aprendizagem acontece da mesma forma. Bebês e crianças precisam se apropriar das propriedades dos alimentos e isso se dá pelos sentidos. Assim, o aprendizado de se alimentar passa pelo reconhecimento de texturas, consistências, temperaturas, aromas, sabores e cores.

Como você tem gerenciado o tempo e permitido que os ritmos individuais dos bebês sejam respeitados, especialmente, na aprendizagem relacionada à mastigação dos alimentos sólidos?



A(o) educadora(or) proporcionará, por meio da exploração dos sentidos, que bebês e crianças tenham contato com diferentes alimentos, principalmente com frutas, verduras e legumes, de diversas maneiras de preparação. As crianças, literalmente, vão para a cozinha preparar alimentos simples, como uma salada que comerão no almoço ou jantar, como também receitas que não precisam de forno e fogão. Por meio de oficinas, são desenvolvidas e estimuladas as práticas saudáveis de alimentação, pois as crianças passam a conhecer os sabores e a fazer boas escolhas."



Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para Educação Infantil, 2020, São Paulo: SME/COPEP/CODAE



PARA SABER MAIS:

Assista ao vídeo: **Quando o bebê e a criança não querem aceitar alimentos na Unidade Educacional**, de Fabiana Lopes e Maira Curti, DIEI - Educação Infantil



RECUSA E SELETIVIDADE ALIMENTAR

Você sabia que no segundo ano de vida os bebês tornam-se mais seletivos em relação aos alimentos? Que, nessa fase da vida, o crescimento desacelera e, por causa disso, a necessidade calórica diminui e, conseqüentemente, passam a comer menos?

Conhecer sobre as várias fases do desenvolvimento infantil é muito importante para saber como intervir e atuar junto aos bebês e crianças. Muitas vezes, bebês e crianças são rotulados de seletivos ou que têm "rejeição alimentar", sem compreendermos o que quer dizer cada uma dessas expressões, sua relação com a fase do desenvolvimento e com todos as dimensões - as sociais, culturais e afetivas - que envolvem a alimentação.

Quando pensamos em **seletividade**, partimos do pressuposto das escolhas e preferências pessoais. Pense no seguinte exemplo: o bebê ou a criança já experimentou muitas vezes o brócolis, o chuchu e a cenoura e tem preferência, neste momento da vida, pela cenoura. Esta seletividade saudável se relaciona com as escolhas individuais em determinada fase da vida. Todos nós, por exemplo, conhecemos aquele bebê/ou aquela criança que comia e "adorava" melão e, "de repente", passou a não aceitá-lo mais, não é mesmo?

E, então, o que fazemos? Esperamos pacientemente que ele(a) volte (ou não!) a comer os alimentos, sempre oferecendo-os e oportunizando o contato com o alimento, porém sem forçar e sem fazer chantagens ou barganhas. É importante manter a calma e a paciência, respeitando a vontade do bebê e da criança.

Já a **recusa alimentar** relaciona-se a aspectos mais globais e generalizados do desenvolvimento. Normalmente, o bebê e/ou a criança que recusa os alimentos apresenta também dificuldades com as mudanças na rotina, no sono, no brincar e na interação com os outros. Nestes casos, precisamos olhar todo o contexto de sua vida para entender integralmente o que está acontecendo e, assim, intervir.

Um ponto importante aqui é NÃO deixar de oferecer os alimentos que o bebê e a criança não está aceitando. Muitas vezes, na ansiedade de que comam, passamos a oferecer sempre a mesma coisa, os mesmos alimentos. O risco de cair na **monotonia alimentar** é enorme e isso só fará com que o bebê e/ou a criança acostume com os mesmos sabores e, de fato, não queira mais ampliar e diversificar seu paladar.



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: CASOS DESAFIADORES

Vamos, agora, pensar juntas e juntos em algumas **Ações Pedagógicas** que favorecem o incentivo ao consumo de alimentos. Sugestões de Fabiana Lopes e Maira Curti no vídeo Quando o bebê e a criança não querem aceitar alimentos na Unidade Educacional, DIEI - Educação Infantil

1. Sentar-se junto ao bebê e próximo aos colegas de sua preferência;
2. Acompanhar bebês e crianças à mesa;
3. Encorajar o manuseio dos utensílios, as interações com os colegas e com os próprios alimentos;
4. Apresentar antecipadamente os alimentos que serão servidos (*in natura* ou por meio de imagens) e deixá-los sempre ao alcance das crianças para que possam interagir com eles;
5. Promover a participação da equipe da cozinha em diversos momentos do cotidiano;
6. Alimentar as mesmas crianças cotidianamente para manutenção dos vínculos de afeto e aprimorar a comunicação;
7. Manter gestos corporais gentis e tom de voz tranquilo.

Observe a imagem abaixo. Uma cena cotidiana carregada de afeto, autonomia, prazer. Que ações pedagógicas você consegue visualizar nesta cena?



CEI Caminhar é Preciso II
Professora: Alessandra Casarini



ENVOLVER FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

Como podemos envolver familiares e responsáveis nos momentos de alimentação no CEI? Como, familiares e responsáveis podem, de fato, colaborar com a alimentação de bebês e crianças que vivem nos espaços coletivos?

Segundo a Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para Educação Infantil, "os estudos sobre hábitos alimentares na infância enfatizam que o comportamento da criança é influenciado, em primeiro lugar, pela família e, secundariamente, por outras interações." (São Paulo, 2020, pág. 40)

É importante que familiares e responsáveis sejam informados sobre as vivências alimentares dos bebês e das crianças no CEI, que conheçam quais alimentos estão sendo servidos, que saibam como eles são preparados, que estejam cientes de que moderamos o uso do sal e não oferecemos açúcar aos bebês e crianças. E por quê isso é importante? Para que, de fato, haja PARCERIA entre a familiares, responsáveis e o CEI em prol do desenvolvimento do paladar e dos hábitos alimentares saudáveis dos bebês e das crianças.

Sabemos que

(...) abordar a questão da alimentação para a família esclarece sobre como a unidade se organiza para esses momentos, a rotina alimentar do dia, apresentação do cardápio, aleitamento materno, alimentação saudável, obesidade infantil, estratégias no atendimento às crianças com dificuldade de se alimentar na unidade, consumo excessivo de ultraprocessados (salgadinhos, biscoitos, refrigerantes etc.), ampliando e fortalecendo as relações entre famílias e UES." (Orientação Normativa de Educação Alimentar e Nutricional para a Educação Infantil; São Paulo, 2020, p.14).

Portanto, é fundamental que cada CEI encontre maneiras e momentos em que sejam possíveis reuniões com os familiares e responsáveis, anotações nas agendas, conversas individuais, encontros formativos e diálogos com as nutricionistas de SME/CODAE.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

A proposta reflexiva deste mês é para que, depois de estudar o material formativo, você elabore um breve relato sobre como encaminharia um dos casos abaixo. Para isso, descreva quais seriam suas ações e intervenções pedagógicas em uma das situações - considere realizar o registro reflexivo de acordo com o seu agrupamento de atuação.

Berçário 1: Pense em um agrupamento de 7 bebês, sendo que um bebê chegou ao CEI com 2 meses e agora, com 6 meses, irá iniciar seu processo de introdução aos alimentos sólidos. Como você atenderia essa especificidade, sendo que os outros bebês já fizeram a introdução dos alimentos sólidos?

Berçário 2: Imagine um agrupamento de 8 bebês em que todos se alimentam com independência e autonomia, sentados à mesa e o nono bebê que chega à esse grupo, não aceita nenhum alimento. Como você conduziria essa situação específica?

Mini-Grupos: Como você atenderia, neste agrupamento, duas crianças que aceitam apenas o arroz e o feijão?



A partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem -, no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.



LIVE

A *live* deste mês tem como tema "**Desafios em relação à alimentação de bebês e crianças pequenas no CEI**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



Desafios em relação à alimentação de bebês e crianças pequenas no CEI

26/09/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

OUTUBRO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao sétimo mês da **Formação da Cidade**. No material passado, aprofundamos nosso olhar sobre a importância da intencionalidade docente no momento de planejar contextos e vivências que aproximam as crianças da cultura escrita, fomentam interesse na exploração de recursos materiais onde a cultura escrita é explorada em sua função social, reconhecendo o papel fundamental da(o) professora (or) como mediadora(or) entre as crianças e os textos.

Neste mês, vamos refletir sobre as **múltiplas funções do registro** para compreender que, ao escrever, tomamos posse do vivido, entendendo que o registro é o produto final de um processo que inclui a observação, a escuta e a reflexão, os quais subsidiarão o **planejamento de ações** que contemplem as **aprendizagens das crianças**.

As crianças renovam diariamente nosso olhar e nosso compromisso com o mundo, ao mesmo tempo em que renovam a nossa possibilidade de conhecer um mundo novo. É dessa forma que construímos e trocamos aprendizagens: crianças, professoras e professores, trocando olhares, podem construir mundos que talvez ainda não existam, mas que serão possíveis justamente porque enxergamos a potência das crianças.

Como já ressaltado anteriormente, essa formação é comprometida com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas e não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas; é um espaço para provocar questionamentos, pesquisas e possibilidades de transformação da prática, e é isto que continuaremos fazendo agora no mês de setembro.

Nosso convite é olhar para as crianças como elas olham para o mundo, com encantamento e desejo de aprender mais.

Bons olhares!

OBJETIVOS:

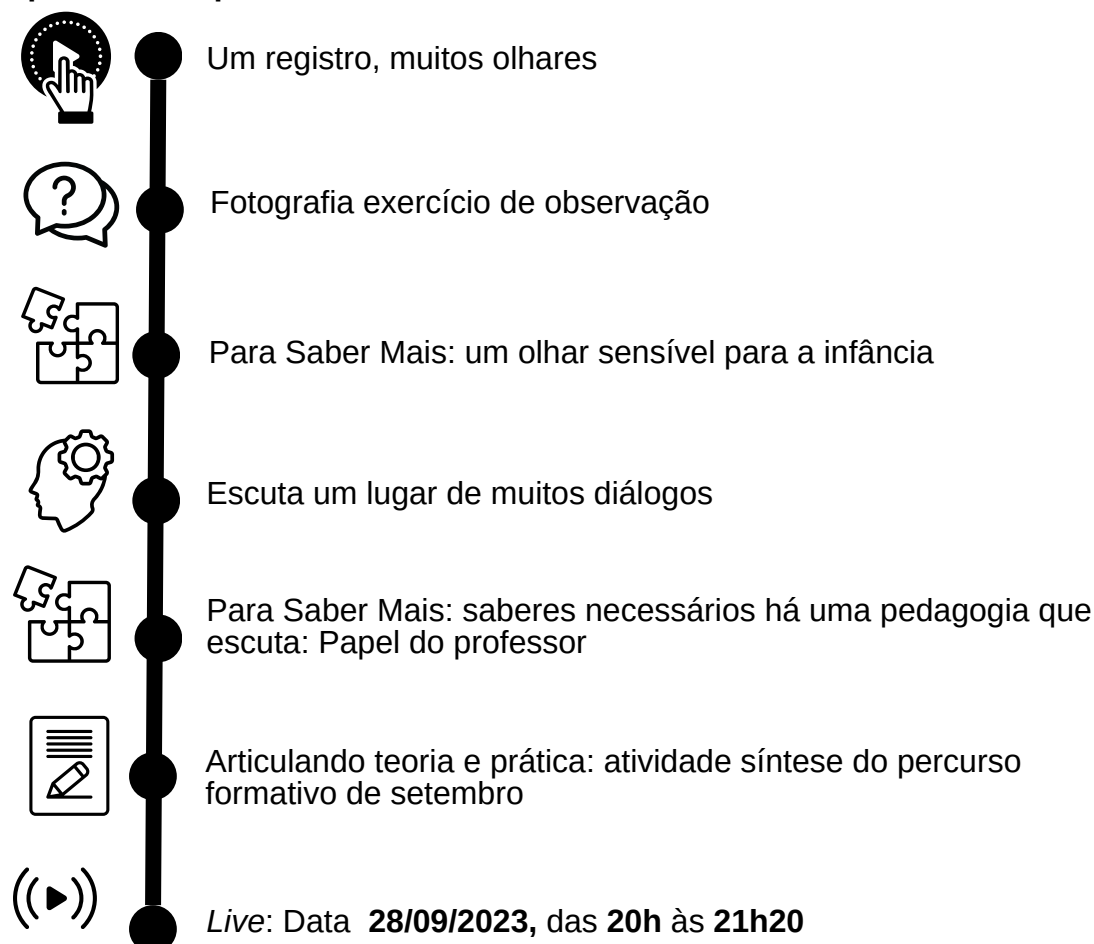
- Refletir sobre as múltiplas funções do registro, considerando a(o) professora (o) como autora(or) e narradora (or) de sua própria prática;
- Indicar algumas possibilidades de diálogo dos registros com a prática.
- potencializar o papel da fotografia como importante linguagem de registro

PERCURSO FORMATIVO

"Os registros se configuram como um caminho possível de construção de memórias e de desenvolvimento profissional, em que a (o) professora (or) é autora e narradora (or) de sua prática" (orientação normativa de registro, 2020, p.20).

Para a construção de registros consistentes e significativos é necessário estar disponível para observar e escutar as crianças. Observar e apoiar as escolhas delas garante uma percepção real das manifestações culturais autênticas que elas realizam; como quando testam construções, experimentam formas de se comunicar, criam brincadeiras ou novos usos para um objeto. O registro nos permite descrever essas ações e compreender como aprendem e participam nos contextos organizados.

Colocar todas as ideias em prática é um exercício que demanda da(o) professora(or) avaliação e planejamento em relação à sua intencionalidade. Observar, escutar, reparar e registrar são competências que, quanto mais exercitadas, permitem um olhar mais apurado e, conseqüentemente, um planejamento mais consistente. Dessa maneira, neste mês faremos o exercício de analisar alguns registros pensando justamente como eles **podem dialogar e aprofundar a prática**.





UM REGISTRO, MUITOS OLHARES

Como os registros escritos e fotográficos podem auxiliar no diálogo com a prática? Que perguntas podem ajudar a pensar sobre o vivido?

Registrar o dia a dia na Educação Infantil é uma aprendizagem cotidiana e também um dos maiores desafios pedagógicos, pois é preciso registrar como se dão as interações, quais são as ações, as reações e as proposições. Estar disponível e **interessado em conhecer as crianças por meio de um olhar atento, curioso e acolhedor.**

"Olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o "real" fora de nós. É tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto e não por acaso o italiano guardare e o francês regarder se traduzem precisamente por "olhar" (BOSI, 1988, p. 78).

A **observação** é um dos **instrumentos** mais potentes para **favorecer o planejamento** da(o) professora (or), ela possibilita compreender como cada criança se comunica se expressa e aprende.

O ato de olhar para o **registro** significa tomá-lo como um **parceiro, instrumento do pensamento**. No exemplo abaixo selecionamos alguns trechos dos registros da Professora Sandra Farina da EMEI Doutor José Augusto Cesar, que mostram seu olhar para os desejos das crianças em tentar escrever com ou sem ajuda da(o) professora(or).

Tenho observado o interesse de algumas crianças da turma em escrever ou participar de situações de registro que envolvem a escrita para nos comunicarmos ou constituirmos memórias de nossos projetos. Procuro envolvê-las de modo que percebam através do meu fazer ou os ajudando em atividades de escrita, que coloquem em jogo seus saberes, como por exemplo, uma das propostas que ocorre depois das assembleias, momento em que escrevemos juntos o convite para o dia da celebração do aniversário das crianças.



EMEI Doutor José Augusto Cesar
Registro Professora Sandra Farina



EMEI Doutor José Augusto Cesar
Registro professora Sandra Farina

À medida que escrevemos juntos, as crianças se interessam ainda mais pela escrita e tenho experimentado com elas os seus diferentes usos.

Uma coisa que tenho feito é a construção de um livro de vivências com as crianças. Toda vez que vamos ampliá-lo, divido as fotos com elas, retomamos, fazemos uma síntese do vivido e imprimo as fotos, colamos e elas ilustram.

E você, que perguntas têm feito na hora de observar seu grupo de crianças nos diferentes momentos do dia? Onde você tem colocado sua lanterna?

O melhor registro é aquele que faz sentido para a (o) professora (or) e, ao mesmo tempo, apoia as crianças a avançarem em suas aprendizagens sobre si e sobre o mundo. Dessa maneira, o registro atua como possibilidade de reflexão e replanejamento.

Ter um foco de observação auxilia muito a preparar o olhar antes das ações com as crianças, no entanto, é importante tomar cuidado para que esses focos não se transformem em tabelas classificatórias, mas que eles de fato auxiliem seu olhar.

uma excelente pergunta é: **como** a criança faz? **como** ela participa? **como** se comunica? **como** se expressa nos desenhos?

Ter um foco de observação é fundamental para que o professor saiba o que observar e onde colocar atenção na hora, por exemplo, de fotografar.



Escrita espontânea
EMEI Professora Cristiane Crude



QUESTÕES REFLEXIVAS

Com quais finalidades você tem organizado e realizado seus registros?

Segundo a orientação normativa de registros, registrar os **processos pedagógicos** por meio de diferentes instrumentos pode servir a diversas finalidades: dar visibilidade ao percurso que está sendo vivido às famílias/responsáveis e à comunidade educativa, além de evidenciar como as crianças estão aprendendo e se desenvolvendo. Além disso, oportuniza às crianças que revisitem suas experiências, apropriando-se e refletindo sobre si, de modo que se reconheçam e valorizem suas próprias produções e percursos

Com que frequência você tem organizado e oportunizado a participação das crianças na elaboração dos diferentes registros?

A **participação das crianças na elaboração e curadoria dos diferentes registros** precisa ser uma **prática cotidiana**. Alguns exemplos: escrever os títulos dos livros que já leram, escolher e registrar os livros que serão lidos na semana, fazer um bilhete para o pessoal da cozinha, anotar uma curiosidade sobre algo que estejam pesquisando, contribuir na escolha do que será exposto, dentre tantas outras possibilidades.

Há **inúmeras linguagens que podem ser utilizadas como forma de registro e acompanhamento dos processos de aprendizagens das crianças**, como, por exemplo, desenho, pintura, colagem, fotografia, vídeo, entre outras possibilidades. Neste material, traremos como exemplo os registros fotográficos. Fotografar é captar uma imagem a partir de um olhar. Cada um escolhe o que é, para si, significativo de ser guardado. É necessário, portanto, **educar o olhar** e fazer um distanciamento entre o uso da fotografia no cotidiano e como ferramenta da prática docente, reconhecendo-a como um meio, um elemento que nos permite problematizar e pensar em ações futuras.

Para além do registro escrito, como você tem utilizado outras linguagens como apoio de memória e reflexão?

Pensar nos registros é colocar em ação os diferentes recursos disponíveis. Neste sentido, o apoio das fotografias é enriquecedor, especialmente se as entendemos como portadoras de histórias a contar, de memórias vividas. Por isso, vale a pena incluir as crianças no processo de registro fotográfico, o que possibilita utilizá-los como disparadores de boas conversas, como no exemplo da Professora Sandra.

É preciso ensinar o olhar, ter uma intenção ao realizar um registro fotográfico, pois não é possível fotografar todas as experiências das crianças. Cabe à(o) professora(or) observar os momentos e escolher aquele que considera ter um sentido para o percurso vivido pelas crianças, sendo revelador de suas vivências e aprendizagens - ter foco. A partir disso, a(o) professora(or) irá elaborar um planejamento colaborativo que seja significativo para as crianças, trazendo-as como participantes deste processo

Não há necessidade de registrar tudo o que acontece no entorno das vivências; é preciso fazer o recorte e selecionar, de todo o vivido, aquilo que produziu algum sentido, "o que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo" (PILLAR, 2009, p. 13).

Registrar as experiências das crianças por meio da fotografia é tão importante quanto escrever sobre elas no dia do planejamento. **As imagens são carregadas** de informações, detalhes, que não aparecem aos olhos de quem apenas as visualiza. Garantir que as crianças também façam seus próprios registros pela linguagem fotográfica pode ser um importante exercício, especialmente para narrar o processo por meio de diferentes olhares, o da professora(or) e o das crianças. As fotografias, quando acompanhadas de uma pauta de registro, trazem dimensões do ocorrido que ampliam e se somam à escrita. É outra forma de memória, que precisa de intencionalidade e planejamento por parte de quem a utiliza.



fonte: <https://mostra.gife.org.br/project/territorios-do-brincar>

Aprecie essa imagem do documentário "Territórios do brincar", produzido pelos documentaristas Renata Meireles e David Reeks, e observe quais são as informações, ações das crianças, olhares, expressões, e como é possível até imaginar os sentimentos envolvidos nesta brincadeira.

As fotografias guardam dados que são preciosos. Seria muito difícil lembrar-se de tudo o que aconteceu nos momentos de brincadeiras e experiências das crianças, uma vez que acontecem situações com muitos detalhes que passam despercebidos ou acabam sendo esquecidos, difíceis de serem registrados por meio da escrita no momento em que ocorre.



PARA SABER MAIS:

O professor André Carrieri traz um delicado olhar sobre os registros fotográficos no vídeo: **"Ateliê de fotografia; um olhar sensível para a infância"**.





ESCUITA - O LUGAR DE MUITOS DIÁLOGOS



*Quem teria inventado o nosso ponto de
interrogação?*

Ele já tem a forma de uma orelha que escuta?

Mário Quintana

Escutar as crianças não significa fazer todas as suas vontades, mas reconhecer que elas tem saberes, sentimentos e acima de tudo algo a dizer. Escutar as crianças é considerar, observar e validar o que as crianças pensam e sabem sobre o mundo, de modo que favoreça sua autonomia. Escutar as crianças é reconhecer seu protagonismo e como pessoa de direitos.

Neste sentido, essa escuta ocorre não só verbalmente, mas também as observando nas interações e ações, elaborando boas perguntas, que demonstram de fato interesse pelas ações das crianças.

- O que costumam fazer?
- Como fazem ?
- O que falam?
- Como participam?

“(...) escutamos os bebês e as crianças quando os observamos, quando registramos o que vamos aprendendo com eles e sobre eles, isto é, escutamos os bebês e as crianças quando buscamos entender as suas particularidades, conversando com eles e com suas famílias/ responsáveis. Escutamos os pequenos quando consideramos as suas iniciativas, quando os acolhemos e respeitamos os seus sentimentos (os bebês e as crianças que chegam tristes, os que chegam chorando e também os que chegam alegres, curiosos, os mais calados e os “perguntadeiros”). Também “damos colo” para quem precisa e espaço para crescer para quem chega sem nenhuma aparente demanda. A escuta também se concretiza quando chamamos bebês e crianças a participar de seus cuidados e da vida diária na UE. A escuta acontece sempre que as(os) professoras(es) fazem boas perguntas para os bebês e as crianças e esperam alguma manifestação deles.” (São Paulo, 2019, p.74)

Contudo escutar as crianças é um importante exercício de silenciamento, com o intuito não de constatar e de verificar, mas, acima de tudo, de desdobrar outras possibilidades.



PARA SABER MAIS:

A pesquisadora Bruna Ribeiro em seu livro *Pedagogia*, no texto "**Saberes necessários à uma pedagogia que escuta: papel do adulto**", traz 10 importantes princípios sobre a escuta do professor



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Sons de uma floresta

"A floresta é a Coberta da terra"

Tribo Ticuna

Com um olhar diferenciado para o acolhimento este ano, pensei em enviesar a acolhida das crianças ao grupo 4 no espaço da nossa floresta, pois ela vem carregada de significados nesta escola desde o G1.

É nesta "floresta" que as crianças ainda bem pequenas procuravam o lobo, é a floresta de aventuras, de segredos, de descobertas. É um espaço de sentimentos de nossa escola!

Tinha o desejo de fazer de nossa a nossa acolhida, para esse "frio" que assola os primeiros dias de adaptação, e que com o calor do vínculo formado fosse também espaço de descoberta e contudo, amparei-me no espaço físico de nossa floresta para iniciar nossas primeiras atividades coletivas.

Tentei listar quais eram os possíveis sentimentos presentes nesta cobertura de chegada.



Pensando em todos os sentimentos envolvidos neste período de acolhida, apoie-me nos cenários em que as florestas aparecem na literatura e planejei algumas atividades de casinha neste espaço.

As situações de cuidados até foram representadas ali pelas crianças que despertadas pelo cenário montado, cuidavam dos bebês e por meio de suas brincadeiras de casinha, dos inúmeros, "finge que eu era", envolviam-se num abrigo acolhedor e protetor.

Todavia, notei que as crianças queriam "barulhar", buscavam a produção do som, seja na batida da colher na panela, no chacoalhar da areia numa vasilha ou da batida das folhas nos potes e passei a botar reparo nisto. Eu tinha pensado na casinha, mas o silêncio do nosso espaço da floresta despertou nas crianças uma pesquisa dos sons que eram possíveis ser feitos com aqueles objetos.

Muitas vezes as crianças não os faziam porque tinham esta intenção, mas na brincadeira descobriram os sons.

Assim como as crianças, nós professoras estávamos abertas para tocar e sermos tocadas por aquela música produzida, então repensamos os cenários para auxiliar as crianças nesta pesquisa, nosso primeiro contexto serviu para fazer de fato uma escuta de quais eram realmente as pesquisas das crianças. "Essa é sua bateria e essa aqui é minha, uma bateria nas árvores", "Olha só o meu som!", "Eu descobri uma coisa: cada regador tem um som"

Ao invés de enfrentar os ruídos, os acolhemos!

Afinal, qual era a pergunta das crianças, o que estavam investigando?

O que buscavam enquanto barulhavam?

Qual é a nossa pergunta quando falamos de som?

E porque não os levar a brincar através da música, que carrega o som, o silêncio e o ruído como seus movimentados brinquedos?

Arquivo pessoal Lucila Almeida

A observação, a escuta e os registros são fundamentais para que possamos também rever os nossos planejamentos iniciais e muitas vezes abrir mão do que havíamos pensado para de verdade, potencializar aquilo que as crianças querem pesquisar sobre si, as coisas e sobre o mundo.

No registro ao lado podemos acompanhar o olhar de uma professora que, muito bem intencionada, planejou um cenário de brincadeira e, durante a observação das crianças, percebeu que poderia trilhar outros caminhos, indo de encontro com o olhar curioso do grupo de crianças, e você quantas vezes mudou o percurso a partir das escutas das crianças?, como tem validado o que as crianças trazem e transformado em projetos de pesquisa com o grupo?

Neste material tratamos de aspectos fundamentais da prática pedagógica do professor: observação e escuta; reflexão sobre a prática; participação das crianças na constituição de registros; fotografia. Também pontuamos que, a observação e escuta das crianças em suas vivências organizadas em registros apoiam e direcionam a ação da(o) professora(r) por meio de seu planejamento – lembrando também a importância de considerar a participação das crianças no cotidiano, de modo que possam revisitar e se apropriar de suas experiências. Destacamos, ainda, o uso da linguagem fotográfica por todos os autores dessa cena: professores e crianças.

Neste mês, você é convidada(o) a planejar uma brincadeira/ cenário de faz de conta com as crianças, em seguida escolha duas crianças para observar. Preste atenção:

- o que as crianças fazem?
- o que escolheram e como utilizaram os materiais?
- quais os movimentos observados?
- descreva todas as suas ações.

O que você descobriu ou reafirmou da sua escuta depois dessa observação?

Registre sua resposta no SGA.



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**Observação escuta e registro a descolonização do olhar e as práticas do registro**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



" Observação, escuta e registro: a descolonização do olhar e as práticas do registro"

28/09/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Boas leituras e bons registros





EDUCAÇÃO INFANTIL

OUTUBRO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas(os) educadoras(es),

Chegamos ao oitavo mês da **Formação da Cidade**. Em setembro, finalizamos as reflexões sobre os desafios em relação à alimentação repensando o que se compreende por recusa e seletividade alimentar. Além disso, vamos discutir como acolhemos as particularidades e individualidades que se expressam por hábitos familiares que são diferentes do que os que se apresentam no espaço coletivo, e o quanto a atitude adulta é determinante para que o bebê e a criança sintam-se, verdadeiramente, cuidados.

Neste mês, estudaremos sobre o brincar. Brincar é uma linguagem da criança, sua maneira de ser e estar no mundo. Vamos entender a gênese da iniciativa dos bebês ao brincar, conhecer as categorias do brincar e também refletir sobre as condições adequadas à organização do tempo, do espaço e de materialidades para o brincar autônomo dos bebês.

O percurso da **Formação da Cidade** tem como intenção provocar a curiosidade e o desejo de professoras(es) para que aprofundem, cada vez mais, os estudos sobre o desenvolvimento infantil e sobre como bebês e crianças aprendem e interagem. Sem com isso, padronizar práticas. Assim, poderão olhar para seus fazeres, de forma mais reflexiva, possibilitando uma aproximação e observação mais efetiva sobre os processos de aprendizagem dos bebês e crianças de seu agrupamento.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

- Reconhecer as iniciativas e a atividade autônoma do bebê ao brincar;
- Conhecer as categorias do brincar dos bebês e compreender suas ações de brincar;
- Refletir sobre as condições adequadas em relação à organização do tempo, do espaço e de materialidades para o brincar autônomo dos bebês.

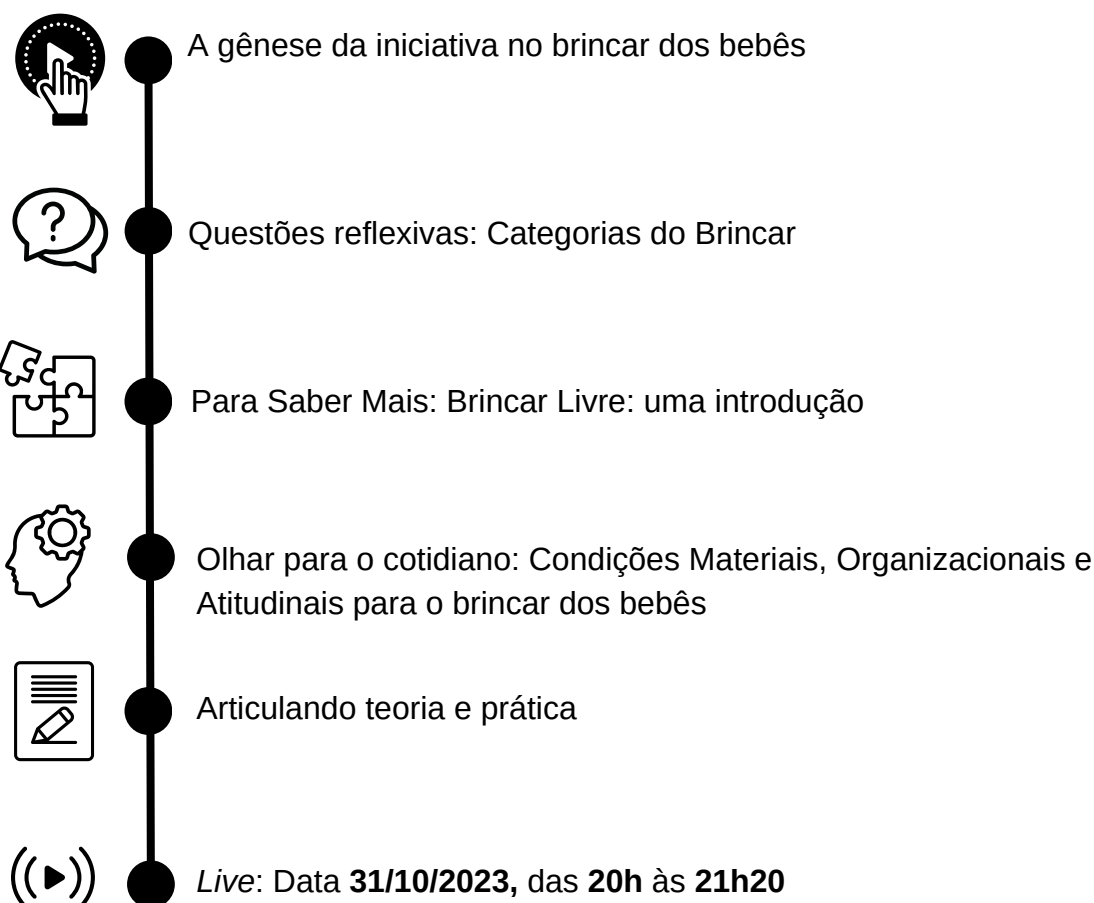
PERCURSO FORMATIVO

No percurso deste mês vamos nos dedicar a compreender o **brincar** enquanto **atividade principal** do bebê e da criança. Isso significa compreender que brincar não é um entretenimento, um passatempo ou algo de valor secundário, mas sim, uma **linguagem**, uma maneira de ser e estar no mundo.

Sabemos que é pelo brincar que o bebê e a criança conhecem o mundo, apropriam-se dele, interagem com pessoas e objetos e, assim, desenvolvem sua inteligência e constroem sua personalidade.

Porém, é importante conhecermos as origens do brincar dos bebês e das crianças, ou seja, a gênese de suas iniciativas, bem como o desenvolvimento das ações de brincar para que possamos pensar nas condições adequadas em relação à organização de espaço, tempo e materialidades a fim de garantirmos o brincar livre, genuíno e espontâneo de qualidade.

Esse é nosso convite para o estudo deste mês!





A GÊNESE DA INICIATIVA NO BRINCAR DOS BEBÊS

Você já parou para observar as iniciativas dos bebês e das crianças nos momentos de brincadeira livre? Quais são essas iniciativas? Quando se inicia o brincar?

Nos primeiros três meses de vida, o bebê está focado nas sensações e impressões que são transmitidas ao seu corpo, por meio da relação com o meio e do contato com as(os) adultas(os). As sensações táteis causadas, por exemplo, pelo toque da(o) adulta(o), pelo tecido da roupa, temperatura da água; as sensações auditivas causadas pelo tom da voz, pelos sons do ambiente, dos batimentos cardíacos; as sensações visuais como o rosto das(os) adultas(os), o peito da mãe na amamentação e sua própria mão que passa, aleatoriamente, diante de seus olhos; são suas principais fontes de impressões.

Conforme o bebê cresce, a partir do terceiro/quarto mês de vida, percebemos que permanece mais tempo acordado e suas intenções de comunicação e interação com o próprio corpo, com os objetos e com as pessoas ao seu redor são bastante evidentes. Por isso, quando o bebê está livre, deitado de costas numa superfície firme, pode se movimentar com estabilidade, experimentando as possibilidades de ação com seu próprio corpo, movendo cabeça, braços e pernas e, ainda, a partir de sua própria iniciativa, seguir com a visão os movimentos de pessoas, objetos e de suas próprias mãos.

A primeira atividade principal do bebê é olhar. Ou seja, o primeiro movimento que o bebê faz com autonomia é o dos olhos. Sua intenção e iniciativa de virar os olhos para identificar, por exemplo, de onde vem determinado som expressa o seu **querer** e sua capacidade de **escolher** o que vai olhar. E é a atividade do olhar que sustenta a **atenção**.



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

Olhando o entorno, vai exercitando a musculatura ocular e, gradativamente, com a movimentação livre de seus braços e pernas, começa a ter controle do movimento de suas próprias mãos. A princípio, elas passam, casualmente, diante de seus olhos. O bebê ainda não “sabe” que suas mãos lhe pertencem. Quando as descobre, passa longos períodos observando-as, movendo seus dedos, abrindo-as e fechando-as, unindo-as, até aprender a coordenar os movimentos dos olhos, braços, mãos e dedos, preparando-se para a posterior manipulação dos objetos.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Muitas vezes, observamos bebês repetindo a mesma ação com os objetos e/ou com seu próprio corpo e não entendemos o porquê. Que prazer é esse que a repetição da ação promove? Quando será que os bebês começam a brincar?

Quando o bebê repete intencionalmente uma ação, dizemos que ele começou a brincar. Ou seja, repetir uma ação significa que o bebê integrou dentro de si a sua própria ação. Isso é brincar!

Imagine a cena descrita a seguir:

Tyler está no chão com um quebra-cabeça simples de um lado e alguns recipientes de plástico de outro. Perto dele está Kevin, que se estende até o quebra-cabeça e remove duas das peças. Tyler tenta agarrar a tábua de apoio de quebra-cabeça e derruba tudo. As peças se batem umas nas outras quando caem no tapete, o que faz Tyler sorrir. Kevin olha para o quebra-cabeça e depois para Tyler. Tyler pega uma peça da mão de Kevin, que parece surpreso. Então Tyler pega outra peça do chão e junta as duas com as mãos, batendo uma na outra. Ele derruba as duas, e Kevin as junta do chão. Tyler pega os pequenos recipientes de plástico e caminha até um estradinho baixo, no qual sobe. Ele levanta as mãos para cima, senta-se rapidamente e começa a brincar com os copinhos. Primeiro, ele pega o menor, bate com ele levemente no chão de madeira do estrado e aproxima a cabeça pra ouvir o ruído. Enquanto isso os dedos dele já estão apalpando o segundo copinho - sentindo o material, testando as bordas - e então ele abandona o primeiro. Ele também bate com esse segundo recipiente na madeira e, depois, o larga no chão ao lado do primeiro. Ele pega cada um dos potinhos e faz a mesma coisa. Depois de pegar o último, ele se posiciona no final da fila de recipientes que formou e parece satisfeito. Por fim, junta todos os recipientes e organiza da forma como estavam antes, abandonando-os no chão delicadamente.

(GONZALEZ-MENA; EYER. 2014, p. 71)

Agora, pense em seu dia a dia com os bebês e crianças no CEI/CEMEI:

Você tem considerado, em sua prática cotidiana, como e onde os bebês e as crianças preferem brincar, com quais tipos de materiais e o que buscam quando brincam, respeitando seus ritmos e interesses?

Um ponto importante a ser considerado, a partir da perspectiva do bebê, é que a(o) professora(or) conheça as categorias do brincar, ou seja, como o brincar vai se constituindo, de acordo com o desenvolvimento do bebê, para que possa organizar o espaço, escolher e selecionar quais materialidades irá disponibilizar.

A brincadeira que nasce da própria iniciativa, do desejo e da intenção do bebê é o que chamamos de **Brincar Livre**. Nela, os bebês tem opções de seguirem seus próprios interesses, não estão sob controle e direcionamento das(os) adultas(os) e nem precisam chegar a resultados específicos. Isso os permite criar seus objetivos próprios e “projetos de brincar” autorais, o que, invariavelmente, contribuirá para a construção da autonomia, o desenvolvimento da atenção e da concentração, pois interesses e necessidades estão sendo respeitados(as) e validados(as) nesse brincar.

Se acompanharmos as ações de brincar dos bebês veremos que, depois de descobrirem suas mãos, começarão a querer alcançar e tocar os objetos. Usarão as duas mãos para explorá-los, depois os passarão de uma mão a outra de forma bastante controlada, sem deixá-los cair. Aprenderão que sua ação provoca efeitos nos objetos, por isso, experimentarão batê-los contra o chão, balançá-los no ar, empurrá-los e, então, passarão a colocar em relação dois objetos simultaneamente. Ações como encaixar, colocando um objeto dentro de outro ou vários objetos menores dentro de um maior são muito comuns.

Para favorecer essas ações precisamos olhar para como a sala de referência está organizada. Pensando na sua sala referência, que materialidades e objetos estão acessíveis e ao alcance dos bebês e das crianças?

Como você, professora(or), pode organizar sua sala referência, de modo que os bebês e as crianças se sintam motivados(as) a escolherem as materialidades, objetos e brincadeiras que desejam?

Como você pode tornar as materialidades e objetos que não estão tão acessíveis, mais próximos dos bebês e das crianças?



PARA SABER MAIS:

Leia o texto: [Deixe o bebê também brincar por si mesmo](#), de Anna Tardos, tradução de Patrícia Gimael, entrevista ao jornal neozelandês “The first Years”, em 2012.



Agora, observe a imagem:



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

Você, professora(or), considera que o ambiente da imagem, favorece que bebês e crianças possam seguir seus interesses e brincarem?

Quando pensamos na organização dos espaços de brincar é importante considerarmos que seja seguro, previsível, estável, organizado, assim como um espaço de liberdade em que a autonomia para explorar as possibilidades de atuação, neste ambiente, seja garantida.

Na sua sala de referência, é possível incentivar que bebês e crianças escolham suas brincadeiras, seus brinquedos e materiais/materialidades?

Refleta sobre isso!



PARA SABER MAIS:

Assista ao vídeo: Brincar Livre: uma introdução de Valéria Pasetchny, produzido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo



AS CATEGORIAS DO BRINCAR

“Buscar as origens do brincar livre requer a aceitação de que, ao nascer, o bebê já é autônomo. É essa autonomia que lhe permite responder aos estímulos do meio a partir de reflexos. Mesmo de forma descoordenada, a resposta a esses estímulos é a principal prova de que o bebê é capaz logo no início da vida. E a autonomia se aprimora continuamente quando o bebê ocupa-se daquilo que lhe é próprio.” (COSTA, 2020, p. 93)

Qual a nossa concepção sobre bebês? Refletir sobre esta questão é fundamental, pois a resposta se articula com as práticas pedagógicas que organizamos. Planejar partindo da premissa de que os bebês são seres autônomos desde o nascimento, nos leva a prever momentos para o brincar livre.

Essa competência para brincar nos é revelada desde que o bebê descobre suas mãos e passa um longo período brincando com elas. Depois, começa a dar sinais de querer alcançar os objetos de seu entorno. Isso, normalmente, acontece por volta dos três/quatro meses e é, nesse momento, que vamos oferecer-lhe os primeiros objetos para manipulação. Paninhos, chocalhos transparentes, argolas de madeira, bichinhos, forminhas e outros objetos leves e que caibam em apenas uma das mãos do bebê são os mais recomendáveis.

Nessa fase, sua possibilidade de interação se amplia iniciando um processo de relação mais elaborada com os objetos. Ações como esfregá-los sobre a superfície, levá-los à boca, batê-los contra o chão, sacudir, bate um contra o outro, passá-los na pele permitem ao bebê diferentes possibilidades de **exploração**.



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

Ao manipular os objetos, os bebês percebem suas características e fazem novas descobertas: que os objetos podem rolar para longe deles, como uma bola, por exemplo, e que eles podem ir buscá-la; que podem cair, mas que podem segurá-los novamente e também descobrem que é possível coloca-los um dentro do outro e, até mesmo, vários dentro de um outro, como um pote, uma bacia ou outro recipiente. Exercitam, assim, a sua capacidade de **encaixar**, inclusive o próprio corpo.

Depois começam a **coletar** objetos. Nesse processo de exploração, com tempo e liberdade para brincar, o bebê começa a escolher objetos e passa a recolher os que estão no seu campo de visão. Depois, ao identificar semelhanças, realiza mais buscas no espaço onde brinca, escolhe-os de acordo com critérios estabelecidos por si mesmo e passa a colecionar os objetos similares. E assim, vai construindo a percepção de que esses objetos podem ser seus. Nessa fase, de **coleccionar**, podemos oferecer materiais de uso doméstico como potes, tampas, bacias.



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

Outras ações, como empilhar os objetos, colocá-los um ao lado do outro, juntar e ordenar em série, são observadas no brincar dos bebês. As tentativas de colocá-los em pé um sobre o outro passam também a fazer parte dessa nova fase do brincar, revelando sua capacidade de **construção**.



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

Ao adulto cabe uma observação atenta para conhecer profundamente o bebê e a criança, saber seus interesses e necessidades para criar o espaço de brincar, pensando no que será proposto, planejando tempo, espaço e materiais e, especialmente, ser uma presença afetiva para que o bebê e a criança, abastecidos(as) emocionalmente da(o) adulta(o) de referência possam se entregar ao seu brincar!



UM OLHAR PARA O COTIDIANO: CONDIÇÕES MATERIAIS, ORGANIZACIONAIS E ATITUDINAIS

Para que todo esse aprendizado aconteça, o bebê necessita, primeiramente, de um espaço apropriado para conhecer e apropriar-se de seu próprio corpo que deve estar livre e apoiado em uma base estável e segura, que é o chão limpo, em boas condições físicas. Esse espaço deve estar adequado ao desenvolvimento motor dos bebês, ou seja, bebês que ainda não se deslocam, devem brincar em uma área reservada dos que já se deslocam, justamente, para que ambos estejam em segurança.

Além disso, é primordial que o bebê esteja nutrido emocionalmente da presença afetiva e efetiva da(o) adulta(o) de referência, retomando que já estudamos quanto aos momentos dos cuidados corporais como privilegiados para o fortalecimento do vínculo afetivo.

Os objetos e materiais oferecidos também devem ser pertinentes (com tamanho, peso e materiais próprios para a manipulação dos bebês), promover a autonomia e conectar o bebê e a criança com ele(a) mesmo(a), fazendo-o(a) entrar em relação com as possibilidades de exploração desses materiais sustentando a sua atenção e interesse.

Outro ponto importante a considerar é que o bebê e a criança tenham liberdade na escolha dos objetos e que estes estejam acessíveis ao manuseio e escolha. Porém, a escolha dos materiais, brinquedos e objetos nunca deve ser aleatória. A seleção, disposição e organização estética do que se oferece aos bebês deve privilegiar as etapas do desenvolvimento e as categorias do brincar, assim como o conhecimento profundo que as(os) professoras(es) têm sobre as características, peculiaridades e interesses dos bebês e das crianças de seu agrupamento.

Observe as imagens como inspirações para o que tratamos acima!



CEI Zacaria Mauro Faccio Gonçalves
DRE Guaianases

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

A proposta reflexiva deste mês é que possa descrever as ações de brincar de um bebê ou de uma criança de seu agrupamento.

Para isso, planeje e organize um espaço para que bebês e crianças possam brincar livremente, pensando na especificidade de cada faixa etária.

1. Qual a sua intenção ao organizar este espaço com estas materialidades?
2. Escolha um dia, um bebê ou uma criança de seu agrupamento, para observar durante um tempo. Após a sua observação, o que os bebês e as crianças estão aprendendo com a sua escolha e organização?



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas, diretamente, no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**.

Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da(o) cursista e é obrigatória.

Não deixe de acessar e realizar a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema "**Motricidade Livre e o Brincar**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas(os) as(os) professoras(es) estão convidadas(os) a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



Motricidade Livre e o Brincar

31/10/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora(or), desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

OUTUBRO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**

APRESENTAÇÃO

Chegamos ao oitavo mês da **Formação da Cidade**. No material passado, aprofundamos nosso olhar sobre a importância da intencionalidade docente no momento de planejar contextos e vivências que aproximam as crianças da cultura escrita, fomentam interesse na exploração de recursos materiais onde a cultura escrita é explorada em sua função social, reconhecendo o papel fundamental da(o) professora (or) como mediadora(or) entre as crianças e os textos.

Neste mês, vamos refletir sobre as **múltiplas funções do registro** para compreender que, ao escrever, tomamos posse do vivido, entendendo que o registro é o produto final de um processo que inclui a observação, a escuta e a reflexão, os quais subsidiarão o **planejamento de ações** que contemplem as **aprendizagens das crianças**.

As crianças renovam diariamente nosso olhar e nosso compromisso com o mundo, ao mesmo tempo em que renovam a nossa possibilidade de conhecer um mundo novo. É dessa forma que construímos e trocamos aprendizagens: crianças, professoras e professores, trocando olhares, podem construir mundos que talvez ainda não existam, mas que serão possíveis justamente porque enxergamos a potência das crianças.

Como já ressaltado anteriormente, essa formação é comprometida com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral para todos e todas e não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas; é um espaço para provocar questionamentos, pesquisas e possibilidades de transformação da prática, e é isto que continuaremos fazendo agora no mês de setembro.

Nosso convite é olhar para as crianças como elas olham para o mundo, com encantamento e desejo de aprender mais.

Bons olhares!

OBJETIVOS:

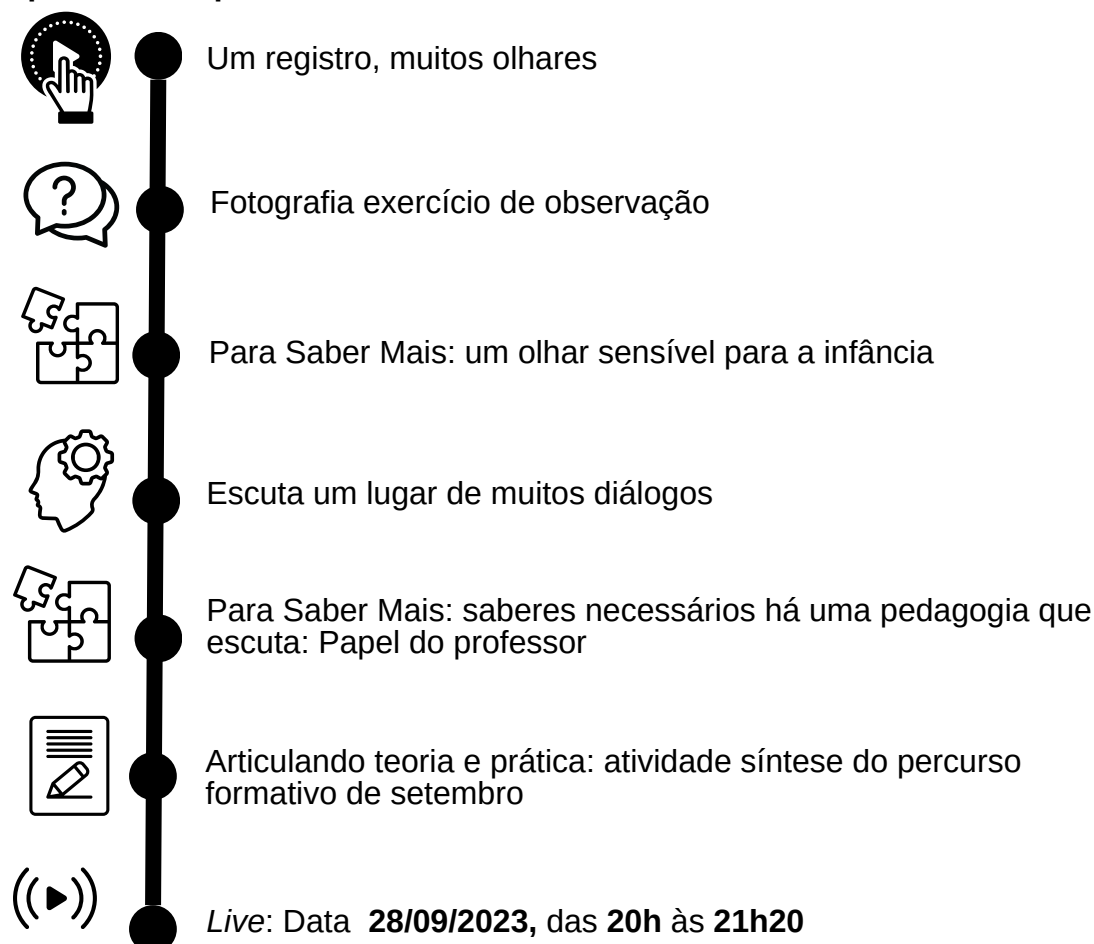
- Refletir sobre as múltiplas funções do registro, considerando a(o) professora (o) como autora(or) e narradora (or) de sua própria prática;
- Indicar algumas possibilidades de diálogo dos registros com a prática.
- potencializar o papel da fotografia como importante linguagem de registro

PERCURSO FORMATIVO

"Os registros se configuram como um caminho possível de construção de memórias e de desenvolvimento profissional, em que a (o) professora (or) é autora e narradora (or) de sua prática" (orientação normativa de registro, 2020, p.20).

Para a construção de registros consistentes e significativos é necessário estar disponível para observar e escutar as crianças. Observar e apoiar as escolhas delas garante uma percepção real das manifestações culturais autênticas que elas realizam; como quando testam construções, experimentam formas de se comunicar, criam brincadeiras ou novos usos para um objeto. O registro nos permite descrever essas ações e compreender como aprendem e participam nos contextos organizados.

Colocar todas as ideias em prática é um exercício que demanda da(o) professora(or) avaliação e planejamento em relação à sua intencionalidade. Observar, escutar, reparar e registrar são competências que, quanto mais exercitadas, permitem um olhar mais apurado e, conseqüentemente, um planejamento mais consistente. Dessa maneira, neste mês faremos o exercício de analisar alguns registros pensando justamente como eles **podem dialogar e aprofundar a prática**.





UM REGISTRO, MUITOS OLHARES

Como os registros escritos e fotográficos podem auxiliar no diálogo com a prática? Que perguntas podem ajudar a pensar sobre o vivido?

Registrar o dia a dia na Educação Infantil é uma aprendizagem cotidiana e também um dos maiores desafios pedagógicos, pois é preciso registrar como se dão as interações, quais são as ações, as reações e as proposições. Estar disponível e **interessado em conhecer as crianças por meio de um olhar atento, curioso e acolhedor.**

"Olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o "real" fora de nós. É tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto e não por acaso o italiano guardare e o francês regarder se traduzem precisamente por "olhar" (BOSI, 1988, p. 78).

A **observação** é um dos **instrumentos** mais potentes para **favorecer o planejamento** da(o) professora (or), ela possibilita compreender como cada criança se comunica se expressa e aprende.

O ato de olhar para o **registro** significa tomá-lo como um **parceiro, instrumento do pensamento**. No exemplo abaixo selecionamos alguns trechos dos registros da Professora Sandra Farina da EMEI Doutor José Augusto Cesar, que mostram seu olhar para os desejos das crianças em tentar escrever com ou sem ajuda da(o) professora(or).

Tenho observado o interesse de algumas crianças da turma em escrever ou participar de situações de registro que envolvem a escrita para nos comunicarmos ou constituirmos memórias de nossos projetos. Procuro envolvê-las de modo que percebam através do meu fazer ou os ajudando em atividades de escrita, que coloquem em jogo seus saberes, como por exemplo, uma das propostas que ocorre depois das assembleias, momento em que escrevemos juntos o convite para o dia da celebração do aniversário das crianças.



EMEI Doutor José Augusto Cesar
Registro Professora Sandra Farina



EMEI Doutor José Augusto Cesar
Registro professora Sandra Farina

À medida que escrevemos juntos, as crianças se interessam ainda mais pela escrita e tenho experimentado com elas os seus diferentes usos.

Uma coisa que tenho feito é a construção de um livro de vivências com as crianças. Toda vez que vamos ampliá-lo, divido as fotos com elas, retomamos, fazemos uma síntese do vivido e imprimo as fotos, colamos e elas ilustram.

E você, que perguntas têm feito na hora de observar seu grupo de crianças nos diferentes momentos do dia? Onde você tem colocado sua lanterna?

O melhor registro é aquele que faz sentido para a (o) professora (or) e, ao mesmo tempo, apoia as crianças a avançarem em suas aprendizagens sobre si e sobre o mundo. Dessa maneira, o registro atua como possibilidade de reflexão e replanejamento.

Ter um foco de observação auxilia muito a preparar o olhar antes das ações com as crianças, no entanto, é importante tomar cuidado para que esses focos não se transformem em tabelas classificatórias, mas que eles de fato auxiliem seu olhar.

uma excelente pergunta é: **como** a criança faz? **como** ela participa? **como** se comunica? **como** se expressa nos desenhos?

Ter um foco de observação é fundamental para que o professor saiba o que observar e onde colocar atenção na hora, por exemplo, de fotografar.



Escrita espontânea
EMEI Professora Cristiane Crude



QUESTÕES REFLEXIVAS

Com quais finalidades você tem organizado e realizado seus registros?

Segundo a orientação normativa de registros, registrar os **processos pedagógicos** por meio de diferentes instrumentos pode servir a diversas finalidades: dar visibilidade ao percurso que está sendo vivido às famílias/responsáveis e à comunidade educativa, além de evidenciar como as crianças estão aprendendo e se desenvolvendo. Além disso, oportuniza às crianças que revisitem suas experiências, apropriando-se e refletindo sobre si, de modo que se reconheçam e valorizem suas próprias produções e percursos

Com que frequência você tem organizado e oportunizado a participação das crianças na elaboração dos diferentes registros?

A **participação das crianças na elaboração e curadoria dos diferentes registros** precisa ser uma **prática cotidiana**. Alguns exemplos: escrever os títulos dos livros que já leram, escolher e registrar os livros que serão lidos na semana, fazer um bilhete para o pessoal da cozinha, anotar uma curiosidade sobre algo que estejam pesquisando, contribuir na escolha do que será exposto, dentre tantas outras possibilidades.

Há **inúmeras linguagens que podem ser utilizadas como forma de registro e acompanhamento dos processos de aprendizagens das crianças**, como, por exemplo, desenho, pintura, colagem, fotografia, vídeo, entre outras possibilidades. Neste material, traremos como exemplo os registros fotográficos. Fotografar é captar uma imagem a partir de um olhar. Cada um escolhe o que é, para si, significativo de ser guardado. É necessário, portanto, **educar o olhar** e fazer um distanciamento entre o uso da fotografia no cotidiano e como ferramenta da prática docente, reconhecendo-a como um meio, um elemento que nos permite problematizar e pensar em ações futuras.

Para além do registro escrito, como você tem utilizado outras linguagens como apoio de memória e reflexão?

Pensar nos registros é colocar em ação os diferentes recursos disponíveis. Neste sentido, o apoio das fotografias é enriquecedor, especialmente se as entendemos como portadoras de histórias a contar, de memórias vividas. Por isso, vale a pena incluir as crianças no processo de registro fotográfico, o que possibilita utilizá-los como disparadores de boas conversas, como no exemplo da Professora Sandra.

É preciso ensinar o olhar, ter uma intenção ao realizar um registro fotográfico, pois não é possível fotografar todas as experiências das crianças. Cabe à(o) professora(or) observar os momentos e escolher aquele que considera ter um sentido para o percurso vivido pelas crianças, sendo revelador de suas vivências e aprendizagens - ter foco. A partir disso, a(o) professora(or) irá elaborar um planejamento colaborativo que seja significativo para as crianças, trazendo-as como participantes deste processo

Não há necessidade de registrar tudo o que acontece no entorno das vivências; é preciso fazer o recorte e selecionar, de todo o vivido, aquilo que produziu algum sentido, "o que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo" (PILLAR, 2009, p. 13).

Registrar as experiências das crianças por meio da fotografia é tão importante quanto escrever sobre elas no dia do planejamento. **As imagens são carregadas** de informações, detalhes, que não aparecem aos olhos de quem apenas as visualiza. Garantir que as crianças também façam seus próprios registros pela linguagem fotográfica pode ser um importante exercício, especialmente para narrar o processo por meio de diferentes olhares, o da professora(or) e o das crianças. As fotografias, quando acompanhadas de uma pauta de registro, trazem dimensões do ocorrido que ampliam e se somam à escrita. É outra forma de memória, que precisa de intencionalidade e planejamento por parte de quem a utiliza.



fonte: <https://mostra.gife.org.br/project/territorios-do-brincar>

Aprecie essa imagem do documentário "Territórios do brincar", produzido pelos documentaristas Renata Meireles e David Reeks, e observe quais são as informações, ações das crianças, olhares, expressões, e como é possível até imaginar os sentimentos envolvidos nesta brincadeira.

As fotografias guardam dados que são preciosos. Seria muito difícil lembrar-se de tudo o que aconteceu nos momentos de brincadeiras e experiências das crianças, uma vez que acontecem situações com muitos detalhes que passam despercebidos ou acabam sendo esquecidos, difíceis de serem registrados por meio da escrita no momento em que ocorre.



PARA SABER MAIS:

O professor André Carrieri traz um delicado olhar sobre os registros fotográficos no vídeo: **"Ateliê de fotografia; um olhar sensível para a infância"**.





ESCUITA - O LUGAR DE MUITOS DIÁLOGOS



*Quem teria inventado o nosso ponto de
interrogação?*

Ele já tem a forma de uma orelha que escuta?

Mário Quintana

Escutar as crianças não significa fazer todas as suas vontades, mas reconhecer que elas tem saberes, sentimentos e acima de tudo algo a dizer. Escutar as crianças é considerar, observar e validar o que as crianças pensam e sabem sobre o mundo, de modo que favoreça sua autonomia. Escutar as crianças é reconhecer seu protagonismo e como pessoa de direitos.

Neste sentido, essa escuta ocorre não só verbalmente, mas também as observando nas interações e ações, elaborando boas perguntas, que demonstram de fato interesse pelas ações das crianças.

- O que costumam fazer?
- Como fazem ?
- O que falam?
- Como participam?

“(...) escutam os bebês e as crianças quando os observamos, quando registramos o que vamos aprendendo com eles e sobre eles, isto é, escutam os bebês e as crianças quando buscamos entender as suas particularidades, conversando com eles e com suas famílias/ responsáveis. Escutam os pequenos quando consideramos as suas iniciativas, quando os acolhemos e respeitamos os seus sentimentos (os bebês e as crianças que chegam tristes, os que chegam chorando e também os que chegam alegres, curiosos, os mais calados e os “perguntadeiros”). Também “damos colo” para quem precisa e espaço para crescer para quem chega sem nenhuma aparente demanda. A escuta também se concretiza quando chamamos bebês e crianças a participar de seus cuidados e da vida diária na UE. A escuta acontece sempre que as(os) professoras(es) fazem boas perguntas para os bebês e as crianças e esperam alguma manifestação deles.” (São Paulo, 2019, p.74)

Contudo escutar as crianças é um importante exercício de silenciamento, com o intuito não de constatar e de verificar, mas, acima de tudo, de desdobrar outras possibilidades.



PARA SABER MAIS:

A pesquisadora Bruna Ribeiro em seu livro *Pedagogia*, no texto **"Saberes necessários à uma pedagogia que escuta: papel do adulto"**, traz 10 importantes princípios sobre a escuta do professor



ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Sons de uma floresta

"A floresta é a Coberta da terra"

Tribo Ticuna

Com um olhar diferenciado para o acolhimento este ano, pensei em enviesar a acolhida das crianças ao grupo 4 no espaço da nossa floresta, pois ela vem carregada de significados nesta escola desde o G1.

É nesta 'floresta' que as crianças ainda bem pequenas procuravam o lobo, é a floresta de aventuras, de segredos, de descobertas. É um espaço de sentimentos de nossa escola!

Tinha o desejo de fazer de nossa a nossa acolhida, para esse "frio" que assola os primeiros dias de adaptação, e que com o calor do vínculo formado fosse também espaço de descoberta e contudo, amparei-me no espaço físico de nossa floresta para iniciar nossas primeiras atividades coletivas.

Tentei listar quais eram os possíveis sentimentos presentes nesta cobertura de chegada.



Pensando em todos os sentimentos envolvidos neste período de acolhida, apoie-me nos cenários em que as florestas aparecem na literatura e planejei algumas atividades de casinha neste espaço.

As situações de cuidados até foram representadas ali pelas crianças que despertadas pelo cenário montado, cuidavam dos bebês e por meio de suas brincadeiras de casinha, dos inúmeros, "finge que eu era", envolviam-se num abrigo acolhedor e protetor.

Todavia, notei que as crianças queriam "barulhar", buscavam a produção do som, seja na batida da colher na panela, no chacoalhar da areia numa vasilha ou da batida das folhas nos potes e passei a botar reparo nisto. Eu tinha pensado na casinha, mas o silêncio do nosso espaço da floresta despertou nas crianças uma pesquisa dos sons que eram possíveis ser feitos com aqueles objetos.

Muitas vezes as crianças não os faziam porque tinham esta intenção, mas na brincadeira descobriram os sons.

Assim como as crianças, nós professoras estávamos abertas para tocar e sermos tocadas por aquela música produzida, então repensamos os cenários para auxiliar as crianças nesta pesquisa, nosso primeiro contexto serviu para fazer de fato uma escuta de quais eram realmente as pesquisas das crianças. "Essa é sua bateria e essa aqui é minha, uma bateria nas árvores", "Olha só o meu som!", "Eu descobri uma coisa: cada regador tem um som"

Ao invés de enfrentar os ruídos, os acolhemos!

Afinal, qual era a pergunta das crianças, o que estavam investigando?

O que buscavam enquanto barulhavam?

Qual é a nossa pergunta quando falamos de som?

E porque não os levar a brincar através da música, que carrega o som, o silêncio e o ruído como seus movimentados brinquedos?

Arquivo pessoal Lucila Almeida

A observação, a escuta e os registros são fundamentais para que possamos também rever os nossos planejamentos iniciais e muitas vezes abrir mão do que havíamos pensado para de verdade, potencializar aquilo que as crianças querem pesquisar sobre si, as coisas e sobre o mundo.

No registro ao lado podemos acompanhar o olhar de uma professora que, muito bem intencionada, planejou um cenário de brincadeira e, durante a observação das crianças, percebeu que poderia trilhar outros caminhos, indo de encontro com o olhar curioso do grupo de crianças, e você quantas vezes mudou o percurso a partir das escutas das crianças?, como tem validado o que as crianças trazem e transformado em projetos de pesquisa com o grupo?

Neste material tratamos de aspectos fundamentais da prática pedagógica do professor: observação e escuta; reflexão sobre a prática; participação das crianças na constituição de registros; fotografia. Também pontuamos que, a observação e escuta das crianças em suas vivências organizadas em registros apoiam e direcionam a ação da(o) professora(r) por meio de seu planejamento – lembrando também a importância de considerar a participação das crianças no cotidiano, de modo que possam revisitar e se apropriar de suas experiências. Destacamos, ainda, o uso da linguagem fotográfica por todos os autores dessa cena: professores e crianças.

Neste mês, você é convidada(o) a planejar uma brincadeira/ cenário de faz de conta com as crianças, em seguida escolha duas crianças para observar. Preste atenção:

- o que as crianças fazem?
- o que escolheram e como utilizaram os materiais?
- quais os movimentos observados?
- descreva todas as suas ações.

O que você descobriu ou reafirmou da sua escuta depois dessa observação?

Registre sua resposta no SGA.



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas diretamente no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**. Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da/o cursista e é obrigatória. Não deixe de acessar e responder a atividade até o último dia deste mês.

LIVE

A *live* deste mês tem como tema: "**Observação escuta e registro a descolonização do olhar e as práticas do registro**". Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas as professoras estão convidadas a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



" Observação, escuta e registro: a descolonização do olhar e as práticas do registro"

28/09/2023 - 20h



Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora/or, desempenha com bebês e crianças pequenas na cidade de São Paulo.

Boas leituras e bons registros





EDUCAÇÃO INFANTIL

NOVEMBRO

TURMA:

**A Educação Infantil de 0 a 3 anos
nos espaços coletivos de Educação
na cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas(os) educadoras(es),

Chegamos ao nono e último mês da **Formação da Cidade**. Em outubro, refletimos sobre o brincar. Conhecemos as categorias do brincar e compreendemos como se dá a gênese da iniciativa dos bebês a partir da sua vontade, desejo e atividade autônoma para brincar livre e genuinamente. Estudamos também sobre alguns aspectos essenciais referentes às condições adequadas em relação à organização do tempo, do espaço e de materialidades para o brincar dos bebês.

Neste último mês, nosso foco de estudo será a motricidade livre. Compreender que a motricidade é construída pelo próprio bebê quando este pode se desenvolver em condições adequadas para a expressão do movimento livre (FALK, 2021), nos ajudará a observar e apoiar a construção do movimento autônomo pelo bebê. Refletiremos também sobre como os aspectos motores, afetivos e cognitivos estão intimamente entrelaçados no desenvolvimento dos bebês e crianças e qual o papel do(a) adulto(a) para oportunizar experiências significativas.

O percurso da **Formação da Cidade** chegou ao fim e teve como intenção provocar a curiosidade e o desejo das(os) professoras(es) para que se aprofundem nos estudos sobre as especificidades da docência com bebês e crianças pequenas. Sem padronizar práticas, buscamos compreender as dimensões de qualidade que compõem o atendimento da primeiríssima infância. Assim, provocar ações intencionais e ressignificar a atitude adulta na relação com os bebês e as crianças, contemplam os princípios de uma educação antirracista, não xenofóbica, inclusiva, equânime e integral, defendida no Currículo da Cidade.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

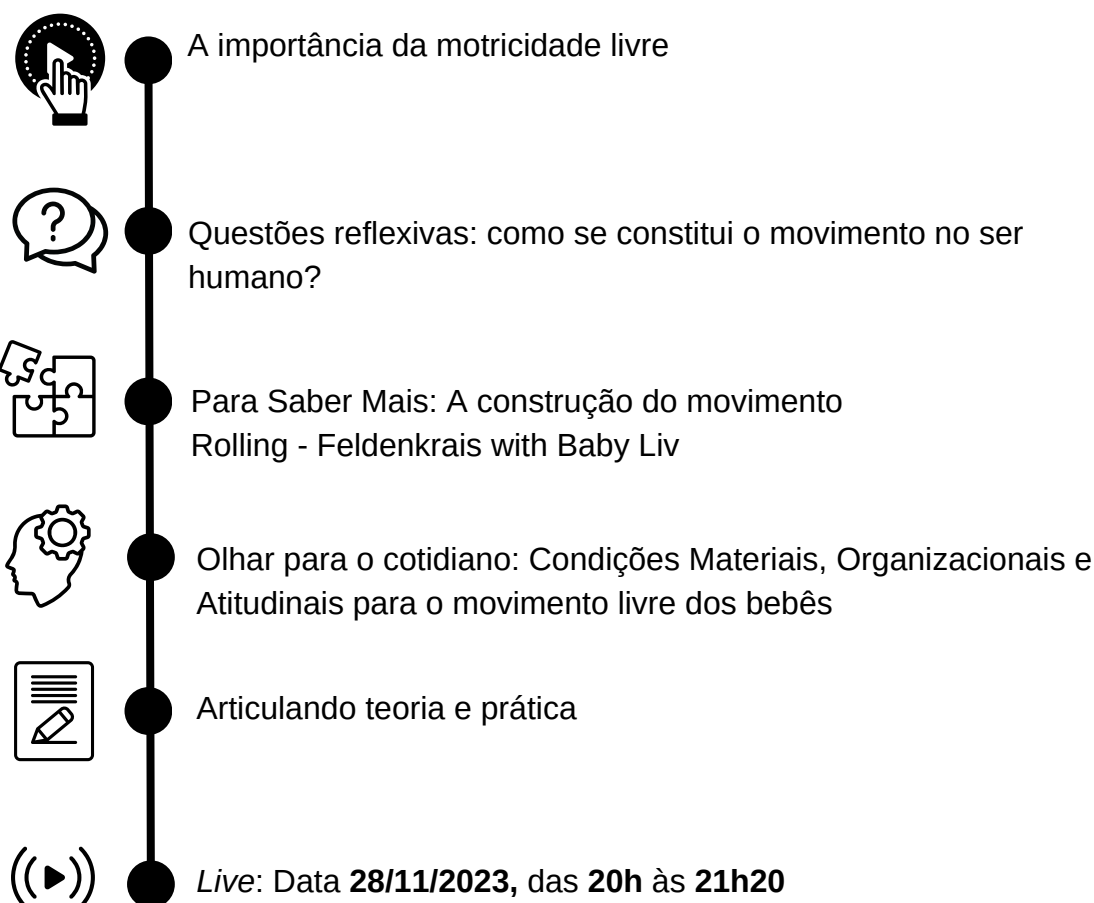
- Reconhecer a importância da atividade autônoma do bebê ao construir sua motricidade;
- Compreender a inter-relação entre aspectos motores, afetivos e cognitivos enquanto estruturantes do desenvolvimento integral;
- Refletir sobre as condições adequadas em relação à organização do tempo, do espaço e das materialidades para o movimento livre dos bebês.

PERCURSO FORMATIVO

No percurso deste mês vamos estudar como o bebê constrói sua própria motricidade. Para isso, será preciso ressignificar o conceito de que a(o) professora(or) “ensina” o bebê a sentar, engatinhar ou andar. Partimos do princípio da atividade autônoma como propulsora das aprendizagens e vamos compreender que, a partir das experiências que tem ao longo da vida, a motricidade é construída.

Os gestos, os movimentos, as posturas, as posições intermediárias, as transições e os deslocamentos são impulsionados pelo desejo do bebê de atuar no mundo e se relacionar com as pessoas e os objetos a sua volta. Por isso, ao brincar livremente com o seu corpo, com o adulto e com os objetos constrói sua motricidade, experimenta posturas e desenvolve, concomitantemente, os aspectos motores, afetivos e cognitivos.

Vamos, assim, finalizar nossos estudos compreendendo a importância do movimento livre para o desenvolvimento integral e saudável dos bebês e crianças pequenas dos CEIs.





A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE LIVRE

Você sabia que desde a vida intrauterina toda experiência do bebê passa pelo corpo? Que o bebê tem necessidade de movimentar-se e agir para que, por meio da sua corporeidade, possa se expressar? Saiba que é pelo movimento do seu próprio corpo que o bebê humano manifesta seu desejo de existir no mundo e agir sobre ele, por isso, a importância da **motricidade livre** para o seu desenvolvimento saudável e integral.

Emmi Pikler (1902-1984), médica pediatra húngara, que desenvolveu uma pedagogia para a educação de bebês nos ensina que o desenvolvimento motor acontece de modo espontâneo no ser humano e que é a **atividade autônoma**, ou seja, a capacidade de mover-se por conta própria que propiciará esse desenvolvimento e aprendizado. (FALK, 2021)

Isso significa que o(a) adulto(a) não “ensina” motricidade, mas favorece que cada bebê construa a sua, a partir das oportunidades que lhes são oferecidas de movimentarem-se livremente e, assim, conhecerem seu próprio corpo, suas habilidades, capacidades e potencialidades.

Em seu livro, *Mover-se em Liberdade* (1969), Emmi Pikler mostrou que, quando os bebês estão em boas condições de saúde física e psíquica e podem mover-se com liberdade, passarão por todas as etapas de construção da sua motricidade sem que seja preciso adiantarmos fases ou estimulá-los, colocando-os em posições que não tenham conquistado por si mesmos. (SOARES, 2017)

Um exemplo prático da construção da motricidade foi observado e registrado por Emmi Pikler ao acompanhar o desenvolvimento motor de sua filha Anna Tardos. Anna teve o privilégio de poder explorar, descobrir seu corpo e suas potencialidades, sem a interferência do adulto:

Deitada de costas, a partir desta posição a pequena Ana adquiriu aos poucos seus movimentos: virando de lado, brincando com as mãos, virando de bruços, virando de volta para as costas, levantando as perninhas, brincando cada vez mais de bruços e levantando a cabeça e o corpo com os braços, arrastando-se de bruços, rolando, depois dobrando o joelho e ficando na posição de engatinhar, experimentando posições meio sentadas, engatinhando, subindo e descendo degraus, ficando de joelhos, erguendo-se segurando, andando de quatro (o andar de urso) , levantando-se sem apoio no meio da sala dando os primeiros passos, andando com segurança. (IGNACIO, 2019, p. 35)



CEMEI IRAPARÁ

Observar todas as fases de construção do movimento é importante para que a(o) professora(or) reconheça as potencialidades, as conquistas e os desafios de bebês e crianças. É compreender e atestar que existem **posturas intermediárias**, entre uma posição e outra, que são estruturantes para a estabilidade, o equilíbrio e a harmonia de uma determinada postura.

Por exemplo, existem várias formas do bebê estar semissentado antes de sentar-se e é por essas experimentações e explorações, de posições intermediárias ou de transição, que encontrará o equilíbrio, a força e o tônus necessários para ajustar-se na posição. **É o movimento, a cognição e a emoção envolvidos em uma ação.**

O corpo do bebê

**É ferramenta potente do brincar.
O corpo imprime na experiência todo interesse:**

**Desloca, coloca.
Agacha, encaixa.
Sobe, sempre que pode.
dança, balança.
Engatinha, caminha.
Corre, só(corre).**

Manuseia, com vontade que nunca escasseia.

**O corpo do bebê expressa, sem pressa:
Cognição, conexão.
Habilidades, inúmeras possibilidades,
De interesse,
De ritmo,
De movimento,
E de uso do tempo.**



Silva, W. D. P da. **Escuta e Movimento: tornando visíveis as comunicações da primeira infância.** Guarulhos, SP: Aroeira Berçário e Educação Infantil, 2020.

Quando nos referimos à **Motricidade Livre** estamos dizendo sobre proporcionar que o bebê vivencie, livremente e suficientemente, quantas vezes lhe forem necessárias, o exercício dos movimentos do seu próprio corpo.





QUESTÕES REFLEXIVAS

Partindo do princípio, de que o bebê autônomo é competente para construir sua verticalidade, pense em seu cotidiano com os bebês e crianças do CEI / da CEMEI:

O que eles **podem fazer** com seus próprios corpos? Podem movimentar-se livremente pelo espaço? Podem exercer toda sua atividade autônoma encontrando posturas e posições que lhe são confortáveis e agradáveis? Podem se deslocar à sua maneira? Podem pegar os objetos que lhe agradam? Esses objetos estão acessíveis?

Para conquistar o controle do seu próprio corpo e de seus movimentos e ampliar as possibilidades de se expressar, de se comunicar e de interagir como um ser no mundo, o bebê precisa estar livre. Tomando como referência o *Indicador 3.2 - Bebês e crianças vivendo experiências com o próprio corpo*, reflita sobre a seguinte questão:

3.2.2 A Unidade Educacional promove espaços e tempos para o brincar, onde os bebês e as crianças possam vivenciar corporalmente as infinitas possibilidades de movimento?

Quando um bebê e/ou uma criança estão livres brincando no chão podem, a partir da posição deitada de barriga para cima, experimentar e sentir os pontos de apoio que estão em contato com o chão, encontram a força necessária no abdômen para levantar as pernas, o impulso adequado para virarem de lado, a intensidade dos movimentos dos braços, mãos, pernas e pés ao movê-los, percebem o equilíbrio, vivenciam sensações diversas e emoções. Isso vai lhes dando, acima de tudo, um sentimento de competência e autonomia necessário para que o aprendizado aconteça.

Baseando-se no *Indicador 3.1 - Bebês e crianças construindo sua autonomia*, avalie:

3.1.2 As educadoras e os educadores cotidianamente destinam momentos, organizam o espaço e disponibilizam materiais para que os bebês e as crianças vivenciem desafios corporais?

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2016)

No vídeo abaixo, vamos compreender um pouco mais o conceito de Motricidade Livre.



PARA SABER MAIS:

[Assista ao vídeo Motricidade Livre: uma introdução de Leila Oliveira produzido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo](#)





CEI JARDIM MONTE AZUL

Bebês e crianças sentem vontade de se movimentar desde seu nascimento. São sujeitos de ação, não de reação, que vivem sua motricidade não só para se movimentar ou deslocar-se, mas para existir, descobrir, conhecer, compreender, comunicar e aprender, ou seja, para ser e pensar. É o movimento que apoia o pensamento e está integrado às emoções.

Agora, vamos refletir:

Imaginemos que com esta vontade de se movimentar, na maioria das vezes a criança está aprisionada numa cadeirinha meio curva, num andador, ou no colo da mãe ou educadora! Não podemos calcular o prejuízo que estamos causando ao bebê! Este prejuízo não ocorre apenas no sentido de a criança não poder desenvolver a sua musculatura saudavelmente, mas atinge também de forma muito sutil a formação de seu cérebro, pois este molda-se pela influência dos movimentos volitivos, que a criança executa nos primeiros três anos de vida, e o que é mais grave: a criança é impedida de desenvolver a sua força de vontade. O seu corpo torna-se para ela um peso e não um instrumento que ela domina e que serve aos seus objetivos. É um peso que puxa para baixo, que desanima.

(IGNACIO, 2019, p. 43)

No próximo vídeo, veremos o quanto o desejo e a determinação sustentam a atividade autônoma da bebê encorajando-a aprender novos movimentos. A perseverança e a alegria com que exercita cada movimento refletem no cuidado com o qual experimenta as posições, revelando o equilíbrio e a harmonia de seus movimentos, assim, como toda a sua potência.

Assista!



PARA SABER MAIS:

Assista ao vídeo no Youtube: [Rolling - Feldenkrais With Baby Liv](#)





O VALOR DA AUTONOMIA

Um espaço organizado para as crianças, pensado a partir das suas experiências (considerando a segurança de bebês e crianças) é fundamental para que elas possam ter autonomia. Sentir-se livre e independente para poder escolher é essencial na construção da autonomia das crianças (SÃO PAULO, 2020, p. 73)

Quando pensamos em **autonomia** do bebê nos deparamos com algumas dúvidas sobre o que isso quer dizer... O que seria ou o que faria um bebê autônomo? Será que esse conceito está relacionado só ao que ele sabe fazer sozinho? Por onde se inicia a construção da autonomia no bebê?

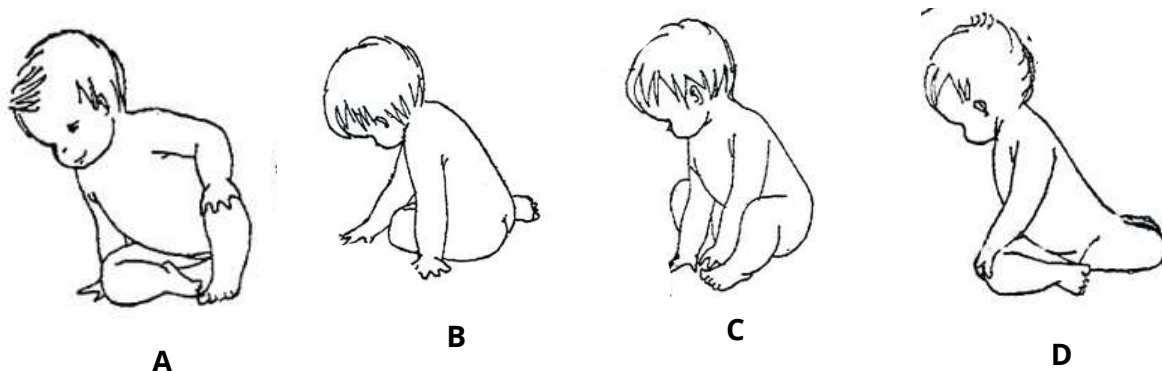
Os estudos da Abordagem Pikler nos trazem reflexões mais profundas em relação ao que significa ter autonomia nos três primeiros anos de vida considerando, especialmente, o valor do movimento livre e da atividade autônoma e sua importância no desenvolvimento de cada bebê ou criança, além do papel que exerce o adulto que o acompanha.

Se entendemos o bebê e a criança como um ser ativo, capaz de se relacionar e de interagir, vamos perceber que a construção da sua autonomia começa desde o nascimento. Porque os bebês e crianças humanas, ainda que dependam dos cuidados e proteção dos adultos para viverem, já nascem buscando contato e atuando no mundo: quando olham ao redor e fixam a atenção em algo que lhes desperta interesse, quando escolhem brincar com suas próprias mãos, quando selecionam um objeto e não outro, isso tudo já são indícios de seus interesses pessoais.

Entendemos, então, que as atividades autônomas (FALK, 2021) são aquelas realizadas pela tomada de decisão do próprio bebê e são sinais que ele nos dá de sua capacidade de escolher por si mesmo ações, posturas, gestos e movimentos.

Quando o adulto permite que a criança tome a iniciativa, estará ajudando no processo de construção dessa autonomia por possibilitar que escolham com o que brincar, o que pegar, como manipular determinado objeto/brinquedo e como variar, por si mesmas, os diversos gestos, movimentos, posturas, posições, deslocamentos e transições que pode ter com seu próprio corpo e na interação com objetos.

Observe os desenhos abaixo com atenção:



Desenhos Klara Papp

RESPOSTAS: 1B; 2D; 3A; 4C

Se fôssemos enumerar em uma provável ordem de posturas, pensando, nas posições espontâneas e harmônicas de um bebê e/ou criança em movimento livre, como você enumeraria?

Lembre-se de que o bebê, ao construir sua motricidade na busca pela verticalidade, irá sair de uma posição em que tem muitos pontos de apoio contra o chão para posturas em que terá menos pontos de apoio em contato com a superfície.

Faça esse exercício reflexivo e dialogue com seus pares!



CEI JARDIM MONTE AZUL



PARA SABER MAIS:

Assista ao vídeo [Motricidade Livre: Posturas e Deslocamentos](#) de Leila Oliveira produzido pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo





UM OLHAR PARA O COTIDIANO: CONDIÇÕES MATERIAIS, ORGANIZACIONAIS E ATITUDINAIS PARA O MOVIMENTO LIVRE

Para que todo o desenvolvimento motor e a construção da motricidade aconteçam algumas condições são necessárias. Além disso, existe um pré-requisito fundamental e que é estruturante para que o aprendizado dos movimentos ocorra de maneira saudável e por iniciativa própria que é: **“nunca devemos colocar a criança numa posição que ela ainda não conquistou por si mesma”** (IGNACIO. 2019, p. 44). Colocamos a criança sentada, sem que ela consiga ficar por si só, e para isso fazemos uso de apoios, calças, etc para mantê-la nesta posição. Estaríamos nós colaborando para a construção da motricidade deste bebê?

Não é aconselhável colocar o bebê e/ou a criança precocemente sentados com apoio de almofadas ou outros objetos. Quando fazemos isso, impedimos que experimentem uma infinidade de posições e movimentos ao exercitarem sua musculatura e fortalecerem sua força de vontade.

Observe esta charge de Tonucci (2003):



(1976) As roupas

Para que bebês e crianças construam sua motricidade é necessário que estejam em um espaço adequado, amplo e preparado para suas explorações motoras. Isso significa estarem sobre um chão firme, com roupas confortáveis e pés, de preferência, descalços.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Sabemos que outro componente essencial para o desenvolvimento motor, saudável, autônomo e integral, é o bebê e a criança estarem amparados afetivamente por uma relação estável com seus adultos(as) de referência. Relação esta que lhe proporciona confiança e segurança por meio do vínculo estabelecido, o que lhe permite sentir autoconfiança, ter perseverança e equilíbrio emocional para conquistar novas posturas.

O que você tem acompanhado e observado em relação à construção dos movimentos dos bebês e crianças de seu agrupamento?

A proposta reflexiva deste mês para a(o) professora(or) do Berçário I é que possa acompanhar e deixar, em alguns dias, um bebê de seu agrupamento de barriga para cima, no chão, com alguns objetos próximos. Por 20 minutos, mais ou menos, observe e descreva o que observou.

Para a(o) professora(or) de Berçário II e Mini Grupos, a proposta é que observe se a organização do espaço favorece que os bebês e as crianças tenham autonomia para se deslocarem na sala referência, e assim possam realizar escolhas em relação aos materiais. Observe e descreva como os bebês e as crianças se deslocam em busca daquilo que lhes interessam ou despertem curiosidades.

Ao ler a sua descrição, o que você compreende como motricidade livre? O que é necessário para que bebês e crianças construam sua motricidade?



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas, diretamente, no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**.

Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da(o) cursista e é obrigatória.

Não deixe de acessar e realizar a atividade até o último dia deste mês.



A *live* deste mês tem como tema "**Motricidade Livre e o Brincar**". Embora a live não compor a carga horária das unidades parceiras, todas(os) as(os) professoras(es) estão convidadas(os) a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



Motricidade Livre e o Brincar

28/11/2023 - 20h



Chegamos ao final de nossa formação! Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para o estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído no seu olhar para a importante atividade que você, professora(or), desempenha com os bebês e crianças na cidade de São Paulo.

Sua opinião é muito importante para nós! Por isso informamos que **é obrigatório o preenchimento do link da avaliação da Formação da Cidade até o dia 30/11/2023**. A avaliação estará na plataforma do SGA/ Google Sala de Aula neste mês de novembro.

Forte abraço!





EDUCAÇÃO INFANTIL

NOVEMBRO

TURMA:

**A organização de contextos de
aprendizagem e desenvolvimento
para crianças de 4 e 5 anos na
cidade de São Paulo**



APRESENTAÇÃO

Prezadas/os educadoras/es,

Chegamos ao nono e último mês da Formação da Cidade. No mês passado você foi convidada(o) a refletir sobre os princípios que orientam sua prática docente. Sobre o conceito de intencionalidade da(o) professora(or) no cotidiano e a organização de proposições que respondam à curiosidade, ao levantamento de hipóteses e às pesquisas das crianças.

Neste mês vamos aprofundar a discussão sobre o assunto trazendo, como foco de discussão, a metodologia de projetos, a escuta, a participação e a pesquisa evidenciando as crianças como sujeito de direitos e protagonistas de suas aprendizagens.

Nosso compromisso é com uma educação antirracista, não xenofóbica, equânime, inclusiva e integral. É importante ressaltar algo já mencionado anteriormente: a **Formação da Cidade** não tem o propósito de padronizar práticas ou oferecer respostas prontas, mas ser um espaço para provocar questionamentos, pesquisas e possibilidades de mudanças de práticas.

Bons estudos!

OBJETIVOS:

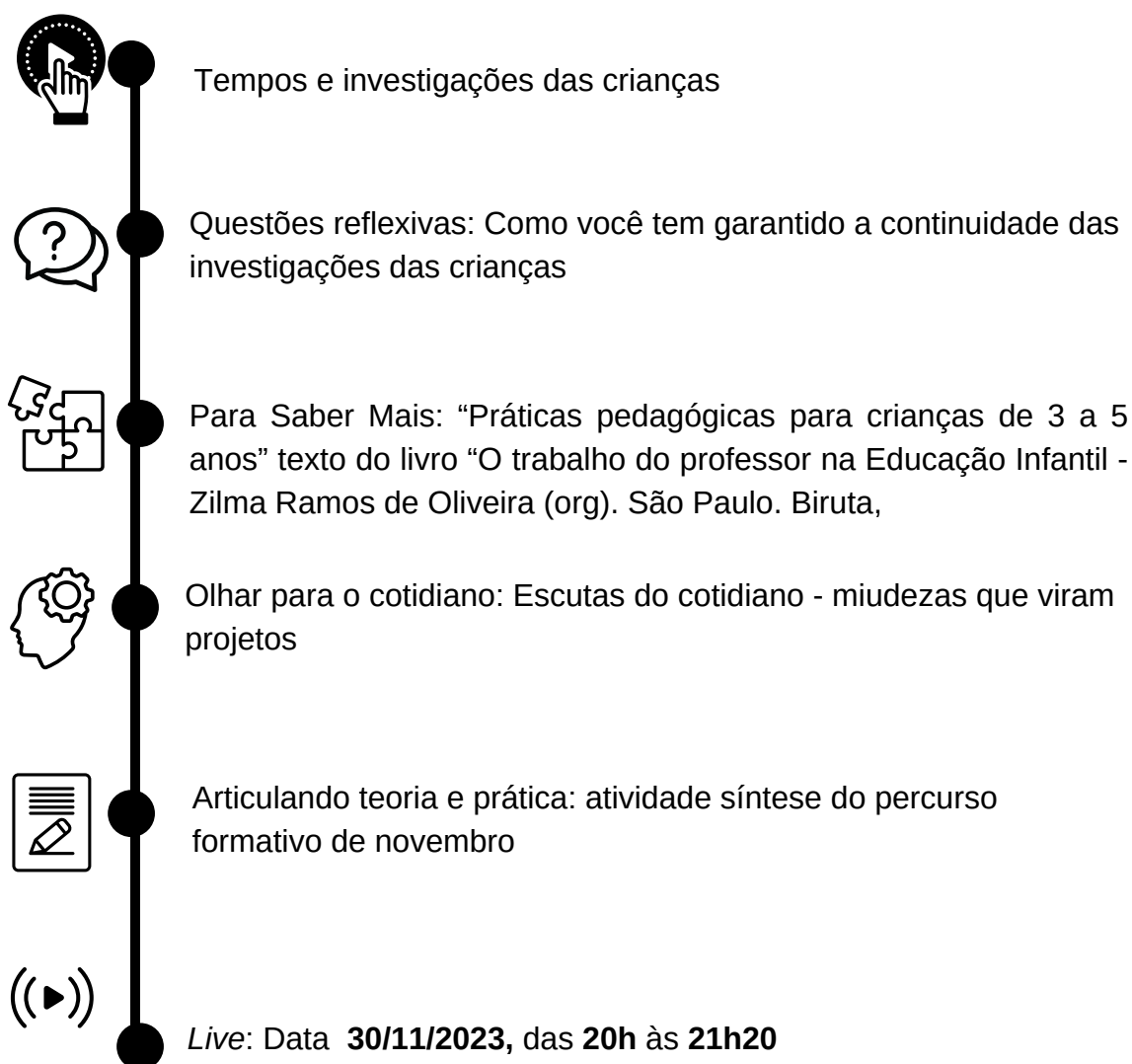
- **Aprofundar o conhecimento acerca da Metodologia de Projetos;**
- **Refletir sobre a relação entre a Intencionalidade Docente e a Metodologia de Projetos.**

PERCURSO FORMATIVO

Neste mês, aprofundaremos nossas reflexões trazendo para a cena a metodologia de projetos na educação infantil.

Para refletir sobre estes aspectos, vamos começar retomando o processo vivido na atividade síntese anterior em que você foi convidada(o) a solicitar a ajuda de sua(eu) coordenadora(or) para efetivar o registro fílmico de sua proposta.

Neste material, queremos trazer para o diálogo a intencionalidade da(o) professora(or) e a organização de projetos, que colaborem com processos investigativos vividos pelas crianças .





TEMPOS E INVESTIGAÇÕES DOS BEBÊS E CRIANÇAS



A persistência da memória (1931), do pintor espanhol Salvador Dali. Pintura a óleo.

Aprecie a obra do artista Salvador Dali e reflita: O que ela nos provoca a pensar sobre o tempo? E sobre o tempo das crianças?

A obra “A persistência da memória” pode nos remeter ao tempo cronológico e/ou nos convidar a imaginar outros tempos. No nosso caso, os tempos das crianças que são diferentes dos tempos dos adultos.

Os relógios derretidos nos convidam a pensar num tempo que não é rígido e tão pouco acelerado, que pode ser revisitado e que também pode ser “continuado”. Por isso a organização dos contextos precisa ser permanentes e sempre qualificada. Sendo um convite a continuidade a ao engajamento.

Cabe o convite para que as(os) professoras(es) reinventem seu profissionalismo, saindo da centralidade da ação e deixando transparente o planejamento, com vistas a garantir a participação das crianças.

Portanto, o tempo não será pautado no relógio, mas nas investigações.

Neste sentido, é necessário assumir que não basta a(o) professora(or) apenas acompanhar as experiências espontâneas e casuais das crianças, mas afinar a escuta para suas investigações, na intenção de fazer boas proposições.



QUESTÕES REFLEXIVAS

Retome a atividade síntese do mês de outubro. Nela foi solicitado que você fizesse um registro audiovisual e depois, ao escrever, pensasse outras perguntas sobre os desdobramentos possíveis. Com essas informações, reflita:

Como costuma acolher as investigações de seu grupo?

Como tem garantido a continuidade destas investigações?

Investigamos diariamente, pois assim é possível buscar estratégias para responder desafios e perguntas colocadas pela turma. Investigar com as crianças é possibilitar que realizem suas próprias descobertas.

O contexto organizado por você pode desencadear projetos, especialmente se as crianças forem encorajadas a desenvolver seus pensamentos, a refletirem sobre sentimentos e valores, a desenvolverem suas potencialidades.

Quando falamos de investigação, na educação infantil, não estamos nos referindo apenas ao ato de buscar informações em livros, mas sim de todo o processo envolvido: explorar fontes de informação, manipular materiais, observar e registrar processos, compartilhar e confrontar hipóteses. Neste sentido, o papel da(o) professora(or) é oportunizar contextos para que isto aconteça e fazer provocações de modo que as crianças possam movimentar suas ideias.

Neste sentido, os projetos podem envolver múltiplas pesquisas, não só as que dizem das ciências naturais, mas também questões relacionadas às ciências sociais.

Contudo, quando o planejamento da(o) professora(or) é pautado na investigação das crianças, o que precisa ser posto em jogo refere-se a:

- como os espaços serão organizados;
- quais, quantos e como os materiais serão disponibilizados;
- quais as possíveis continuidades que as crianças darão;
- quais os tempos previstos no que tange a periodicidade.

A professora precisa conhecer sobre as pesquisas das crianças para contribuir com a ampliação de repertório.

Nestes pequenos vídeos a professora Celise, professora da EMEI Heitor Vila Lobos, mostra a documentação da pesquisa realizada com sua turma.

[Assista os vídeos da professora Celise aqui](#)



ESCUTAS DO COTIDIANO - MIUDEZAS QUE VIRAM PROJETOS

Como um projeto pode começar? Da escuta, a partir dos contextos organizados, dos interesses e necessidades que surgem.

Para emergir o projeto é necessário criar espaço que dê sustentação às perguntas, investigações e teorias infantis.

É sair do centro do planejamento, colocando-se a observar:

- as escolhas infantis dentro dos contextos organizados;
- quais experimentações são feitas;
- quais narrativas aparecem;
- como as crianças interagem com as outras, consigo mesmas e com as materialidades.

Na cena abaixo você pode observar a brincadeira realizada pelas crianças. Reflita sobre as investigações e desdobramentos.

A brincadeira é livre para a criança, mas é intencional para a professora (o).


CENA 1:

Durante a brincadeira no parque, as crianças encontram uma raiz de árvore que está exposta no chão. Os questionamentos entre elas as levam a uma hipótese de que a raiz seja um osso de dinossauro. A curiosidade e a euforia sobre o achado atraem muitas crianças, que se colocam a procurar mais vestígios dos animais pré-históricos. Elas começam a cavar com as mãos na tentativa de conseguir retirar o osso encontrado. Um nó na raiz as leva a acreditar que aquele é mesmo um osso de dinossauro. A professora pergunta: “Mas se é um dinossauro, o que é isso?” e aponta para o nó na raiz. “É a parte que fica dobrada da perna”, responde uma das crianças, e todas concordam com ela. Os desdobramentos a partir da descoberta levam as crianças a pesquisarem com as famílias/responsáveis sobre a alimentação dos dinossauros, os comportamentos, entre outros.

(São Paulo, 2019, p.141)

As crianças buscam respostas para aquilo que vivenciam, que escutam dos adultos e que, por algum motivo, as coloca a pensar mais sobre as coisas, as histórias e o mundo.

Nesta brincadeira, observamos uma(um) professora(or) que acolhe as curiosidades do grupo de crianças, respeita as hipóteses do grupo e aproveita esse ensejo para que as crianças coloquem em ação princípios importantes da investigação como: levantamento de hipóteses, confronto de ideias, observação, registros, etc.



Quando valida essas hipóteses e provoca o grupo a pensar mais sobre a raiz e também sobre os dinossauros, inclusive pesquisando com seus familiares/responsáveis, a(o) professora(or) se torna mediadora(or) do processo de investigação, pois proporciona caminhos e contextos para pensarem mais sobre suas hipóteses, deixando de ter controle total do planejamento, mas permitindo que o grupo de crianças participem de fato.

Neste caso, a(o) professora(or) identificou o tema de interesse e, a partir daí, passou a organizar estratégias e materiais para as crianças pensarem sobre o assunto.

No capítulo 5 do livro “O trabalho do professor na Educação Infantil”, as autoras falam um pouco mais sobre a modalidade organizativa do trabalho com projetos e trazem boas práticas pedagógicas para crianças de 3 a 5 anos, sugestões que podem dialogar com sua escuta dos interesses das crianças. Vale a pena a leitura:



PARA SABER MAIS: Leia o capítulo: **“Práticas pedagógicas para crianças de 3 a 5 anos”** do livro “O trabalho do professor na Educação Infantil - Zilma Ramos de Oliveira (org). São Paulo. Biruta, páginas 193 a 202 -2012




Os registros, as fotografias e as documentações de todo processo serão fundamentais para apoiar o trabalho docente na proposição de outros desdobramentos pautados no diálogo do que as crianças trazem.

Essa documentação quando compartilhada com as crianças e com suas famílias/responsáveis permite que as investigações ultrapassem os muros das unidades.

“... a participação das famílias/responsáveis se constitui numa parceria importante, não somente para terem ciência do que as crianças e bebês fazem na UE, mas também na contribuição com materiais que vão enriquecer o projeto, na interlocução das falas e ações das crianças nos lares e na comunidade, contribuindo assim no planejamento dos caminhos que o projeto poderá trilhar.

(São Paulo, 2019, p.142)



Registrar e compartilhar o que acontece, cotidianamente, com as crianças são ações fundamentais para que elas possam sistematizar as descobertas. Assim como, permitem que as(os) professoras(es) possam refletir, avaliar e reprojeter novas ações.

A documentação abarca três importantes funções:

- A primeira é a função política de criar um diálogo entre a escola, as(os) professoras(es), as famílias/ responsáveis e a comunidade;
- A segunda função diz respeito ao modo como a documentação apoia e sistematiza o acompanhamento da vida das crianças na escola(suas produções, imagens de suas ações, interações sociais e investigações científicas), criando memórias da vida individual e coletiva dos grupos;
- A terceira é a função de constituir material pedagógico para a reflexão sobre o processo educativo (MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p.9-10)

(São Paulo, 2019, p.146)

A maneira com que a(o) professora(or) organiza sua documentação revela o que o grupo de crianças está investigando.

O registro das conversas, dos desenhos e das narrativas, por exemplo, permite que famílias/responsáveis, outros colegas de trabalho e a coordenação pedagógica colaborem com o planejamento para que as crianças vivam experiências significativas dentro da unidade.

ATIVIDADE



ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Considerando os princípios discutidos neste mês (escuta, participação, pesquisa), a(o) convidamos a compartilhar nas paredes da sala, ou em outros locais de sua unidade, os desdobramentos dos contextos propostos por você durante essa formação. Em seguida, observar como as crianças, as(os) familiares/responsáveis e demais parceiras(os) de sua unidade, comentam ao contemplarem e analisarem esse registro.

Essa é uma ação que fica muito potente quando organizada junto com as crianças. Por esta razão, vale a pena pensar que:

- **seqüências de foto revelam mais sobre os processos de pesquisas e descobertas do que uma simples foto posada da turma;**
- **rememorar, com as crianças, os momentos em que realizaram as atividades são uma estratégia que organiza os conceitos aprendidos;**
- **as crianças devem selecionar, contigo, o que vai para o mural e como serão melhor expostas, segundo suas formas de expressão.**

Lembre-se que esse é um excelente momento de produzir um texto oral com destino escrito, ou seja, as crianças produzem oralmente e você atua como escriba do grupo.

Você deve observar sua turma enquanto realiza seu percurso de estudos do mês. Faça um registro reflexivo com ênfase nas observações da sua turma. É possível identificar projetos imergindo, a partir das suas observações?

Insira um registro reflexivo ao final dos seus estudos.



Como dito no último material, a partir do mês de julho, as reflexões da atividade síntese deverão ser realizadas, diretamente, no SGA - Sistema de Gestão de Aprendizagem - no campo específico **Pergunta**.

Lembre-se, a atividade síntese avaliará o percurso formativo da(o) cursista e é obrigatória.

Não deixe de acessar e realizar a atividade até o último dia deste mês.



A *live* deste mês tem como tema: **A resignificação da docência na Educação Infantil**. Apesar da *live* não compor a carga horária das unidades parceiras, todas(os) as(os) professoras(es) estão convidadas(os) a assistirem, sem a necessidade de registrar presença.



A resignificação da docência na Educação Infantil

30/11/2023 - 20h



Chegamos ao final de nossa formação! Esperamos que tenha sido um ciclo proveitoso para estudo e reflexão crítica. Que o percurso tenha contribuído, em seu olhar, para a importante atividade que você, professora(or), desempenha com crianças na cidade de São Paulo.

Sua opinião é muito importante para nós! Por isso informamos que é **obrigatório o preenchimento do link da avaliação da Formação da Cidade até o dia 30/11/2023**. A avaliação estará na plataforma do SGA/ Google Sala de Aula neste mês de novembro.

Avaliação Formação da Cidade - 4 e 5 anos

Um forte abraço e o desejo de boas práticas com as crianças!

